



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
EM SAÚDE – PPGICS/ ICICT/ FIOCRUZ**

KARINA DE SOUZA COSTA

CHEIRO DE RISCO

**COMO O JORNAL A TARDE CONSTRÓI SENTIDOS SOBRE A POLUIÇÃO E
SUAS CORRELAÇÕES COM O POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI**

Rio de Janeiro,

2017

KARINA DE SOUZA COSTA

CHEIRO DE RISCO

**COMO O JORNAL A TARDE CONSTRÓI SENTIDOS SOBRE A POLUIÇÃO E
SUAS CORRELAÇÕES COM O POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI**

Dissertação apresentada como requisito para conclusão de mestrado do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICIT) da Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ.

Orientadora: Dra. Márcia de Oliveira Teixeira

Coorientador: Dr. Wilson Couto Borges

**Rio de Janeiro,
2017**

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ - RJ

C837 Costa, Karina de Souza

Cheiro de risco: como o jornal A Tarde constrói sentidos sobre a poluição e suas correlações com o Polo Industrial de Camaçari / Karina de Souza Costa. – Rio de Janeiro, 2017.
xvi, 136 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2017.
Bibliografia: f. 128-130

1. Discurso. 2. Sentidos. 3. Jornal A Tarde. 4. Poluição. 5. Camaçari.
I. Título.

CDD 363.731014

KARINA DE SOUZA COSTA

CHEIRO DE RISCO

**COMO O JORNAL A TARDE CONSTRÓI SENTIDOS SOBRE A POLUIÇÃO E
SUAS CORRELAÇÕES COM O POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Márcia Teixeira.

Aprovado em 27 de março de 2017

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Márcia de Oliveira Teixeira

Coorientador: Dr. Wilson Couto Borges

Banca: Prof^a. Dra. Janine Miranda Cardoso (PPGICS/ICICT/FIOCRUZ)

Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira (Pós-Com/UFBA)

Data da defesa: 27 de março de 2017

“Há quem passe por um bosque
e só veja lenha para fogueira”

Autor desconhecido

AGRADECIMENTOS

A necessidade de agradecer não satisfaz e entenece aos que são lembrados, é agradecendo que a gente sente e materializa que esse momento chegou.

Agradeço ao Deus que acredito por Ele ter me dado o fôlego da vida, e todas as oportunidades que o dom de viver nos oferece.

Aos meus familiares por me apoiarem na vinda ao Rio e me acolherem no retorno à Bahia. À minha mãe, Amália, por todo apoio e amor.

À minha avó paterna, a professora Arlinda Cerqueira, minha inspiração. Ao meu avô, Zeca Manteiga, eu defendo esta dissertação no seu aniversário de 90 anos.

Aos meus irmãos e sobrinhos, mas em especial minhas irmãs, meus amores maiores da vida, Fernanda e Milena. O amor é uma razão de continuar, o amor espanta o medo, o amor encoraja.

E, sobretudo, sou grata por cada orientação cuidadosa, mas mais do que isso, agradeço o cuidado na sua forma mais extensa e generosa que conheci de minha orientadora, a professora Dra. Márcia Teixeira, que me tomou pela mão e disse a todo tempo que era possível, que abraçou um tema fora de sua zona de conforto acadêmico por mim, por nós, porque colocou acima de tudo meus interesses acadêmicos futuros.

A Raíza Tourinho, Pedro Raoni e a Rafael que me deram o único pedaço de Bahia aqui, no Rio; acrescido de amizade, parceria e leveza.

Agradeço a Stéphanie Lyanie, a amiga que o Rio me deu, colega de turma, sua coragem e força te agigantam. Obrigada pelos bons momentos, pelo calor humano, pelo bom humor: “Catedráticos, ‘bora’ discutir Foucault!”. Aos demais colegas da turma 2015, vocês são os melhores que eu poderia esperar para minha estada no Rio, meu beijo mais que especial a Rafaela Luzia, Cristiana Ivancko, Jéssica Muzy, Aline Faria e Daniela Savaget.

Gratidão a Ellen Christine, com quem dividi um teto por 11 meses, quis a vida que cada uma seguisse seu rumo, mas aprendi muito com sua generosidade e humildade. E a *roommate*, Luana Greco, por me ouvir e encher minha vida de barulho e humanidades: obrigada.

Abro um parágrafo para Agatha Franco, alguém que sem me conhecer direito abriu portas da casa e me ofereceu amizade e aprendizagem.

Obrigada aos professores do programa, em especial a professora Dra. Adriana Aguiar, por ser uma inspiração no frio e técnico mundo da academia. Aos professores Dra. Janine Cardoso e o professor externo Dr. Carlos Freitas pela colaboração na qualificação, sem a qual seria impossível chegar a este, ainda que humilde, resultado do meu trabalho. Obrigada a todas as meninas da Gestão Acadêmica, principalmente a Rosilene e Tatiane, desde a seleção até meu agendamento da defesa, obrigada.

Deixo por fim, meu agradecimento à cidade do Rio de Janeiro, seu calor, meus medos, suas dinâmicas, a vida pulsante em cada praça, novas formas de ser e estar no mundo.

RESUMO

Esta dissertação analisa as operações discursivas e a construção de sentidos realizadas pelo jornal A Tarde, da Bahia, na cobertura da temática da poluição (atmosférica, hídrica e do solo) entre os anos de 2012 e 2015, buscando suas correlações com o Polo Industrial de Camaçari. A base teórica-metodológica da pesquisa foram os paradigmas sobre o discurso do filósofo russo Mikhail Bakhtin e seus leitores brasileiros, como José Luiz Fiorin, Milton José Pinto e Inesita Soares Araújo. Por tomar esses teóricos, esta dissertação não opera o que canonicamente se chama de Análise do Discurso (AD), mas busca com bases nesses paradigmas e na leitura da Semiologia dos Discursos Sociais de Eliseo Verón, o entendimento dos possíveis sentidos construídos na cobertura do tema da poluição. Interessa-nos observar quais traços e contextos relevam os discursos, como constrói ideologias. Foi considerado como parte do contexto as questões da Modernidade, o contexto do emprego e do industrialismo, numa sociedade dominada pelo capital financeiro e também as condições em que são produzidas as informações sobre os impactos ambientais. A pesquisa contextualiza o território no qual se insere o jornal A Tarde e se pergunta como a poluição enquanto resultado das atividades industriais, com destaque para o Polo Industrial de Camaçari, aparece nos efeitos de sentidos de saúde. Para isso analisa 15 textos entre matérias e reportagens do jornal A Tarde e aponta como resultados o desaparecimento do Polo como contexto ou agente da cena da poluição, a preponderância de Salvador como cenário de interesse do jornal em detrimento das demais cidades da Região Metropolitana de Salvador, a distribuição desigual de espaços de fala, o efeito ideológico da poluição. Tais resultados permitem dizer que o jornal observado não considera a poluição um problema de saúde e tampouco considera Camaçari como contexto da cena da poluição.

Palavras-chaves: Discurso. Sentidos. Jornal A Tarde. Poluição e Camaçari.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the discursive operations and the construction of meanings by A Tarde Newspaper (State of Bahia) covering the theme of pollution (air, water, and soil) between the years of 2012 and 2015, in the search for its correlations with the Industrial Complex of Camaçari. The theoretical and methodological bases of this research were the paradigms of the Russian philosopher Mikhail Bakhtin's discourse and his Brazilian readers, such as José Luiz Fiorin, Milton José Pinto, and Inesita Soares Araújo. As we addressed these theorists, this dissertation does not apply what is canonically called the Discourse Analysis (AD), but seeks, based on these paradigms and on the reading of the Semiology of Social Discourses by Eliseo Verón, the understanding of the possible meanings constructed in the pollution theme coverage. We are interested in observing which features and contexts are relevant to discourses, how ideologies are built. It was considered as part of the context the issues of Modernity, the context of employment and industrialism in a society dominated by the financial capital, as well as the conditions in which the information about the environmental impact is produced as part of this perspective. The research contextualizes the scenario in which A Tarde Newspaper is placed and asks how pollution, as a result of industrial activities, especially from the Industrial Complex of Camaçari, arises in the effects of health senses. To that end, it analyzes 15 texts among articles and reports by A Tarde Newspaper and it indicates as results the disappearance of the Polo as a context or agent of the pollution scene, the predominance of Salvador as a scenario of interest for the newspaper to the detriment of other cities from the Metropolitan Region of Salvador, the unequal distribution of speech spaces, the ideological effect of pollution. Such results allow us to say that the observed newspaper does not consider pollution as a health, nor does it consider Camaçari as a context in the pollution scene.

Key words: Discourse. Senses. A tarde Newspaper. Pollution and Camaçari.

TABELAS E FIGURAS

| | |
|---|------------|
| Tabela 1. Produção Científica em Saúde sobre o Polo de Camaçari..... | 13 |
| Tabela2. Quantidade de matérias sobre poluição por mês/ano | 63 |
| Tabela 3. Corpus Final | 65 |
| Tabela 4. Resultado 2012..... | 133 |
| Tabela 5. Resultado 2013..... | 134 |
| Tabela 6. Resultado 2014..... | 135 |
| Tabela 7. Resultado 2015 | 136 |

FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|------------|
| Figura 1. Funcionamento da Semiose Social | 48 |
| Figura 2. Redes de Sentidos Sociais..... | 119 |
| Figura 3. Espiral das posições discursivas | 120 |
| Figura 4. O interlocutor e seus contextos..... | 121 |
| Figura 5. Mercado Simbólico | 121 |
| Figura 6. As fontes escolhidas e suas credenciais | 123 |
| Figura 7. Qualidade do ar geral – Monóxido de carbono..... | 131 |
| Figura 8. Qualidade do ar geral – Metano..... | 132 |
| Figura 9. Emissões industriais - Monóxido de carbono | 132 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 O PERCURSO..... | 14 |
| 2 A POLUIÇÃO E SEUS CONTEXTOS | 17 |
| 2.1 A MODERNIDADE E O RISCO DESIGUAL | 21 |
| 2.2 O POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI | 24 |
| 2.3 CIDADE INDUSTRIAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E AMBIENTAIS | 26 |
| 2.3.1. CAPITAL NATURAL E AMEAÇAS..... | 28 |
| 3 CONTEXTUALIZANDO A LINGUAGEM | 30 |
| 3.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O JORNALISMO | 30 |
| 3.2 UMA APROXIMAÇÃO COM BAKHTIN: CONCEPÇÕES DE GÊNERO..... | 34 |
| 3.2.1 O TEXTO JORNALÍSTICO..... | 36 |
| 3.3 O JORNAL A TARDE | 38 |
| 4 DISCURSO E SAÚDE | 42 |
| 4.1 DISCURSO: PARADIGMAS E TEORIAS | 42 |
| 4.2 A SAÚDE DE QUE FALAMOS..... | 54 |
| 5 COMO SE CONSTROEM OS SENTIDOS DE POLUIÇÃO NO A TARDE..... | 62 |
| 5.1 QUANDO O <i>CORPUS</i> É UM DISCURSO | 62 |
| 5.2 OS MODOS DE DIZER E OS DISCURSOS DE POLUIÇÃO | 67 |
| 5.3 AS FONTES E A ORQUESTRAÇÃO DE VOZES..... | 120 |
| 5.4 RESULTADOS..... | 123 |
| 6 CONSIDERAÇÕES GERAIS..... | 126 |
| 7 REFERÊNCIAS | 129 |
| 8 ANEXOS | 131 |

1 INTRODUÇÃO

A poluição é sem dúvida um dos dramas da modernidade. O refugo da indústria química, siderúrgica ou petrolífera, ou o lixo doméstico, põem em xeque o sonho da pureza, da ordem, da limpeza que a modernidade tem alimentado. O homem moderno, este que planeja, trabalha com certezas, prudência e sabedoria é também um homem imerso num ambiente de risco que ele mesmo criou (BAUMAN, 1998, p. 13-27). Esta dissertação se debruça sobre um tema presente no cotidiano da Região Metropolitana de Salvador e que por seus diferentes *modos de dizer*¹ produz diferentes sentidos sociais: a poluição. Em princípio, pressupõe-se que circulando entre cidades que têm atividades de alto impacto ambiental², o jornal, dentre suas diversas atribuições, como ambiente de diálogos entre as diferentes esferas da sociedade, pudesse conter em si essa realidade.

Em princípio, a pesquisa quis trazer a poluição nas situações mais cotidianas, retirando as situações de tragédias, os acidentes ambientais e, por isso, fez um recorte temporal de quatro anos (2012-2015), escolhendo textos em que o narrador parece tentar visitar as diferentes realidades de uma situação, algum dos pressupostos do jornalismo (GENRO-FILHO, 1987). Os critérios de seleção do texto são do analista, um detetive sociocultural (PINTO, 2002), por representar os temas recorrentes no jornal. Foram 17 textos³ separados para a análise, utilizando trabalho manual e apoio do Centro de Documentação (CEDOC) do jornal A Tarde, da unidade situada na Biblioteca Pública do Estado da Bahia dos Barris, no bairro Barris, em Salvador.

O trato na análise de sentidos foi essencialmente os paradigmas discursivos de Mikhail Bakhtin, um filósofo russo pós-saussureano, que entende a língua como autônoma, irracional e socialmente constituída. Para melhor entendimento de Bakhtin, esta dissertação dialoga com os intérpretes do mesmo: o professor de linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), José Luiz Fiorin, o professor falecido da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), Milton José Pinto e a pesquisadora Inesita Soares Araújo (ICICT/FIOCRUZ).

¹ Conceito que será desenvolvido nessa dissertação a luz do que diz Milton José Pinto (2002)

² São consideradas atividades de alto impacto ambiental aquelas que devem apresentar Estudo de Impacto Ambiental/ Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA/RIMA), segundo a Resolução CONAMA no 001 de 1986.

³ A definição de texto é de uma reunião de elementos articulados com propósito de estabelecer uma narrativa (MAINGUENEAU, 2014).

Tomando a poluição como problema de saúde pública, esta dissertação também versa sobre o que é saúde e quais as implicações dos modos como a saúde é compreendida nas práticas discursivas e também nas práticas dos ambientes de cuidado e tratamento de saúde. Evito aqui apenas o uso de ambientes hospitalares pela restrição do que seriam as práticas de saúde. Como referência para este tema: o médico e epidemiologista do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), Naomar de Almeida Filho, e a médica e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Dina Czeresnia, ambos propondo a pensar a saúde como um processo mais amplo que a ausência de doenças.

O primeiro capítulo desta dissertação trata-se de uma contextualização do problema da poluição, de forma mais abrangente. O capítulo 2, *A Poluição e seus contextos*, por sua vez, traça um panorama para o leitor sobre o problema em nível internacional, nacional e local, e as correlações com a saúde humana e do ambiente, de modo que se justifique a relevância do tema e a necessidade de investimento intelectual nessa pesquisa. Ver-se no capítulo a necessidade de pensar o conceito de modernidade e o *industrialismo*, este como instituição da modernidade, e as implicações do modo de viver do homem moderno. Uma vez que os paradigmas bakhtianos e o pensamento semiológico sobre o discurso buscam os traços dos modos de produção que emanam no texto, esta discussão pareceu essencial.

O capítulo 3, *Contextualização da linguagem*, propõe trazer algumas concepções sobre o jornalismo e gênero de discurso. Não se trata de qualquer ambiente da língua, mas do jornalismo e seu poder simbólico. Como leitora de Bakhtin, não foi possível fugir da noção de gênero, nem de ideologia e, embora Pierre Bourdieu seja pouco utilizado diretamente, a obra *O Poder Simbólico* (1989), do sociólogo francês, norteia importantes autores do campo da comunicação e saúde: Inesita Soares Araújo e Janine Cardoso, utilizados no presente trabalho. Ainda neste capítulo há uma tentativa de apresentação do jornal A Tarde, escolhido como objeto de estudo.

Atualmente, o jornal vende cerca 40 mil⁴ exemplares por dia, sendo o segundo mais vendido do estado, desde 2010. No capítulo 4, *Como o Jornal A Tarde Constrói Sentidos De Poluição*, desenha-se um quadro teórico do que se compreende como saúde e discurso e, logo após, é feita a análise e apresentado seus resultados. Mas antes de ir para o trabalho, faz-se necessário desenvolver aqui uma breve narrativa do percurso para que se chegasse a este manuscrito.

⁴ Dados de setembro de 2016 do Instituto de Veiculação e Circulação (IVC).

1.1 O PERCURSO

A seleção para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação em Saúde (PPGICS) da Fiocruz utiliza como método uma carta de apresentação que reúne o interesse de pesquisa do candidato ao mestrado e sua breve bagagem teórica. O que significa que ao chegar aqui, durante o processo de desenvolvimento do projeto até a defesa, busca-se ampliar o caminho de definições e, como deve acontecer em todas as pós, apurar a arte de recortar, reduzir e enxergar.

A carta de intenções versou sobre compreender as diferentes informações sobre meio ambiente que circulavam a partir dos órgãos de comunicação do Polo Industrial, da Prefeitura Municipal de Camaçari, o sindicato dos trabalhadores e de um jornal lido no município. Situada num programa de Comunicação e Informação em Saúde, a pesquisa deveria pensar a saúde como mote. O primeiro passo, já sob a orientação, era buscar um problema, uma perturbação ambiental específica que causasse impacto sobre a saúde da população de Camaçari e adjacências. Utilizou-se como base de dados o Scielo, o Portal de Periódicos da Capes, além da Bireme. Na tabela (1) a seguir os resultados:

Tabela 1 Produção científica em saúde sobre o Polo de Camaçari

| Palavras-chave | SciELO | Capes | Bireme |
|-----------------------|--------|-------|--------|
| Camacari and saude | 7 | 23 | 30 |
| Camacari and ambient* | 4 | 13 | 25 |

Fonte: Scielo, Capes, Bireme. Elaboração: autora

A produção científica em saúde sobre o objeto de estudo conduziu-nos ao Benzeno como elemento de investigação que reúne saúde/ meio ambiente (ver tabela 1). Os estudos encontrados sobre o município que correlacionam esses aspectos, preponderantemente, falam do Benzeno⁵. Desde o final do século XIX, com a Revolução Industrial, esse produto passou a ser utilizado na indústria e, em 1920, ganharam repercussão casos de adoecimento que estariam ligados à exposição a este produto. No Brasil, a Política do Benzeno se inicia em

⁵ Trata-se de um composto aromático incolor utilizado na siderúrgica e na petroquímica na produção de tintas, vernizes e etc, adicionado à gasolina, ao etanol, está na composição de produtos de limpeza e também em refrigerantes e, de acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), cerca de 700 mil trabalhadores lidam com este produto no Brasil, em 2014. A International Agency for Reseacher of Cancer define o Benzeno como substância do grupo 1, ou seja, comprovadamente cancerígena cuja principal ação se dá sobre a medula óssea (órgão instalado entre os ossos chatos e é o principal produtor de sangue) e pode resultar em doenças como Leucemia e Linfoma. Não há nível de exposição segura ao produto.

1980, quando movimentos sindicais junto ao movimento de Reforma Sanitária, que emergia no Brasil, e motivados por uma epidemia de benzenismo, levam ao público o adoecimento de três mil trabalhadores nos Polos do Brasil. Em 1983, o Brasil assina um acordo entre o Ministério da Saúde e o Ministério do Trabalho e Emprego determinando que os produtos acabados, ou seja, aqueles prontos para o consumo, teriam no máximo 1% de Benzeno em sua composição (MESQUITA et al. 2003).

A investigação sobre benzeno esbarrou na problemática do silêncio, denominado “silenciamento epidemiológico” (COSTA, 2015). Não existem vestígios desse problema nos jornais de grande circulação e o sindicato, o Sindicato dos Trabalhos da Indústria Química da Bahia (Sindiquímica), parece não enfrentar o problema, deixando em suas páginas de saúde do Boletim Grave! (o *house organ* da entidade) um espaço, sobretudo, de reivindicação por planos de saúde e por adicionais salariais pelos riscos que entendem correr na execução das atividades laborais. Atualmente, é possível dizer que os trabalhos relacionados ao benzeno no campo da comunicação se restringem em campanhas educativas para os trabalhadores. Assim havia se passado um ano de pesquisa. Então, a saída era ir para o jornal e focar no drama da poluição que a ciência correlaciona com problemas de saúde. A princípio, buscava-se investigar um ano do jornal A Tarde, justamente o ano de 2015 em virtude do aparecimento no noticiário do Zika vírus. Pode-se adiantar que o jornal A Tarde revela um descolamento entre o Polo e a poluição, entre o Polo e problemas de saúde.

Ao que, por fim, chegou-se a esta dissertação que tem como o objetivo-geral analisar a produção de sentido na cobertura de eventos relacionados ao problema da poluição no jornal A Tarde, entre 2012 e 2015. Para isso deve-se contextualizar a Poluição e os problemas de saúde que estão relacionados ao problema, discutir a linguagem jornalística e o papel social do jornal e analisar os discursos sociais sobre poluição e como tais discursos participam da representação e significação do tema.

2 A POLUIÇÃO E SEUS CONTEXTOS

Todos os anos três milhões de pessoas morrem em decorrências da poluição atmosférica, segundo o relatório divulgado em 27 de setembro de 2016 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), constando ainda que cerca de 92% da população mundial respira ar poluído⁶. Por meio de satélite, em 2012, a organização atualizou os índices de qualidade do ar e monitorou três mil pontos na Terra, entre localidades urbanas e rurais. O estudo foi desenvolvido pela OMS em colaboração com a Universidade de Bath, do Reino Unido, e as informações estão no relatório aberto ao público no site da Organização Pan-Americana de Saúde OPAS/ OMS, sob o título de *Ambient air pollution: A global assessment of exposure and burden of disease*.

Esta estimativa não considera as vítimas da poluição das águas, que deixa famílias com sede e sem alimentos, nem dá conta das vidas afetadas pelas atividades que poluem e causam impacto sobre os solos e também reduzem a oferta e variabilidade de produtos agrícolas. Os danos estão em toda parte. Em fevereiro deste ano, dia 13, o volume 1 da revista *Nature* publicou o artigo *Bioaccumulation of persistent organic pollutants in the deepest ocean fauna*, que apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Arbedeen, na Escócia, avaliando o nível de toxicidade dos animais encontrados na zona mais profunda da Terra. Os resultados revelam que a poluição causada pela atividade humana chegou às fossas submarinas mais profundas: o chamado abismo Challenger na fossa das Marianas — o lugar mais profundo da Terra, situado a 10.900 metros de profundidade, e também à fossa de Kermadec, esta a 10.047 metros de profundidade, ambas no Oceano Pacífico (JAMIESON et al, 2016).

Mas, atentando ao problema da poluição do ar, a OMS a correlaciona às doenças cardiovasculares, acidentes vasculares cerebrais, doenças pulmonares obstrutivas crônicas e cânceres de pulmão. A organização diz que a poluição do ar também aumenta o risco de infecções respiratórias agudas. Com a produção industrial assentada sobre o uso energético do carvão, a China, hoje, apesar das metas ambiciosas de Pequim para reduzir a poluição atmosférica, está com o nível de poluição 5,4 vezes a quantidade recomendada pela OMS. Com a economia muito voltada ao setor do aço e do cimento, a China teve 1.032.833 mortes

⁶ Disponível em WHO (27/09/2016). Disponível em: <http://who.int/phe/publications/air-pollution-global-assessment/en/>

por ano, em decorrência de problemas atmosféricos, sendo a maior causa de mortes por doenças no país (OMS, 2016).

Na Europa, movimentos ambientalistas pedem ajuda da ONU para intervir na situação dos rios Tejo e Vizela, em Portugal, ambos ameaçados na sua integridade pelos insumos das atividades industriais, segundo o site público. A poluição do ar também tem feito vítimas na Europa e na América do Norte, segundo este mesmo sítio. Desde os anos 40, a poluição do ar se apresenta como um problema para o Velho Mundo. As razões seriam a queima desenfreada de carvão, assim como a emissão de poluentes resultantes do *boom* industrial que originam as chuvas ácidas. O mesmo se passou na América do Norte e na Rússia (COSTA, 2010).

Mas é na Índia, no entanto, que a qualidade do ar apresenta os piores níveis de todo mundo, ultrapassando China, Paquistão, Nepal e Bangladesh. O país possui uma taxa de concentração de poluente 6,2 vezes maior que a recomendada pela OMS (2016). Desde 2012, no Fórum Econômico Mundial em Davos, houve a divulgação de ranking, o qual foi elaborado por pesquisadores das universidades de Columbia e Yale, ambas nos EUA, considerando 132 nações, colocando a Índia no nível mais crítico da poluição e a OMS descobriu que as infecções respiratórias são uma das causas mais comuns de mortes de crianças abaixo dos cinco anos na Índia, e contribuíram com 13% das mortes em enfermarias pediátricas no país. Nada parece ter sido feito até os dias atuais, como é possível verificar no site interativo da OMS, o *Air Breathe Life*. Hoje⁷, o país tem como principal causa de morte relacionada à poluição as doenças isquêmicas. Na Índia, 621.138 pessoas morrem devido à poluição atmosférica, por ano.

No Brasil, o número de mortes relacionadas a doenças desenvolvidas devido à poluição é de 26.241 pessoas por ano. As doenças cardiovasculares são as principais causas, aponta o relatório da OMS (2016). Frisa-se que o nível de poluição atmosférica do Brasil, em média, está exatamente dentro do preconizado pela OMS. Ainda que esta poluição em média geral seja aceitável, em outubro de 2005, pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) divulgaram um estudo apontando que a poluição em níveis elevados pode estar ligada à elevação da incidência de abortos naturais, má-formação dos fetos e redução dos nascimentos de bebês do sexo masculino. As conclusões foram apresentadas na reunião da Sociedade Americana para Medicina Reprodutiva, em Montreal, no Canadá, divulgou o jornal *O Estado de São Paulo* (2005).

⁷ Visita ao site *Air Breathe life* em Janeiro de 2017

Mas os danos da poluição estão muito alinhados com as doenças não-transmissíveis e tratáveis, as doenças crônicas. No ano de 2012, uma pesquisa realizada na região do Polo Industrial de Cubatão, em São Paulo, relacionou a atividade petroquímica ao aumento de doenças endócrinas, tais como distúrbios da tireoide. Depois de 15 anos investigando o tema, a professora Maria Ângela Zaccarelli-Marino, em Santo André, da Faculdade de Medicina do ABC, concluiu que moradores da área tinham cinco vezes mais chances de desenvolver distúrbios da tireoide. Os resultados foram publicados em maio na revista científica *Journal of Clinical Immunology*, um dos mais conceituados periódicos científicos do mundo.

Este ano, em 2017, a pesquisa foi atualizada e publicada sob o título *Overt Primary Hypothyroidism in an Industrial Area in São Paulo, Brazil: The Impact of Public Disclosure*. Em colaboração com a USP e com os pesquisadores Carmen Saldiva André e Julio Singer, a docente da Fundação ABC mais uma vez apresentou seu estudo, agora no periódico suíço *International Journal of Environmental Research and Public Health*. A pesquisa novamente mostrou que pessoas que vivem nas proximidades de Polos Petroquímicos podem desenvolver tireoidite autoimune, a Tireoidite de Hashimoto, e, por conseguinte, mantiveram-se cinco vezes mais propensas ao hipotireoidismo⁸ do que aqueles que vivem distantes.

Em 2015, o Caderno de Saúde Coletiva publicou no volume 23 o artigo *Epidemiologia de desfechos⁹ na saúde humana relacionados à poluição atmosférica no Brasil: uma revisão sistemática*. O estudo revisou 432 pesquisas e correlacionou 55 desfechos de doenças incluindo de mortalidade infantil a invalidez. Em 62% dos casos houve uma relação entre os desfechos e os índices de concentração de poluentes, mesmo em níveis aceitos dentro da legislação brasileira. “Todos os estudos avaliados neste trabalho fazem menção à necessidade de (re) definição dos padrões de aceitabilidade nos níveis de concentração dos contaminantes atmosféricos” (PEREIRA e LIMONGI, 2015, p.97).

Na Bahia, a cidade de Madre de Deus (67 Km da capital, por via terrestre) é a única da Região Metropolitana de Salvador acompanhada pela OMS no relatório mais recente que a organização publicou (2016). O índice de poluição está dentro do que a entidade preconiza como seguro para a saúde humana. A cidade fica próxima à Refinaria Landulpho Alves, que

⁸ Doença que torna a glândula da Tireoide insuficiente na produção de hormônios e deve ser tratada ao longo de toda vida do paciente;

⁹ Desfecho é um conceito advindo da teoria da História Natural da Doença (HDN) que, em suma, toda doença desencadeia em três possibilidades: óbito, cura ou seqüela

se situa político-administrativamente no município São Francisco do Conde (11 Km), está também próxima do Polo Industrial de Camaçari (40 Km), em Camaçari, e da Vale S/A, em Simões Filho (37 Km); a primeira do ramo petrolífero, o segundo da petroquímica e o terceiro do ramo siderúrgico, ramo de extração do manganês. Segundo a Plataforma Sistema de Estimativa de Emissão de Gases do Efeito Estufa (SEEG), uma iniciativa do Observatório do Clima, mantida por associações de ONGs, a Bahia emitiu 74.139.572 toneladas de poluentes no ar em 2014, ocupando o oitavo lugar no país entre os que mais poluem.

Neste estudo, o foco é a Zona de Influência do Polo Industrial (ZIP) de Camaçari, que se situa entre os municípios de Camaçari e Dias D'Ávila (45 e 60 km de Salvador). Mas como a poluição atmosférica não encontra barreiras territoriais, esta emissão está intimamente ligada à saúde ambiental de toda região metropolitana de Salvador. A ZIP circunscreve a zona de impacto direto do Polo Industrial de Camaçari, que reúne 90 empresas em um complexo industrial integrado, considerado o maior da América Latina. No complexo industrial são 15 mil trabalhadores diretamente empregados, segundo o Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (COFIC). Dentre as 90 empresas, 23 são do complexo petroquímico, há produção automotiva, produção de fertilizantes e celulose e, mais recentemente, 2014, foi inaugurado um complexo de produção de plástico (2015) (MESQUITA, 2002).

O meio ambiente não fica incólume a tantas ações. O Centro de Previsão e Estudos Climáticos (CPTEC)/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) monitora a qualidade do ar fornecendo mapas temáticos que revelam a distribuição espacial de Material Particulado, Monóxido de Carbono (CO), Óxido de Nitrogênio (NO_x), Ozônio (O₃), Metano (CH₄) e os Compostos Orgânicos Voláteis (COVs) no Brasil. No sítio pode-se observar a presença constante de uma mancha no mesmo local onde está a Zona de Influência do Polo (ZIP) (ver anexos p. 132). As taxas de concentração do local são de diferentes gradações para cada elemento, mas com a constância de que o ar tem sua qualidade avaliada entre “moderada” a “grupo de risco”.

Entre os riscos ao ambiente nesta zona está a maior produção de O₃¹⁰, a produção de COVs¹¹, por sua vez, está enquadrada no painel como “grupo de risco”, estes últimos são de

¹⁰ O ozônio é um gás muito instável que possui três moléculas de oxigênio. Ele reduz a incidência de raios Ultra-Violetas (UVB), responsáveis pelo aumento de câncer de pele, segundo o site eCycle (2017)

¹¹ Os COVs são compostos orgânicos à base de carbono. Por terem baixo ponto de ebulição, evaporam e agridem a camada de ozônio, gerando impactos negativos ao meio ambiente e sobre a saúde humana. A exposição prolongada a essas substâncias pode causar casos crônicos: dor de cabeça, fadiga, confusão, irritação nos olhos, alergias, danos ao sistema nervoso e respiratório, ao fígado e rins (2017).

rápida evaporação e reagem com óxidos nitrosos aumentando os processos danosos à Camada de Ozônio, segundo o próprio CPTEC/ Inpe. Para a saúde humana, os COVs estão relacionados a doenças como câncer, danos ao fígado, doenças crônicas e danos ao sistema nervoso central, segundo o Departamento de Saúde da Universidade de Minnesota, Estados Unidos (BRASIL, 2014).

2.1 A MODERNIDADE E RISCO DESIGUAL

A partir da invenção da máquina à vapor, fim do século XIX, as atividades industriais intensificaram a poluição industrial e modificaram ainda mais os modos de agir do homem sobre o mundo. Com a Revolução Industrial, o homem assume o papel de força motriz das alterações globais do planeta, por isso vivemos uma nova era geológica, o Antropoceno, como definem os pesquisadores (MACHADO, 2014). Giddens (1990, p.16) considera que vivemos um período marcado por severa descontinuidade na ordem social, tal a dimensão das mudanças nas formas de vida, de produção, de percepção do tempo e do espaço. A poluição é um dos produtos da era pré-moderna, mas na modernidade ela é racionalizada e não está igualmente distribuída no mundo, bem como os riscos dela decorrentes.

Entre 1890 e os anos 2000, a produção industrial cresceu 40 vezes no mundo e a poluição do ar cinco vezes, enquanto espécies de fauna e flora foram desaparecendo (FREITAS e PORTO, 2006). O modelo de desenvolvimento empreendido no mundo, mais fortemente, a partir do século XIX, tem estendido os anos de vida do homem, fornecendo inovações nos diferentes setores da vida. Mas, em contrapartida, as atividades geram mais impactos e os modelos de globalização da produção criaram zonas em que há vidas que valem menos, ou que “podem” sofrer mais fortemente os impactos do progresso tecnocientífico. Viver sob o risco, em seu conceito ecológico, passou a ser considerado como uma necessidade da sociedade para o progresso, o desenvolvimento (PORTO, 2012). O risco, segundo Giddens (1990):

é um termo que passa a existir apenas no período moderno. A noção se originou com a compreensão de que resultados inesperados podem ser uma consequência de nossas próprias atividades ou decisões, ao invés de exprimirem significados ocultos da natureza ou intenções infáveis da deidade (p. 32-33).

Segundo Giddens (Ibid. id.), uma das características da modernidade é a constituição de *sistemas abstratos*, como o *sistema de confiança*, os *sistemas peritos* e as *fichas*

simbólicas. Giddens propõe uma discussão sobre a modernidade ocidental cuja característica principal é o deslocamento da relação tempo-espço:

A confiabilidade relativa aos mecanismos de desençaixe é diferente, embora a fidedignidade seja ainda central e as credenciais certamente estejam envolvidas. Em certas circunstâncias, a confiança em sistemas abstratos não pressupõe encontro algum com os indivíduos ou grupos que são de alguma forma "responsáveis" por eles. Mas na grande maioria das instâncias tais indivíduos ou grupos estão envolvidos, e devo me referir a encontros com eles por parte dos atores leigos como os pontos de acesso dos sistemas abstratos. Os pontos de acesso dos sistemas abstratos são o terreno comum dos compromissos com rosto e sem rosto (GIDDENS, *Ibid.*, p.76-77).

Giddens completa: "a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos" (Giddens, *Ibid.*, p.77). A confiança é crucial como elemento de estabilidade das relações sociais e da ordem do *industrialismo*, sobretudo a confiança nos sistemas peritos: "sistemas de alta tecnologia e competência técnicas que criam em si uma área, um ambiente" (*Ibid.*, p. 30). Os sujeitos dispõem, em geral, de conhecimento leigo e confiam nos especialistas. O modo de percepção e de viver do sujeito inserido na modernidade radicalizada está baseada na previsibilidade, no conforto de ter certas expectativas constantes ao longo da vida, pois a mudança permanente desconforta.

Esse modo de viver vem de uma segurança ontológica que não é moderna, pois existiria para Giddens em sociedades pré-modernas. Ela é um sentimento de segurança em relação à identidade, ao mundo material e às ações nesse mundo. "O risco e o perigo, como vivenciados em relação à segurança ontológica, tornaram-se secularizados juntamente com a maior parte dos outros aspectos da vida social" (*Ibid.*, p. 99). Hoje vivemos em "um mundo estruturado principalmente por riscos humanamente criados" (*Ibid.*, p.100).

Ao estar próximo a um Polo, ou trabalhar nele, as pessoas leigas confiam que os perigos são afastados pelo saber técnico. De maneira inconsciente, os sujeitos são levados a desconsiderar os riscos, pois pensar sobre tais riscos a todo tempo seria perturbador e difícil para se viver em sociedade, evitando o risco de ser alvo de zombaria e rotulado de paranoico. Pensar a todo tempo no perigo seria também não reconhecer a ciência moderna e todo o seu poder de dominação sobre a natureza.

Ocorre que vez por outra os sujeitos têm acesso aos *pontos de acesso* dos sistemas, "pontos de conexão entre indivíduos ou coletividades e os representantes de sistemas abstratos. São lugares de vulnerabilidade para os sistemas abstratos, mas também de junções

nas quais a confiança pode ser mantida ou reforçada” (GIDDENS, 1990, p. 81). Foi o que ocorreu no caso de Chernobyl, em abril de 1986, ou mesmo o Césio-137, em Goiás, em setembro de 1987, em que o Instituto Goiano de Radioterapia (Santa Casa de Misericórdia) dispensou sem nenhum cuidado material radioativo. Todos esses acidentes foram consequências de falhas humanas.

Para Giddens eles reintroduzem e destacam a participação humana na operação de sistemas especialistas. Concedem também humanidade ao sistema de peritos e árbitros. A humanização nos remete à possibilidade do erro. A confiança nos sistemas peritos é possível porque vivemos sob o imperativo da ciência moderna. De fato, do ímpeto científico de dominação da natureza e transformação da sociedade, se origina o aumento da longevidade, as inovações biomédicas que tornam possível a manutenção da vida que em outros contextos não seria possível.

Entretanto, problemas de saúde ambiental, como a poluição atmosférica, assolam o planeta, desequilibram ecossistemas, geram aumentos de vetores de transmissão e seguem adoecendo os seres humanos. Ainda assim, somos formados considerando que embora a ciência não consiga dirimir nenhum destes problemas, o fará em um futuro próximo. Contudo, impactos negativos e positivos não são compartilhados na mesma medida pela população, segue-se a máxima de privatizar os lucros e compartilhar os danos (MACHADO, 2014).

Freitas e Porto (2006) nos ajudam a entender que condições socioeconômicas, geográficas e ambientais corroboram para processos de *injustiçamento ambiental*, a partir do fato de que existem “zonas de sacrifício”, lugares e pessoas, cujos poderes públicos locais e organizações privadas admitem com maior intensidade esse compartilhamento de danos. Aqueles que vivem nas regiões próximas de indústrias químicas, como ocorre no Polo Industrial de Camaçari, estão no cerne das questões de Justiça Ambiental. Estar desigualmente exposto a substâncias químicas é fruto de processos sociohistóricos, de conjunturas sociopolíticas locais e da invisibilidade ou negligência dos riscos.

“O que existe em comum entre a população indígena que está sendo afetada na Amazônia pela construção de barragens hidrelétricas ou os moradores de um conjunto habitacional popular de São Paulo construído em cima de uma área onde, durante décadas, resíduos perigosos, foram enterrados sem o menor cuidado? (...) as 'Zonas de Sacrifício', nas quais as populações pobres são forçadas a morar?” (FREITAS e PORTO, 2006, p. 87-88).

O Carbon Disclosure Project (CDP), uma organização independente especializada no reporte climático das empresas e em ajudar na comercialização de crédito de carbono¹², em 2013¹³, forneceu a classificação dos 50 principais emissores de poluição no mundo e informou que 16 destas empresas são norte-americanas, seis são do Reino Unido e cinco vêm do Canadá, da França e da Alemanha, segundo a revista Exame. Todavia, essas empresas concentram suas unidades na América Latina, África e Ásia. A ONU divulgou, em agosto de 2016, que a poluição das águas em países da África, da América Latina e da Ásia está colocando 323 milhões de pessoas sob o risco de contraírem doenças como cólera, febre tifoide, hepatite e diarreia. Não à toa estes continentes concentram as populações mais pobres. Por outro lado, o índice geral de poluição de Nova York está abaixo da média do Brasil. Em todos os EUA, por ano, morrem 38.043 pessoas por doenças relacionadas à poluição, muito diferente do cenário dos países em que se instalam as indústrias.

Os riscos são humanamente criados, como fala Giddens (1990), mas não são igualmente distribuídos. A pesquisadora em saúde pública, Rita Barata (2012, p.12), diz que o comportamento de risco e as situações variam de acordo com grupos sociais. As desigualdades na exposição aos riscos são proporcionais à desigual distribuição de riqueza, sobretudo, a partir do século XIX (Ibid. p.15). Mesquita (2002) defende que a Zona de Influência do Polo (ZIP) é uma área de exposição desigual, em Camaçari, Bahia, em que a própria configuração social, ou seja, o fato das moradias mais próximas ao Polo serem mais pobres e aquelas situadas em áreas mais ventiladas, litoral, e de menor concentração de poluentes, é habitada por pessoas de maior poder aquisitivo, revela essa desigualdade.

2.2 O POLO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI

Em 1970, o presidente do país, o general Emílio Garrastazu Médici, após uma década de negociação política, anuncia que a cidade de Camaçari iria sediar a primeira petroquímica estatal brasileira cuja função seria trabalhar com os insumos da siderúrgica. O projeto de instalação do Polo Petroquímico foi disputado com grandes organizações e grupos políticos de São Paulo, cujo interesse era levar o setor para o Polo de Cubatão. Sob a justificativa da

¹² Sistema que capitaliza a redução de emissões de carbono, criado em 1999, com a assinatura do Protocolo de Kyoto. Ex: Uma tonelada de CO₂ corresponde a um crédito de carbono. Como cada país tem uma cota de poluição, aqueles que reduzem abaixo da cota podem vender seus créditos para os países que poluem acima da meta.

¹³ O último relatório fornecido pela organização.

logística facilitada entre o local de extração do Petróleo, a região de Mataripe, e de levar industrialização para o Nordeste, a Bahia foi a escolhida (VIANA FILHO, 1984).

Ainda segundo Viana Filho (1984), a vinda do Complexo Petroquímico seria uma forma de reduzir as disparidades econômicas entre Sudeste e Nordeste. Para isso foi escolhido um município com amplo território e matéria-prima acessível. Assim, Camaçari, um dos treze municípios que compõem a Grande Salvador, passou a sediar, em 1978, empresas do setor petroquímico. Em junho daquele ano, começou a operar a Petroquisa (Petrobras Química S. A) (OLIVEIRA, 2004). E de aldeia indígena, refúgio de hippies, Camaçari ganhou o título que hoje lhe dá fama: cidade do emprego. Alçando a 44ª posição em PIB (Produto Interno Bruto) do País, 2ª posição na Bahia e quinta no Nordeste, segundo o IBGE, em 2011.

Desde sua fundação, o Polo se insere no contexto da petroquímica, que faz parte do ciclo produtivo que utiliza os derivados de petróleo para produzir substitutos para uso industrial e doméstico de materiais naturais, como cera, vidro, madeira por sintéticos a partir dos idos de 1920 na Europa. Assim, a partir da queima de insumos do petróleo, como o gasóleo e a nafta, se transformam, basicamente, em benzeno, tolueno e xileno e, depois, em tintas, vernizes, produtos de limpeza, higiene pessoal e em cosméticos (MACHADO et al, 2003).

No Brasil, a indústria petroquímica andou a passos lentos até os anos 70. Foi quando o então presidente, Juscelino Kubistchek, inaugurou uma política preocupada em inserir o Brasil nesse segmento produtivo que se formou uma comissão especial para formular políticas voltadas para o setor (ver cronologia abaixo). A petroquímica se consolida no Brasil durante a crise do álcool no mundo, mas o uso dos gases residuais nacional e a diminuição da capacidade de importação no setor, fortaleceram políticas estatais em curso na época (ANP, 2015).

De acordo com a ANP (Agência Nacional de Petróleo), até outubro de 2015, o Brasil obteve 247.822.352 dólares, somente com os derivados de petróleo do tipo solventes, entre os quais estão o benzeno, etileno, tolueno e xileno. O benzeno¹⁴ corresponde a 63% desses produtos. Isso posiciona o município num espaço de produção e distribuição importante para a indústria química brasileira, mas também situa o município num local de exposição ao risco ambiental.

¹⁴ O benzeno (C₆H₆) é um composto aromático, incolor e de odor característico, definido como agente carcinogênico de grupo 1, ou seja, o grupo dos agentes mais agressivos, associado pela ciência a ações na medula óssea, podendo resultar desde baixa imunidade a Leucemias Mieloides e Linfomas, segundo o In International Agency for Research on Cancer (IARC) (BRASIL, 2015).

De acordo com o Comitê de Fomento à Indústria de Camaçari (COFIC), representante de 60 das 90 empresas que estavam, em 2015, instaladas na área do Polo, são 15 mil empregos diretos, 30 mil por terceirizações, além de toda cadeia produtiva alimentada pela indústria no comércio, bares, restaurantes e hotéis. Cerca de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia está atrelado ao Polo e, para o município de Camaçari, o complexo gera cerca de 90% da arrecadação tributária, a qual estava em torno de R\$ 149 milhões no ano base de 2011, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) (BAHIA, 2011).

Entre as 90 empresas instaladas no Polo, 35 são do setor químico e petroquímico e estão implantadas numa área de 1.293 hectares, de acordo com matéria publicada na Tribuna da Bahia, no dia 29 de junho de 2015, em virtude dos 37 anos de funcionamento do Polo Industrial. “Esse multi-complexo industrial é responsável por mais de 30% do total das exportações baianas e contribui com mais de R\$ 1 bilhão da arrecadação do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para o Estado da Bahia”, diz a publicação. Essa contribuição vem dos produtos gerados por organizações de capital privado como a Braskem, Basf, Ford, Petrobras, Deten Química, Monsanto, Continental e Du Pont.

2.3 CIDADE INDUSTRIAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E AMBIENTAIS

Camaçari é o maior município em extensão territorial da Região Metropolitana de Salvador, com área de 759,8 km², distante 45 quilômetros de Salvador, a capital da Bahia. Limita-se ao norte com os municípios de Mata de São João e Dias d'Ávila; ao Sul com Lauro de Freitas; a Oeste com Simões Filho e a Leste com o Oceano Atlântico (BAHIA, 2005). Sua história de povoamento, nomeação e estruturação política se assemelha a de outras tantas cidades brasileiras, contudo, atravessada a partir da década de 70 com o fenômeno da *cidade-fábrica*. Este fenômeno é descrito por Eric Hobsbawm (1977), que relata o modo como se estruturaram cidades europeias, ao final do século XIX, no entorno das fábricas, formando zonas de povoamento. Esse fenômeno estava no centro da formação social, dos grupos de classe, na promoção da urbanização e dos processos migratórios.

Mas muito antes dos operários, índios Tupinambás ocupavam esse território. Dessa relação surge o nome Camaçari, um topônimo de kamassary, palavra que vem do tupi-guarani e significa árvore que chora. A planta de folhas cobertas com gotículas de água, a “chorosa”, é típica da vegetação de Mata Atlântica e encontra-se hoje ameaçada de extinção no município, cuja história de povoação se inicia às margens do rio Joanes, atualmente represado para o

abastecimento da Região Metropolitana de Salvador. Foi às margens deste rio, onde se formou a Aldeia do Divino Espírito Santo, nos idos de 1550, após a chegada de jesuítas, incumbidos de evangelizar os índios a pedido do então governador-geral do Brasil, Tomé de Souza, que se inicia o processo de tomada dos portugueses dos solos camaçarienses, assim nos conta a professora de filosofia e historiadora, Sandra Parente, no livro *Camaçari, Sua História, Sua Gente* (2001).

Uma epidemia de varíola teria dado início ao espalhamento da população e à diminuição das ações de evangelização, ocorrida entre 1558 e 1561. Logo em seguida, 1562, começa o desmembramento territorial, que dá início à divisão do município, o qual, até o ano de 2017, é dividido em três distritos, Vila de Abrantes, Monte Gordo, Barra do Jacuípe, e a Sede, onde estão instaladas a sede da administração municipal, os principais serviços públicos e privados e importantes setores do comércio (PARENTE, 2007). Anos depois, em 28 de setembro de 1758, Marquês de Pombal alterou o nome de aldeia para Vila de Nova Abrantes do Espírito Santo, transformando Camaçari de aldeia a vila, e no mesmo ano expulsou os jesuítas que ainda viviam na localidade.

Mas a emancipação política só veio após um decreto do Marquês de Pombal, em 28 de setembro de 1758. Estima-se que à época existiam cerca de 554 domicílios e pouco mais de 1.200 habitantes, algo bem distante dos 73.921 domicílios registrados pelo IBGE no Censo 2010. No entanto, as terras que compunham o município pertenciam ao desembargador Tomaz Garcez Montenegro, que dá o nome, de 1925 a 1938, de Montenegro ao município e, com influência política, consegue colocar a localidade no curso de uma linha ferroviária em 1860 (CAMAÇARI, 2006). Esse fato terá importância para a conformação que o município vai adquirir no século 20. Era um passo para a ocupação de posições importantes na cadeia produtiva no Brasil. Em 1938, Montenegro passa a se chamar Camaçari.

A hegemonia da indústria convive com as atividades da zona rural. O IBGE estima que em Camaçari, no ano de 2015, a população tenha chegado a 286 mil (BRASIL, 2015). Antes, porém, de darmos prosseguimento na dissertação e partir para o Capítulo 3, Contextualizando a linguagem, faz-se necessário, numa dissertação que se propõe ao diálogo entre Comunicação e Saúde, mais especificamente, saúde ambiental, voltarmos nossa lupa para outros aspectos desse território tecido de tantas diferentes linhas e que também, por isso, merece nosso estudo e esforço intelectual. Para além dos sentidos que já estão cristalizados, como o sentido de trabalho, Camaçari é um lugar de belezas.

2.3.1 CAPITAL NATURAL E AMEAÇAS

Se, por um lado, tem-se um município marcado como cidade do trabalho, emprego ou cidade industrial, Camaçari é também a cidade de veraneio de baianos, pessoas que vêm de outros estados e até de outros países para desfrutar de suas belezas naturais, em 42 km de litoral, correspondendo ao Litoral Norte da Bahia, onde, além do mar, há também rios, dunas e vilarejos que ao longe fazem lembrar as características de aldeias de pescadores com a presença de restingas, manguezais e vegetação típica de Mata Atlântica, de acordo com Informações do INEMA (BAHIA, 2015).

Os pontos turísticos de Camaçari são conhecidos internacionalmente, como a praia de Arembepe, onde artistas, como a norte-americana Janin Joplin, viveram a efervescência do movimento hippie no mundo nos anos 60, entrando no roteiro da Contracultura. Além de Arembepe, existem ainda mais seis praias: Jauá, Guarajuba, Barra do Jacuípe, Praia do Genipabu, Itacimirim e Busca Vida, onde hotéis e restaurantes reforçam a vocação turística do local. O município, contudo, não dispõe de dados que revelem sua participação no PIB baiano quanto ao volume financeiro movimentado em torno do turismo, segundo a gestão municipal encerrada em 31 de dezembro de 2016 (PARENTE, 2007).

Até 1985, Camaçari também era um local requisitado para banhos por águas minerais, quando finalmente o distrito de Dias d'Ávila, foi emancipado, levando consigo as fontes dessas águas e o turismo no rio Imbassahy, hoje erodido, soterrado e contaminado. Com tantos biomas, há três Unidades de Conservação (UC) situadas no município, as UC Rio Capivara, do Anel Florestal do Polo Industrial e Lagoas de Guarajuba e a APA (Área de Proteção Ambiental) Joanes/ Pitanga. Exclusivamente localizadas em Camaçari, a U.C. Lagoas de Guarajuba possui 230 hectares de extensão e entre suas funções essenciais para o município está a mitigação da poluição do ar, além de proteger o aquífero São Sebastião, que está no subterrâneo do município (Ibid., id).

Assim também é a UC Rio Capivara, que compreende uma extensão territorial de aproximadamente 1.800 hectares, todo em solo camaçariense, onde estão situados remanescentes de comunidades do movimento hippie de 1960, o próprio Rio Capivara, as lagoas Grande e Interlagos, o Estuário do Jacuípe, a Praia de Arembepe e o Projeto Tamar. O Anel Florestal do Polo é composto por eucaliptos e também por espécimes de mata atlântica e foi planejado com a função de mitigar os danos da poluição emitida pelo complexo industrial (BAHIA, 2015).

A APA Joanes/ Ipitanga abrange uma área de 64.463 hectares em que há trechos de

outros municípios, tais como Salvador, Simões Filho, Lauro de Freitas, Candeias, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passé, Salvador e Dias d'Ávila. Praias, Dunas e rios fazem parte desse espaço de proteção ambiental, ao menos legalmente. Contudo, mesmo prestando serviços ambientais, esses espaços que o Estado delimita como área de proteção passam por problemas ambientais: a extração ilegal de areia para construção civil, ação que foi alvo de representações e acusações do Ministério Público por diversas vezes (Ibid., id).

As praias sofrem com o lixo diretamente despejados pelos humanos e a presença de emissário submarino onde são despejados os resíduos do Polo Industrial, além do fenômeno, mas já perceptível, avanço da maré, que reduz a faixa de areia para banhistas e comerciantes. Os rios estão cada vez mais estreitos devido ao assoreamento e à derrubada de mata ciliar. Mas é do ar de que parece vir o receio dos camaçarienses. O ar da cidade é fruto de reclamações, mas, segundo as Estações de Tratamento e Monitoramento da Odebrecht Ambiental, todos os gases e componentes no ar do município estão dentro do legislado pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) na resolução de nº003/90.

O Polo Industrial é um espaço que produz impacto ambiental, de tal modo que as Licenças Ambientais para instalação são liberadas pelo Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), órgão estadual, legitimando que o impacto transgrida os limites do município. Coube à Central de Tratamento de Efluentes Líquidos (CETREL)¹⁵, até 2014, o papel de monitorar, tratar e eliminar resíduos líquidos, sólidos e gasosos provenientes das atividades.

¹⁵ A CETREL era uma empresa de economia-mista criada em 1978 pelo governo da Bahia para realizar o tratamento de efluentes e resíduos do Polo Industrial de Camaçari. Ela foi privatizada em 1991 e a maior parte do seu capital (54%), atualmente, pertence ao grupo Braskem, que em 2008, em consórcio com a Odebrecht, alterou o nome para Odebrecht Ambiental (OLIVEIRA e COFIC, 2015).

3 CONTEXTUALIZANDO A LINGUAGEM

3.1 UMA BREVE DISCURSÃO SOBRE O JORNALISMO

Compreender os sentidos sociais que o jornal *A Tarde* ajuda a construir sobre o problema socioambiental da poluição requer situar esse espaço de produção de sentido, entendendo o jornalismo como uma linguagem. Partindo de uma observação que entende o jornalismo como o produto histórico, a dissertação de Adelmo Genro-Filho (1987), *O Segredo da Pirâmide – Para Uma Teoria Marxista do Jornalismo*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), serve-nos para situar o jornalismo. Genro-Filho (1987), com o propósito de questionar se o jornalismo produz conhecimento, realiza uma discussão do jornalismo por meio do materialismo histórico-dialético¹⁶ em contraponto com a concepção funcionalista dessa atividade social. Uma contraposição entre uma visão positivista, herdeira das ideias de Comte, com o modo dialético, de Marx, para entender os fenômenos sociais.

Isso é importante para esta dissertação porque o questionamento de Genro-Filho (Ibid., p. 18) do que o funcionalismo propõe, o fato social como “coisa”, de Émile Durkheim¹⁷, seria a causa para os processos de naturalização e ideologização que o jornalismo pode promover. Assim, o ponto é um princípio geral compartilhado por várias derivações do positivismo: o fenomenalismo que feiticiza os fatos. O que se percebe de Durkheim aqui é o entendimento de que os fenômenos sociais podem ser descritos de modo objetivo. Neste sentido, se inscrevem os discursos que atribuem ao jornal o papel de descrição dos fatos, de modo neutro, objetivo, como se a percepção do fato, do acontecimento, não fosse mediada por nada. Desse ponto de vista, o fazer jornalístico, a partir das técnicas e paradigmas, é a verdade dos fatos. Portanto, não produz ideologia. O autor (Ibid.,p.22) defende que o jornalismo se estabelece numa sociedade que está crescendo e se tornando complexa. A instituição jornalismo se consolida em um período histórico em que as pessoas passam a interagir mais, pois estão

¹⁶ Em linhas gerais, a concepção materialista da história, sistematizada por Karl Marx e Friederich Engels, propõe um modo de leitura dialética da história da sociedade humana, pela qual, as relações materiais de existência são as bases essenciais para o desenvolvimento das demais relações sociais. Por tal premissa, se compreende que as denominadas relações superestruturais de um meio social (política, ideologia e cultura), correspondem a uma determinada estrutura essencial para qualquer sociedade historicamente constituída: o seu processo de produção de riqueza, ou o modo de produção material. A partir desse pressuposto, o jornal, tal como a sua produção, não se dissocia desta concepção, ao contrário, os objetivos e estratégias do jornalismo se correlacionam com os interesses que envolvem o processo de produção de sua respectiva sociedade (QUINTANEIRO apud SANTOS, 2016).

¹⁷ Essa ideia consta na página 13 de *As Regras do Método Sociológico* sintetizada na frase “A primeira regra e a mais fundamental é considerar os fatos sociais como coisas”.

vivendo mais próximas nas zonas urbanas, mas ao mesmo tempo o acesso aos acontecimentos precisava ser mediado – o jornalismo se coloca entre o sujeito e o fato como mediador. Trata-se de uma sociedade que demanda mais informação.

Porém, o autor defende que o jornalismo não deve ser visto como instrumento de “manipulação burguesa e ou correia de transmissão do ‘aparelho ideológico do Estado’” (Ibid., p.23-24). Tendo em vista que essa visão seria a funcionalista. Para Genro-Filho (Ibid., p. 23), o jornalismo é, na verdade, um produto dessa sociedade em que se insere:

é o filho mais legítimo desse casamento entre o novo tecido universal das relações sociais produzido pelo advento do capitalismo com os meios industriais de difundir informações, isto é, o produto mais típico desse consórcio histórico, não é reconhecido em sua relativa autonomia e indiscutível grandeza (Ibid. id).

Essa visão funcionalista que tanto Genro-Filho rebate tornaria a prática jornalística pura empiria e as notícias seriam pura atualização e organização do mundo (Ibid. p. 49). Se assim fosse, os inúmeros trabalhos que se alinham na ordem discursiva, que concebem os processos de significação como processos relacionais, seriam inviáveis. Numa perspectiva materialista histórica e observando a linguagem do ponto de vista de Mikhail Bakhtin, o jornalismo é construtor e construído dessa realidade. Genro-Filho não nega a ideia de que o improvável é notícia, mas ele também lembra que o que se noticia, em suma, está dentro dos horizontes de expectativas de uma sociedade.

Uma das razões para a visão funcionalista do jornalismo está nas tentativas de explicar o que é notícia, justifica Genro-Filho (Ibid., p.82-84). Para o autor, quando se alia a teoria da informação, cuja base é matemática probabilística, o entendimento da sociedade como um sistema, e daí se depreende o sentido de objetividade, o jornalismo passa a ser visto como instrumento. “Não só a comunicação social é empobrecida, como o jornalismo é integralmente desqualificado e condenado, inexoravelmente, à função manipulatória” (Ibid., p.84).

Como parte de seu constructo social, o jornalismo possui em seu metadiscurso a afirmação de estar a serviço do interesse público, a favor da democracia e dos processos que conformam a democracia, de tal modo que se opõe ao Estado, na sua função *watch dog*, de vigiar os poderes públicos, conferindo a si não somente o papel de mediador confiável:

(...) servir ao interesse público significaria colocar à disposição do público os repertórios informativos necessários para que ele possa influenciar a decisão

política e decisão do Estado, para que possa se valer na esfera política (GOMES, 2009. p. 79).

De tal modo que o jornalismo é uma instância simultaneamente de produção de sentidos e de reconhecimento social. Na medida em que exerce essa função social, se autoriza a dizer e também define os grupos sociais com poderes de dizer na sociedade. Este lugar social de estabelecer uma ordem, a normalidade construída, também se constitui no poder de reverberar discursos de diferentes grupos sociais, conflitos, modos de pensar e de agir. Trata-se do poder simbólico, tão reconhecível quanto o que se obtém por meio da força (BOURDIEU, 1989).

“O poder simbólico, é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem” (Ibid., p.13). É importante reconhecer a ideia do poder simbólico que se situa na esfera da *hiperestrutura*, mas a visão de Bourdieu (Ibid., p. 11) dos meios de comunicação como sistemas simbólicos vai de encontro com uma visão histórica dialética de Genro-Filho (1987). No trecho a seguir tem-se:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “dominação dos dominados (BOURDIEU, p. 11).

Por aqui, importa-nos dizer que existe uma instância que reconhece o poder do jornal e que este poder é, também, construído discursivamente por meio de seu metadiscurso. Essa dissertação reconhece o jornalismo como entidade pela qual as relações sociais se estabelecem e se constroem, onde lutas sociais são travadas e grupos sociais trabalham para assegurar um estado de dominação de outros grupos (BOURDIEU, 1989). Mas não se aceita a posição do jornal como instrumento, pois a visão instrumental do jornalismo descende de uma concepção funcionalista da sociedade, que a entende como organismo e o jornalismo como um fato que atende a necessidades desse organismo.

Concebemos que o jornalismo atua como filtro da realidade que capta, seleciona e refrata os fragmentos do mundo por meio das vozes que ouve, das imagens que capta, dos discursos que faz circular. Mas não faz isso de forma uníssona, mas apresentando sua

heterogeneidade, uma vez que, como a linguagem é social e heterogênea, ela é constituição do real, do sujeito, que, sob o olhar de Bakhtin, nunca é único, pois nele habitam vozes e sentidos que se relaciona, é característica dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2004).

A notícia é o acontecimento significado, nomeado, por meio de uma narrativa convocada pela necessidade de atualização do mundo. “Propomos chamar de “notícia” a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2015, p.132). A notícia é também definida como aquilo que irrompe o cotidiano, o que descende da ideia da probabilidade que Genro-Filho fala na seção *O Jornalismo e a Teoria da Informação* (1987, p.78-81).

Portanto, o jornalismo define o que é rotineiro e o que não é (GOMES, 2009). A decisão sobre o que pertence ao cotidiano e o que está fora da normalidade, faz do jornalismo a atividade social que pesca na superfície lisa da *mundaneidade* os aspectos rugosos, traduzindo-os como não normais. A normalidade do mundo é, também, construída por meio do jornalismo, e por este atualizada. Essa atualização se dá pelo entendimento de um horizonte de expectativas acerca do mundo entre o jornal e o *destinatário* (imagem daquele a quem o jornal se dirige) (VERÓN, 2005). Ou seja, as expectativas do leitor acerca do mundo também são constituídas por esse produtor de uma ordem que é o jornalismo.

Ao ser rompido esse horizonte com o fato anormal, a publicação exterioriza este fato, abrindo espaço para sua inscrição na normalidade (GOMES, 2009, p.15). Ocorre que os fatos, ao serem levados aos jornais, transformam-se em textos. A captação de uma realidade é então mediada e enquadrada por um sujeito, em um suporte material, que possui características que buscam legitimar sua inserção e reconhecimento social. Os fatos que circulam são construções sociais a respeito de um momento do mundo e não a tradução fiel deste mundo como querem fazer crer os jornais. Mais uma vez recorre-se a Genro-Filho (1987, p.126) para definir o relato jornalístico:

Todo o relato jornalístico, toda notícia ou reportagem, reproduz os fatos através de uma complexa operação subjetiva. O resultado desse processo será, sempre, aquilo que podemos chamar de singular significativo, isto é, produto de uma modalidade de apreensão subjetiva que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico. Por isso, um fato jornalístico não é uma objetividade tomada isoladamente, fora de suas relações históricas e sociais, mas, ao contrário, e a interiorização dessas relações na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito. (GENRO-FILHO, 1987, p. 126)

Para Gomes (2009, p. 28-29), “o fato é um texto aberto”. “Os fatos, em princípio, são objetos “mudos”, isto é, objetos com os quais não é possível nenhuma comunicação ou interação linguística”. O jornalismo se constrói socialmente no mundo como relator dos fatos, mas o jornalismo constrói o fato que ele diz apenas relatar, tornando-se parte constituinte dessa realidade que ele diz espelhar.

3.2 UMA APROXIMAÇÃO COM BAKHTIN: CONCEPÇÕES DE GÊNERO

Seria incoerente dissertar utilizando Mikhail Bakhtin como referencial teórico sem tocar no conceito de gênero. Em a *Estética da Criação Verbal*, Mikhail Bakhtin (2004) dedica um capítulo para discutir gênero e discurso. O filósofo russo está preocupado em mostrar que um gênero de discurso é construído no interior de processos sociohistóricos:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (Ibid., p.281).

Para Bakhtin, na obra *The problem of speech genres* (1993, p.60-70), como em todas as atividades sociais produzimos textos, cada uma dessas atividades possui uma natureza própria que a diferencia e que se apresenta como parte da forma na produção de sentido. Os textos recuperam os traços das atividades as quais se dirigem e, também, daqueles que a produzem (Ibid., p.60). “Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo” (Ibid., p.61).

os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero (...). Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Ibid., id. Tradução livre).

Os gêneros de discurso e seus modos de organização necessitam de uma estabilidade relativa dos enunciados. “Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras

palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável *de estruturação de um todo*” (BAKHTIN, 2004, p.301). Bakhtin divide os gêneros discursivos entre primários e secundários. Em a *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, José Luiz Fiorin (2006) define o texto jornalístico como um gênero do discurso do tipo secundário. Os primários se conformam na espontaneidade, a exemplo do diálogo, do boato, da piada, das saudações cotidianas e etc e os secundários surgem na apropriação dos gêneros primários dentro de novas formas.

Diferentemente, “os gêneros secundários absorvem e digerem os primários, transformando-os” (Ibid., p.70). Entendemos que é nesse processo de absorção e transformação que o gênero jornalístico se institui enquanto tal e cria a forma de uma *situação de enunciação*. O lingüista francês Patrick Charaudeau (2015, p. 41) diz:

O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é percebido através de formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade. (CHARAUDEAU, 2015, p. 15).

O gênero pressupõe uma troca social que se dá pela preexistência de um acordo entre *destinatário* e o jornal. Essa troca social é uma condição para a produção de sentido. Dominique Maingueneau (2004, p.59) diz que os gêneros discursivos são “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” e que “poderíamos caracterizar uma sociedade pelos gêneros de discurso que ela torna possível e que a tornam possível” (Ibid., p.61). Mais adiante veremos, pela recuperação de processos históricos, como o gênero discursivo jornalístico tornou-se possível.

Leitora de Bakhtin, Mary Jane Spink (2010, p.34) diz que é quando se projeta um leitor que se conforma o gênero do discurso, que se escolhe o repertório linguístico, definido como “*os termos, os conceitos, os lugares, os lugares comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções de sentidos*” (SPINK, 2010, p.32). O jornalismo se coloca como locutor e marca uma posição discursiva que define os sujeitos de direito à fala, julga o que precisa ser dito, vendendo a notícia como a aquilo de que o *destinatário*¹⁸ precisa saber e também marca a posição do leitor como aquele que deve acreditar (Ibid., p. 35-36).

¹⁸ Destinatário é imagem social que se faz daquele a quem se endereça um discurso (VERÓN, 2005, p.227)

O jornalismo se constitui com linguagem própria e enquanto sujeito social constrói uma identidade, que se baseia na sua função social, nas relações que intermedeia, naquilo que constrói. É um sujeito de relação, mas também de história. De tal modo que o jornalismo como uma prática social se conforma como gênero discursivo (BENETTI, 2008). Bakhtin (2003) nos fala que existem gêneros discursivos porque o sujeito se envolve em diversas atividades e nessas atividades existem uma regularidade enunciativa a qual cria um quadro de referências. Ao encarar o discurso como um espaço de disputa social, o estabelecimento de uma situação de comunicação, pressupõe a sujeição a regras. Spink (2010), fala em “repertórios linguísticos” desenvolvidos no interior dessas ações. Em ambos há uma sujeição às regras da situação que torna possível a comunicação.

Recorremos os estudos de Eliseo Verón (2005, p. 219 e 227) com os quais podemos entender que há um acordo tácito que se estabelece entre leitor e jornal. Esse acordo é parte de um discurso que irá formatar todos os demais textos no interior do veículo de comunicação. Por meio do acordo se instaura um jogo de linguagem que constrói a cumplicidade entre enunciador e o destinatário, por meio de partilha de objetos culturais que ambos reconhecem. Em suma, o contrato é sujeição às regras de comunicação que ocorrem numa situação de comunicação, tal situação é definida como o quadro de referências, sociais, históricas, ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação escrita.

O gênero discursivo participa desse contrato por obedecer a certa regularidade na forma e na enunciação. Tornando, por si, um quadro de referências e produzindo um horizonte de expectativas entre as duas instâncias, a de produção (enunciador) e de reconhecimento (destinatário). Para se obter um quadro de referência é preciso de certa estabilidade por um determinado período. Tal relação foi definida por Maingueneau (2004, p. 69) da seguinte maneira: “Dizer que o gênero do discurso é um contrato significa aceitar que ele é fundamentalmente cooperativo e regido por normas. (...) Todo gênero do discurso exige daqueles que dele participam a aceitação de certo número de regras mutuamente reconhecidas e sanções previstas para aqueles que transgredirem”.

O estabelecimento de um comportamento se dá pelo compartilhamento de sentidos possíveis numa situação de comunicação, pois os discursos se associam dentro de processos sociais, de atividades exercidas num mundo concreto e que criam regras para reproduzir uma situação sempre que necessário comunicar. O estabelecimento dessas regras gera um contrato com aspectos materiais e imateriais.

Iniciou-se este capítulo versando sobre o caráter sociológico do jornalismo, a partir de

Genro-Filho (1987). Em seguida, partimos das concepções linguísticas de Bakhtin de que o gênero discursivo é fruto das práticas sociais em um tempo histórico determinado. E, por isso, falar dos aspectos sociohistóricos que vão registrar suas marcas e conferir ao jornalismo ocidental suas formas e seus modos de ser e estar no mundo são importantes para conclusão desse tópico. Com a expansão das fronteiras, desde o séc. XVI, advinda da expansão marítima europeia, surgem os primeiros jornais através do marco de Gutenberg. Lage (2001) diz que em 1609 começaram a circular as primeiras publicações de caráter noticioso. Em princípio, produzido por e para a burguesia europeia, os textos de jornais enfatizavam as glórias dos burgueses que compunha o jornalismo publicista do séc. XVII e XVIII. Mas a Revolução Industrial no fim do séc. XVIII, na Inglaterra, e a migração das pessoas para o entorno urbano começam a dar uma nova configuração ao jornalismo. O aumento da alfabetização em todo o mundo se tornava cada vez mais necessário para a inserção de mais pessoas no mercado produtivo. Isso repercute no surgimento de novas gazetas em detrimento dos livros noticiosos, mais longos e mais caros (SOUSA, 2008, p. 88-89).

Em 1886, a vida em sociedade era mais dinâmica e a imprensa escrita começava a usar o linotipo, uma invenção do alemão Ottmar Mengethaler¹⁹, fundamental para aumento da produção dos jornais, que antes era quase manufatureira. Isso aumenta os custos de produção do jornalismo e o mercado publicitário começa a ter uma participação na produção dos diários, repercutindo numa maior integração dos interesses econômicos com os assuntos que pautam os jornais. A informação deixa de ser algo para recreação ou tornar seu consumidor mais culto, mas se tornará essencial no século XX. Cabia ao jornalista o papel de tradutor dos discursos especializados que foram emergindo nas páginas dos jornais.

A linguagem objetiva, segundo Lage (2001), é um recurso para aumentar a produtividade e o consumo do jornal. Todas as novas lógicas e técnicas alteram a periodicidade dos materiais noticiosos, o tempo de validade da notícia reduz e aumenta a necessidade de profissionalização desse ator social, o jornalista. Assim surgem as faculdades de jornalismo para atender às novas demandas das indústrias da notícia. Os manuais de jornalismo e as faculdades de jornalismo ensinam (LAGE, 2001) que texto jornalístico deve ser claro, simples, compreensível e a informação deve ser precisa, de modo que o jornal possa tentar estabelecer os sentidos possíveis dos textos e fechá-los.

Para isso, o leitor deve ser conduzido desde o *lead* (primeiras linhas do texto) e considerado, nos jornais generalísticos, quase sempre um leigo no assunto. O repórter recebe

¹⁹ Informação obtida no site do Portal da Imprensa Nacional em outubro de 2016.

um espaço no impresso com determinada quantidade de caracteres a ser preenchido com título, *lead*, *sublead* (uma invenção brasileira que liga o lead ao corpo a partir de uma construção das relações e possíveis desdobramentos dos fatos narrados na base da pirâmide). Há o corpo da matéria, o intertítulo e, em alguns casos, espaço para aspas ampliado ou para destacar uma informação. Todas essas técnicas oferecem aos jornalistas vantagens no fazer jornalístico (LAGE, 2001). Por outro lado, assumindo o caráter relacional da notícia, em Genro-Filho (1987).

Dizer que os jornalistas não devem mentir, inventar, distorcer, caluniar, etc., é como afirmar que as pessoas devem ser honestas. O problema, aqui, é ultrapassar o óbvio, obter um consenso sobre o conceito de honestidade. Quanto ao jornalismo, a dificuldade seria, conseguir um acordo sobre o que é a verdade, quais são os fatos que merecem ser relatados e sob que ângulo político, ideológico e filosófico (Ibid, 1987, p.154).

Aqui podemos compreender a reapropriação de gêneros primários em secundários e como se operam as transformações. O repórter realiza entrevistas, recupera dados de pesquisa, ou participa de um momento e capta textos dessas situações. Em seguida, deve colocar esses textos num texto uniforme que, sobretudo, seja corente com o discurso que o jornal faz de si, com a posição discursiva que estabelece na sociedade e com relação de cumplicidade que possui com seus leitores.

O modelo de produção incorporado nas redações também solicita do jornalista que ele pautar o fotógrafo, antecipando o que procura na imagem que ainda vai ser feita, e que, enquanto escreve o texto, também participe da definição da diagramação (disposição gráfica da matéria) e da escolha da imagem que capta seu texto (LAGE, 2001). Mas, quando pensamos nas regularidades enunciativas típicas do gênero discursivo jornalístico, podemos ver que o ato de criação textual do jornalista recebe muitas interferências da relação forma-espaco-tempo.

3.3. O JORNAL A TARDE

O Jornal A Tarde teve sua primeira edição circulando em 15 de outubro de 1912 e tornou-se um dos diários mais antigos em circulação no Brasil. Sua atual situação de decadência em nada se assemelha com a sua história inicial. O diário foi concebido e produzido pelo jornalista Ernesto Simões Filho (1886 – 1957). Considerado um entusiasta da imprensa, Simões Filho se formou em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA),

em 1907, e empreendeu esforços para fundar o Jornal A Tarde seguindo o modelo do matutino *A Noite*, de autoria de Irineu Marinho, no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2002).

Segundo a historiadora Maria do Socorro Ferreira (2002), o jornal A Tarde, da Bahia, tem suas matizes ideológicas na filosofia empirista, da qual se origina a lógica indutiva, e, por conseguinte, valoriza a observação empirista e a aplicação da racionalidade científica. Com essas afiliações ideológicas, defende o direito à propriedade privada, à liberdade e abraça a razão como conduta humana. Ou seja, é herdeiro e perpetuador dos princípios funcionalistas de que nos referimos anteriormente e que estão presentes no gênero discursivo em que se inscreve.

Influenciado pelos princípios do Iluminismo, o jornalismo tem em seu discurso a ideia de promover a liberdade, muitas vezes aos moldes do liberalismo que retira as determinações dos processos e condições sociohistóricas (FERREIRA, 2002). Cabe um retorno a Genro-Filho (1987, p. 80) no que tange à ideia de liberdade do jornalismo.

A natureza da informação jornalística está intimamente ligada aos dois aspectos: 1). A indeterminação real dos processos sociais e naturais; 2) a qualidade e o grau das possibilidades concretas de escolha que se colocam para os homens diante das alternativas nascidas da indeterminação do processo objetivo que eles vão constituindo.

Ou seja, a notícia atua como parte constitutiva dessa liberdade na medida em que ela altera as possibilidades de escolha quando apresenta, constrói novas realidades.

Acerca da história do jornal A Tarde, para construir um jornal moderno, Simões Filho teria usado 23 contos de réis que herdou do tio-avó e também ações do Banco da Bahia para investir nesse negócio (SANTOS, 1985, p.42). Com investimento de tamanha envergadura, A Tarde nasce cumprindo a promessa de inovação: sua tipografia - aplicada por máquina de tecnologia alemã -, a divisão de editorias e gêneros (entre informativos e opinativos), além de uma concepção empresarial da informação, como um bem a ser consumido. Isso lhe confere características modernas para o início do século XX.

O texto do jornal circula num formato *standard*, ou *broadsheet* (28,5 cm X 62 cm), reconhecido pelos teóricos como um recurso tipográfico para conferir seriedade e rigor ao veículo de informação (LAGE, 2001). Com média de 20 páginas, todos os dias, pelo menos quatro cadernos compõem o diário: o *Caderno 1*, onde estão as editorias *Salvador Região Metropolitana*, *Últimas Notícias* e *Opinião*, *Bahia* e *A Tarde Esporte Clube* e o *Caderno 2*, em que estão as editorias *Política*, *Brasil* e *Mundo*. Delimitar um espaço para tratar de um

tema é um recurso que os jornais utilizam para tornar mais eficaz o reconhecimento dos objetos culturais que ambos reconhecem, na medida em que recorta o mundo em certo domínio do saber e torna mais previsível um destinatário-alvo (CHARAUDEAU, 2015, p.69).

No *Caderno 1* estão o editorial, as cartas do leitores, os artigos opinativos, a editoria Salvador, com as notícias locais, e a editoria Bahia, com noticiário do interior do estado (todos os demais municípios fora da Região Metropolitana). O *A Tarde Esporte* concentra o noticiário esportivo da Bahia e do Brasil (adquiridos muitas vezes de agências). Dentro do *Caderno 2* circulam o noticiário cultural e a editoria *Brasil*, que reúne o noticiário nacional, político local e nacional e também as notícias relativas ao tema economia. Uma vez por semana circulam os cadernos especiais com noticiário especializado. Aos sábados, a página *Ciência & Vida*, o suplemento que se propõe a ser o jornal na versão infantil, o *A Tardinha*, a revista cultural, *Muito!*, e o Caderno Empregos & Negócios, aos domingos.

No início do século XX, a difusão de novas forças produtivas, advindas da 2ª Revolução Industrial, avançam pelo mundo e o jornalismo, como prática social, apropria-se dessas transformações através de uma nova configuração: textos uniformizados, com a tentativa de separação entre o repórter e a notícia (advindo da lógica positivista), para se reafirmar enquanto produto (FERREIRA, 2002, e SPANNENBERG, ano). Por volta dos anos 50, a técnica do *lead* americana²⁰, muito utilizada pelas agências de notícias internacionais, como a France Press, United Press e Associated Press, são difundidas no Brasil (LAGE, 2005).

Em 1962, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) abre a primeira turma de jornalismo da instituição e, por consequência, no início da década de 70 as redações estão mais profissionalizadas. Até então, o jornalismo era massivamente praticado por pessoas com formações em outras áreas, como direito e filosofia (SPANNENBERG, 2006). A profissionalização do jornalista resulta em modificações sociais no espaço e entre os agentes que realizam a tarefa de selecionar os acontecimentos e transformá-los em notícia, o recorte do mundo passa a ter influências de critérios apreendidos no ambiente acadêmico.

No que tange à política, Ferreira (2002) relata que *A Tarde* inicia sua circulação já com aspectos políticos partidários. No fim de 1912, mesmo ano em que funda o jornal,

²⁰ O primeiro parágrafo, em certos casos também o segundo, deve satisfazer a curiosidade do leitor e estimulá-lo a prosseguir na leitura. Isso se obtém respondendo clara e diretamente às seis perguntas latentes e fundamentais. Em inglês, são cinco W e um H: who?, what?, when?, where? e, frequentemente, why? – ou, em certos casos, how? Em português, são pelo menos três Q: quem?, quê?, quando? e onde? e, frequentemente, por quê? ou, em certos casos, como?” (Diário Carioca. “Carta a um foca”. p.2, 4 de agosto de 1945, apud, PAPILE E BOCHEMBUZO, 2013)

Ernesto Simões Filho rompe relações com o governo estadual de José Joaquim Seabra (J. J. Seabra) e isso conferiu ao diário sentido de enfrentamento pelo noticiário crítico às ações do governo e ao Golpe de 30, que levou Getúlio Vargas ao poder.

É interessante perceber como o A Tarde estabelece um processo modernizador que coloca em choque essas duas funções, assumindo uma posição na qual se interpenetram os interesses do jornal enquanto empresa, da sociedade enquanto leitores e das instâncias de poder, no caso desse primeiro momento, o governo estadual de Seabra. Constrói-se dessa forma uma configuração de tensão entre a mudança e a permanência, que é claramente refletida nas suas opções editoriais. (SPANNENBERG, 2006, p.10).

Considerando as relações que se estabelecem entre leitor e jornal, podemos inferir que os aspectos modernizantes que acompanham o jornal se revelam na constituição de modos discursivos, alinhando-se com os contextos do destinatário (atualmente composto pela classe média baiana); na forma, o jornal tem: a separação dos temas, divisão de temas mais aprofundados para determinados dias da semana em que o leitor dispõe de mais tempo para a leitura; formato do dispositivo material em standard e divisão temática em cadernos e editorias.

4 DISCURSO E SAÚDE

4.1 DISCURSO: PARADIGMAS E TEORIAS

O que se pretende com as elucidações realizadas neste capítulo é desenhar um quadro teórico apropriado para a análise dos materiais recolhidos. Muito embora se trate de uma análise da produção de sentidos, as concepções de discurso e saúde devem ser compreendidas porque nortearão, teórico-metodologicamente, as operações a serem realizadas no corpus final. O primeiro passo foi trazer o que se compreende como discurso, quais os princípios teóricos, algumas considerações breves das diferentes correntes teóricas que estão pensando discurso e, de forma mais profunda, tratar de semiose social e da Teoria Social do Discurso, ambas encontrando como espinha dorsal as obras de Eliseo Verón, Mikhail Bakhtin, Milton José Pinto e Inesita Soares Araújo.

Os estudos das palavras e seus sentidos há muito interessam aos linguistas, o termo análise do discurso aparece como título da revista de número 13 da publicação francesa *Langage*, tendo como responsável por este número o linguista Jean Dubois. Tratava-se de uma análise de discurso com uma visão imanentista²¹ do texto, como se um leitor pudesse transpor a superfície do texto e encontrasse uma natureza inconfessável. Esta é uma abordagem do discurso muito alinhada com a Linguística Estruturalista de Fernand Saussure, como se o signo resguardasse certa concretude, uma realidade última que determina os processos de interpretação (MAINGUENEAU, 2014, p18).

Uma das questões caras aos estudos de análise do discurso é a interpretação. Os primeiros estudiosos a pensar o discurso eram teólogos que defendiam o imanentismo da palavra e operavam como quem desvenda intenções daqueles que produzem o texto, mais especificamente textos religiosos, numa abordagem exegética. Com base nesse entendimento, a pergunta de pesquisa ao se observar um texto era *o que se queria dizer*, enquanto as novas abordagens discursivas vão se preocupar em *como diz e os modos de dizer* de um determinado texto (MAINGUENEAU, 2014). Tendo em vista a necessidade de se referir ao mesmo termo, Análise de Discurso passa a ser citada neste texto também pela sigla AD.

Mas é com o marxista Michel Pêcheux, também na França, que a AD começa a desenhar-se como disciplina no campo da comunicação e se estrutura basicamente sobre três abordagens: a interpretação ou a escola lacaniana de psicanálise, o marxismo estruturalista de Althusser, e a linguística estruturalista influenciada por Saussure (MAINGUENEAU, 2014).

²¹ Conceito filosófico, Kantiano, que depreende uma essência do ser, do objeto, da palavra.

No Brasil, a AD francesa de Pêcheux tem como expoente a linguista Eni Orlandi. Como grande vantagem oferecida por esta corrente está o entendimento de que o discurso é um efeito de sentido, não é algo alcançável pela transparência das palavras. Não se busca o verdadeiro sentido, mas os possíveis efeitos de sentido. A língua transcende do lugar de estrutura para o de acontecimento, fazendo parte das condições que possibilita um discurso.

O discurso é definido como “como efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 1999, p.21). Já nos idos dos anos 90, propondo uma análise que observe o texto, mas que seja norteada por uma Teoria Social, casando a teoria marxista com a teoria linguística, inspirada em Émile Benveniste (1989), coloca-se como opção teórico-metodológica à Análise de Discurso francesa a Análise Crítica do Discurso (RAMALHO, 2005). Norman Fairclough (2001) é um dos destaques dessa abordagem. Ele propõe uma Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), em que o discurso é entendido como aquilo que emana quando o texto interage, quando o texto é movimentado (lido, ouvido e interpretado).

A despeito da Análise de Discurso francesa de Pêcheux, Fairclough (2001) tenta romper as barreiras dos conceitos de enunciado, considerado matéria-prima da AD francesa. O entendimento de enunciado da AD de Pêcheux e Orlandi descende de Foucault (2008, p.97-98) e poderia ser definido como discursos que sempre se dividem em novos discursos. Sempre que uma frase possa ser isolada de outras será um enunciado. Mas nem toda frase é um discurso. Uma das metodologias de análise é transformacional na qual se toma uma “frase” e desta se desdobra outras. Foucault diz que não podem existir enunciados que de uma forma ou de outra não suscitem novos enunciados. Contudo esta abordagem é criticada pela ACD, pois seria voltada para os enunciados e para analisar desempenhos verbais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 64).

A análise de discurso deve observar a *enunciação*, não o enunciado, considerando os contextos em que se dá a produção de sentido, transgredindo o conceito saussureano de fala²². A enunciação é posta pelo sociolinguista Emile Benveniste (1989, p. 81-90) como momento em que a linguagem é colocada em funcionamento. A linguagem é a interação da fala e da língua. A primeira aceita como ato individual, heterogêneo e concreto, mas que precisa de língua, que é social, homogênea e abstrata. O autor também cria um pressuposto a

²² Saussure definiu a fala como “ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir: 1) as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua a fim de expressar seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (Saussure, *Cours de linguistique générale*, cap. 111-2). Saussure ignora, portanto, o fato de que, além das formas da língua, há também as *formas de combinação* dessas formas da língua, ou seja, ignora os gêneros do discurso. (Citado em BAKHTIN, 2003, p. 304)

respeito da enunciação, a qual seria a instância entre a língua e a fala e está regida por três categorias: pessoa, tempo e espaço, o *ego hic nunc*²³.

Fiorin (2012) explica que a categoria pessoa da enunciação seria o eu/tu, ou seja, aquelas que são colocadas como agentes do discurso, sejam como pessoas reais ou como imaginadas, como é o caso do leitor/ouvinte/telespectador. O tempo diz respeito às operações realizadas na situação de enunciação que relacionam temporalmente o acontecimento com o momento da enunciação. A categoria espaço relaciona o espaço do dito com o espaço em que se dá a enunciação. O enunciado para Benveniste (1989) é o dito. Logo, observar o enunciado apenas seria propor uma análise presa ao ato de fala, não ao discurso. Por discurso, o autor entende que seja constituinte das relações, posicionando os sujeitos numa relação e ou na sociedade, representando, ordenando, construindo e reconstruindo práticas.

Uma das preocupações de Fairclough (2001) é que se faça uma análise de discurso que não recaia na interpretação exegética, sob o risco de se fazer uma análise muito próxima dos conhecimentos de psicologia, presa a uma linguística que enfatize mais a palavra e suas posições no enunciado e o próprio enunciado, desconsiderando os contextos sociopolíticos de produção do discurso. Pois para o autor, “a psicologia social tradicional distorce e suprime propriedades-chaves dos materiais linguísticos que usa como dados” (Ibid.p.44).

Outra noção importante no entendimento do discurso é a noção de poder de Foucault (1996 e 2008), considerada uma contribuição aos estudos que propõe Fairclough (2001). O norte-americano diz que a noção de poder concebida por Foucault se define pela vontade de ordenar e controlar as pessoas, mas não de forma externa, por grupos coletivos, mas por *disciplina* e a *confissão* (os exames médicos, os discursos terapêuticos, o aconselhamento educacional). Esta última como forma de trazer às instâncias de poder aquilo que está no interior do sujeito. O poder é exercido de maneira que não pareça tão poderoso. “O caráter do poder nas sociedades modernas está ligado aos sistemas de controle das populações. O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas, além disso; o poder é tolerável somente na condição de que mascare grande parte de si mesmo” (FAIRCLOUGH, 2001, p.75).

Foge aos propósitos deste trabalho aprofundar a discussão de discurso e poder em Foucault, o fundamental aqui é marcar a influência do modo como Foucault compreendeu os

²³ A expressão foi retirada do latim para que seja pensada como regra geral de todas as situações de enunciação, independente da língua (idioma) (FIORIN, 2012)

mecanismos modernos de dominação para a elaboração da AD, segundo Fairclough. O que entendemos é que Foucault não pensa discurso como fenômeno linguístico. Para Michel Foucault (1996, p.2), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorearmos”.

Dito isso, retomamos Fairclough (2001), para o qual a linguagem é uma prática social e que, ao mesmo tempo, constitui as práticas da vida social e cultural. Como elemento constituinte da cultura, a linguagem fez e se faz pelos sujeitos de seu tempo. O discurso é um lugar de encontro das relações, as marcas deixadas num texto (não apenas escrito, podendo ser concebido numa imagem, por exemplo) são marcas de relações sociais. Ao usar o termo ‘discurso’, propomos considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais (FAIRCLOUGH, 2001, p.90). Na Teoria Social do Discurso o discurso não é representação de um mundo, mas é constituinte desse mundo, significando-o assim o que constitui a humanidade. Portanto, a vida social é a linguagem, por isso não pode ser representação, porque entender como representação seria concebê-lo como algo exterior (PINTO, 2002).

“O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições de sujeito' para os 'sujeitos' sociais e os tipos de 'eu'”. O discurso posiciona, constitui as relações e os sistemas e crenças e conhecimento da sociedade. Da mesma forma que a linguagem tem três dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso – o que denominaremos as funções da linguagem 'identitária', 'relacional' e 'ideacional'. Com relação a estas dimensões, Fairclough (2001, p. 91 e 92) explica que a função identitária estará relacionada à questão de representação dos sujeitos e como contribuem na constituição da identidade de cada sujeito envolvido no discurso, enquanto a relacional diz respeito às representações das relações sociais e as negociações feitas entre os participantes dessas relações. A ideacional se relaciona aos textos e como eles “significam o mundo e os seus processos, entidades e relações”.

Dadas tais premissas, avancemos nas concepções de discurso. Fairclough (2001) concebe o discurso como prática social, como agir no mundo. Aqui ele se aproxima do semiólogo argentino Eliseo Verón (2005) e sua Semiologia dos Discursos Sociais, para quem o texto é registro dessa prática e materialidade discursiva. Assim também pensa Milton José Pinto (2002), para o qual discurso como prática social é um espaço de disputa, de sobreposição, entrelaçamento e hegemonia de sentidos.

A Semiologia dos Discursos Sociais é uma corrente teórico-metodológica. Verón

(2005) a divide em três momentos diferentes. Nos anos 60, ela se debruçou na descrição do funcionamento conotativo²⁴ do sentido. Nos anos 70, os estudos em análise de discurso estão em efervescência, e a semiologia buscou superar a linguística estruturalista saussureana, investindo na tentativa de recuperar nos textos os processos de produção de sentido, admitindo o caráter social e histórico da linguagem (VERÓN, 2005, p. 215).

Nos anos 80, se mantém a preocupação com os processos de produção, mas a ênfase agora é na compreensão de como os sentidos circulam e alcançam as instâncias de reconhecimento²⁵, sua “contribuição capital” seria pensar a *enunciação* (VERÓN, 2005, p. 215-216). A semiologia preocupa-se mais com as marcas deixadas nos discursos pelos contextos sociais nos quais ele foi construído, e menos com os padrões de uso e a regularidade de expressões verbais em um discurso, que são importantes nas análises baseadas na linguística estruturalista. Contudo, para chegar ao entendimento de como os processos sociais imprimem suas marcas nos discursos precisamos recorrer ao processo de significação (Verón, 1993).

No entanto, em Verón a compreensão do processo de significação não pode ser desvinculada do processo de conhecimento. Logo, é preciso entender sua concepção de conhecimento. Para Verón (1993), entender conhecimento exige do analista que este se pergunte: qual a diferença entre ciência e ideologia? Em *La Semiosis Social* (1993), Eliseo Verón reúne textos escritos ao longo dos anos 70 e inicia uma investigação sobre as formas de produção de conhecimento tentando diferenciar ciência e ideologia. Mas chega a conclusão de que ambos discursivamente se tratam de efeitos de sentido do discurso. Em muitos casos, o ideológico e o científico podem estar postos como fenômenos extratexto, mas para a semiologia quando estes fenômenos deixam marcas no texto se tornam questões discursivas, ou seja, questões de representação, negociação e significação do mundo.

“Lo ideológico no es lo nombre de um tipo de discurso, sino una dimensión de los discursos socialmente determinados” (VERÓN, 1993, p. 23). O ideológico pode ser definido também como uma recorrência discursiva nos processos sociais constituintes de um discurso, que interdita outras possibilidades de compreensão do discurso. O ideológico se apresenta e se

²⁴ Os múltiplos sentidos que a palavra pode assumir a depender da interpretação, mas admite um sentido literal e final da palavra (VERÓN, 2005).

²⁵ Verón (2005) admite três instâncias para o texto: a da produção, a do reconhecimento e da circulação. O reconhecimento seria a instância do leitor, da sociedade, que compartilha com a instância de produção uma certa expectativa quanto o que será dito, como será dito e onde será dito, mas é na instância da circulação que ocorrem os desvios os quais conferem diferentes efeitos de sentido.

impõe socialmente como único discurso possível, o absoluto. Este efeito discursivo, segundo Verón, é produzido graças ao não reconhecimento do caráter heterogêneo dos discursos e pela ilusão acerca do sujeito como fonte de produção do sentido.

A grande mudança que veremos nas Teorias dos Discursos Sociais se dá na segunda etapa, nos anos 70, com a superação da visão estruturalista da língua - que concebe a língua como um campo de possibilidades pré-estabelecidas, ideia concebida a partir do pressuposto teórico de que a comunicação seria um ato de partilha de códigos, os quais se comportam como unidades de informação e que são sequencialmente traduzidos (VERÓN, 2005, p. 40). A Semiose propõe enxergar no texto uma representação e construções das relações materiais, considerando não apenas os elementos verbais, mas as fontes das notícias, as imagens dispostas, a própria forma como a notícia é disposta.

A Semiologia dos Discursos Sociais atribui autonomia à língua. Como entidade, a língua se materializa na instância do reconhecimento, não sendo dotada de uma determinação natural e racional como preconizava a linguística saussuriana. A visão estruturalista da língua diz que o falante, ou quem escreve, realiza uma combinação de unidades de informação. Na Teoria dos Discursos Sociais, tratam-se de uma combinação de *semas*, unidades compostas de significante e significado e que se distingue do signo pela ausência de concretude, sendo sempre significado naquela *situação de enunciação* (Ibid., p.71).

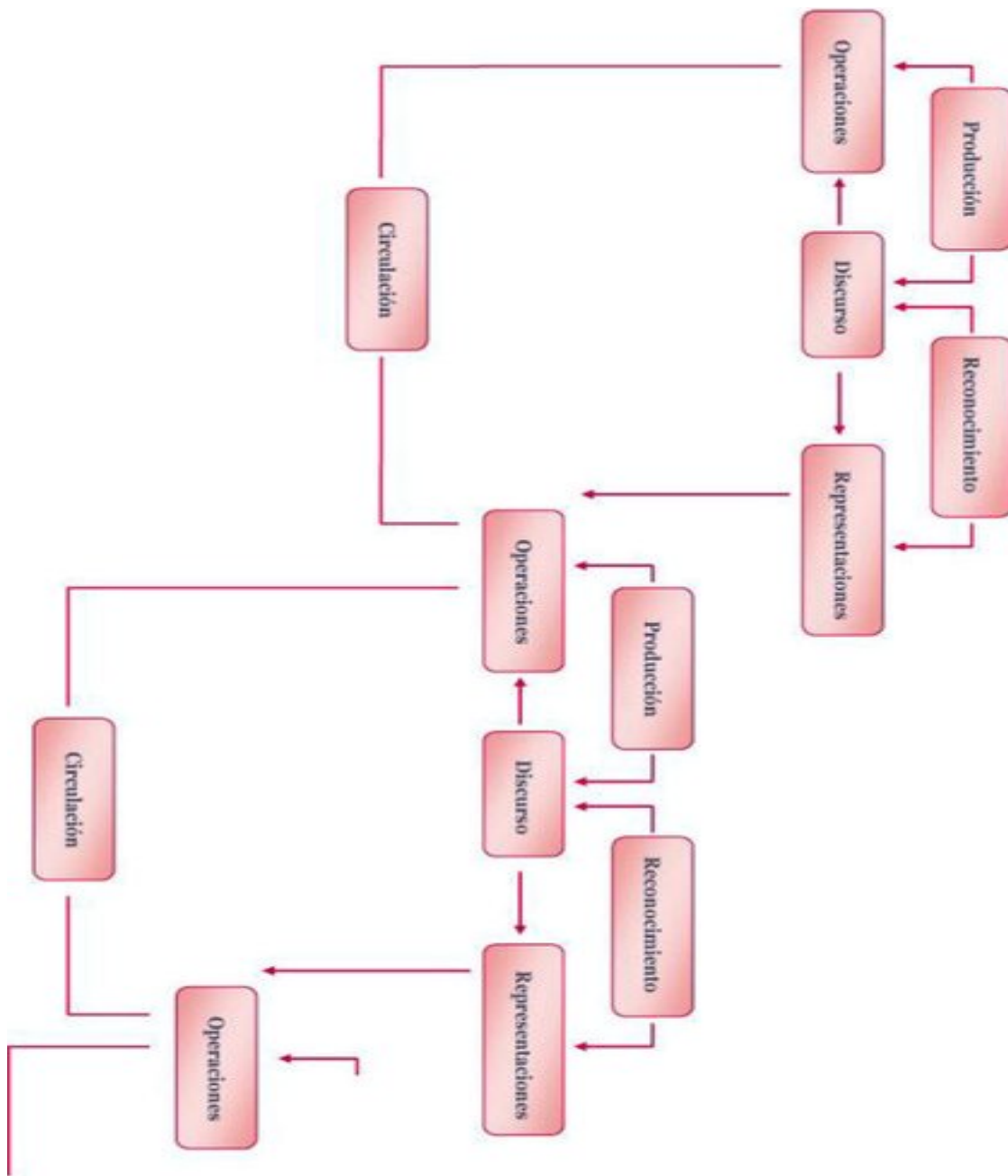
A Semiologia de Verón (1983) propõe superar o estruturalismo linguístico Saussureano porque considera as mudanças na prática do linguista. E a prática do linguista muda, porque a compreensão do lugar da língua, do processo de produção de significados e do que é o texto mudam. O linguista precisa abandonar o texto em um sentido estrito, incorporando à análise o contexto social, logo o conjunto de práticas e dinâmicas socio-históricas nos quais o texto foi produzido e é lido. Bakhtin (2006) irá nos dizer que as práticas sociais configuram um campo semântico, não com essas expressões, mas com a ideia de prática social e atos de linguagem que se constroem mutuamente, os atos de linguagem são práticas sociais. A linguagem é social para eles. É a linguagem que produz nossa humanidade, ela é o fundamento da sociabilidade.

“La teoría de los discursos sociales es un conjunto de hipótesis sobre los modos de funcionamiento de la semiosis social” (Ibid., p.125). A semiose é uma ação com implicações do signo, objeto, interpretante (significado) e objeto (significante). Assim trata-se de compreender como processos sociais ganham sentido. É importante observar que Verón não nega o mundo das coisas materiais, dos sistemas e das organizações (significantes), porém seu sentido (significado) não está inscrito nas coisas em si. A materialidade social das coisas é

efeito da semiose. O processo social, as relações entre signos, objetos, sujeitos e situações produzem o significante e também o significado. Os significantes constituem a semiose, mas são instituídos no seu interior, e não independentemente dela. Como Bakhtin, Verón também defende que as dimensões constitutivas do sentido implicam numa situação em que há sujeição às regras e um quadro de referências.

O analista de discurso deve reconstituir o processo de “produção, e transpor o texto para apreender sua dinâmica de produção. Tais dinâmicas deixam rastros que podem ser percebidos na gramática de produção e ou nas gramáticas de reconhecimento. Essas marcas dizem respeito, sobretudo, a três principais dimensões: políticas, sociais e econômicas (Ibid.,p.125). O analista de discurso deve ter tais dimensões em mente e ir em busca desses rastros seja na gramática de produção (gênero, atores, jornalistas, editores e linha editorial; tempo histórico) ou na gramática de reconhecimento (tempo históricos e a agentes). Porém, existem elementos do discurso que transbordam as instâncias de produção e reconhecimento, estes pertencem à circulação e ao analista cabe entender que as condições de circulação de sentido são próprias do funcionamento de cada sociedade (Ibid., p.53).

A proposta de Verón se expressa na Figura 1:



1 Fonte: Comunicólogos

Em *Fragmentos de um Tecido* (2005), Verón explica que este efeito discursivo produz a naturalização de uma teoria retirando as marcas de produção de sentido. Como elemento constitutivo do discurso, o efeito ideológico também transpõe o texto, e jamais pode ser definido no nível do conteúdo. O ideológico, o científico, o religioso “estão presentes em qualquer enunciado, porque possuem estatuto de gramática para o uso de uma língua qualquer

em qualquer situação”, (Ibid., p.59).

A possibilidade de considerarmos o ideológico e o científico como absolutos é efeito de operações que retiraram as marcas dos agentes e suas relações, bem como referências ao momento histórico e ao espaço geográfico. Assim, seu estatuto de verdade depende da eliminação das marcas. Os efeitos de sentido ideológico e científico se constroem na reprodução e no reconhecimento dos textos fundadores, mas se diferenciam nas relações que esses textos trazem. Recorrendo ao texto de Barthes (1980) parece mais compreensível o que seriam esses textos fundadores. Textos que nascem numa dada situação, num momento histórico, e, que por processo de reapropriação, ou seja, são transformados em mitos, reaparecem em contextos distintos de sua natureza fundadora.

No que diz respeito ao ar, por exemplo, podemos pensar em mitificação do processo de poluição, pois em princípios os chamados miasmas (fluxos de ar que carregam doenças) corrompem o ar. Corromper como alterar a natureza moral do ar. Se pensarmos que hoje os textos falam de ar puro ou poluído, a relação com pureza atua em oposição à sujeira. Assim, encontramos um discurso fundador dos discursos que permeiam as questões relativas ao ar, por exemplo. A fundação atua como um processo particular de circulação (Ibid., p. 33) pois se existe um lugar para o discurso fundador, ele se encontra na transação entre a produção e o reconhecimento. E textos *fundantes* podem originar novos textos.

Outro leitor de Bakhtin e expoente da Teoria Social do Discurso no Brasil foi o professor Milton José Pinto. Para Pinto (2002), o ideológico é uma das dimensões do discurso. A concepção de ideologia do autor brasileiro é inspirada por Althusser (1991), em que, no apagamento dos rastros históricos de um determinado texto, há uma reificação de uma ideia e naturalização de uma prática (social), de modo que se construa um consenso (em torno dela). Ou seja, a dimensão ideológica do discurso é participe dos processos de dominantes. Assim, para Pinto a dimensão ideológica do discurso é constitutiva dos processos de construção de dominação de classe na sociedade.

Entramos então numa questão central para Mikhail Bakhtin. Todos os discursos são marcados por outros tantos textos que são orquestrados e atuam como vozes. Em *O problema da poética em Dostoievski*²⁶ (2008, p.4), Bakhtin examina a obra de Teodor Dostoievski e diz que o autor é criador do *romance polifônico*, que seria definido como “A multiplicidade de

²⁶ Esta obra foi lida apenas em seu primeiro capítulo: *Romance polifônico de Dostoievski* e seu enfoque na crítica literária

vozes e consciências independentes e imiscíveis e a ausência polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”.

Compreendemos que no discurso jornalístico a *polifonia* seria quando aqueles que são chamados a enunciar têm seus discursos não objetificados e postos em cena, mesmo quando discorde do autor-empírico. No entanto, muitas vezes essas vozes são arregimentadas para construir um discurso único, então não existe polifonia, mas quando as vozes participam do discurso em total igualdade com o autor há um efeito de equipolência. Bakhtin diz que o romance polifônico morre com Dostoiévski.

Voltemos para a obra *A Estética da Criação Verbal* (2004), em que é possível depreender que a *dialogia* é elemento constituinte do discurso e da linguagem, resultante do embate das muitas vozes sociais que habitam esse sujeito. Um discurso tem sempre a *dialogia* como constituinte, mas a *polifonia* como experiência estética nem sempre aparece. O aparecimento da polifonia descreve Bakhtin permite o questionamento de figuras de poder como o próprio autor do texto. Talvez seja inviável no jornalismo esperar a polifonia, que inclui como efeito, inclusive, o questionamento do poder/saber do jornal.

Barros (2003, p.6) diz que nos “textos polifônicos, as vozes se mostram; nos textos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz”. Assim, o termo polifônico é empregado para caracterizar certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. No prefácio da obra *A Criação da Estética Verbal*, diz que “para uma crítica dialógica, a verdade existe, mas não a possuímos” (Ibid., p.19). Com exame da obra de Dostoiévski, Bakhtin afirma que o sujeito não é único.

Esse fenômeno estético diz respeito à heterogeneidade dos textos, à interdiscursividade dos textos. Aquele que opera a escrita realiza um trabalho de maestro de vozes, entrelaçando, convergindo, divergindo vozes. Os discursos são dialógicos porque os textos que habitam um discurso relacionam entre si. O entrelaçamento de textos, o processo de criação de consenso se dá por meio de uma das características fundamentais na Teoria Social do Discurso: a heterogeneidade do texto.

Em Pinto (2002, p. 26), lemos que “as marcas deixadas pelos processos de produção de sentidos” estão na superfície do texto. Para tratar desta relação convocamos o conceito de *heterogeneidade mostrada*, que são as manifestações localizáveis, textos entre aspas, por exemplo, e a *constitutiva* ou o *interdiscurso*, que são vestígios de textos pré-existentes. Tais elementos do texto são resultados dos “vestígios de outros trechos preexistentes, muitas vezes independentemente de traços recuperáveis de citação ou alusão se segundo restrições sócio-

históricas culturais sob os quais os autores empíricos do texto não têm controle” (id. *Ibidem*, p. 31).

A intertextualidade é “qualquer referência ao Outro, tomado como posição discursiva: paródia, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, reproduções de modelos, situações narrativas, de personagens, variantes lingüísticas, lugares comuns e etc” (p. 165). Citando a leitura de Kristeva sobre Bakhtin diz que “Todo texto constrói-se, assim, como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (FIORIN, 2008, p. 163). Fiorin (2008, p. 164) empenha um esforço para compreender a intertextualidade e traz a partir da leitura de Kristeva uma definição de texto: “o aparelho translingüístico que redistribui a ordem da língua colocando em relação uma palavra comunicativa, que visa à informação direta, com diferentes enunciados anteriores ou sincrônicos”.

As transformações entre tipos de textos em uma cadeia intertextual podem ser de diversos tipos. Elas podem envolver uma intertextualidade manifesta, com a representação de discurso. Por outro lado, elas podem ter um caráter mais difuso. O que pode ser interpretado como diferentes elementos comuns partilhados por diferentes tipos de textos podem ser manifestados em diferentes níveis e de formas radicalmente diferentes – no vocabulário em um caso, em narrativas ou metáforas em outro, ou na seleção entre opções gramaticais, ou na forma como o diálogo é organizado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 167-168)

Para Pinto (2002, p.14), a contribuição de Bakhtin para o entendimento dos discursos, na Teoria Social do Discurso, é trazer o contexto.

(1) O modelo de análise que privilegia é dependente do contexto. (2) Não confia na letra do texto relacionando-os às forças sociais que o moldaram. (3) Não procura interpretar conteúdo. (4) Usa o conceito de ideologia ao lado do de discurso. (5) Trabalha comparativamente. (6) Não usa técnicas estatísticas e (7) trabalha marcas formais da superfície textual.

Para Bakhtin (2006, p. 192-193) existe uma consciência crítica subjetiva, individual, que se apresenta no ato de fala e são nessas expressões de forças sociais, na tentativa de consolidar uma posição, nas suas manifestações, que se manifesta a “alma da língua”.

A alma da língua manifesta-se primeiro na consciência crítica subjetiva, individual, dos falantes. A língua torna-se, em todas as suas manifestações, a expressão de forças psíquicas individuais e de intenções dotadas de significações individuais. A evolução da língua confunde-se com a evolução do pensamento e da alma dos falantes (p.192).

Bakhtin (Ibid., p. 37) adota uma visão do materialista histórico, o método sociológico marxista, e para ele o discurso é construto e construtor das relações materiais. E propõe que para que essa concepção de análise histórica “dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas “imanescentes””, parta “da filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico*”. Para o autor:

A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (p.34)

O paradigma linguístico de Bakhtin considera que existe um psiquismo social que emerge no texto e que se revela no signo, para o qual é sempre ideológico. Bakhtin rebate o conceito de Wilhelm Dilthey de uma psicologia interpretativa por não dar conta do caráter social. Para Bakhtin o signo é fruto de uma relação dialética constante entre ideologia e realidade material. Esse mesmo mundo material é dotado de significação e ideologia que para o russo não se limita a um mundo interior do indivíduo, mas está presente no social. “Desta maneira, existe entre o psiquismo e a ideologia uma interação dialética indissolúvel” (BAKHTIN, 2006, p.64).

Para Bakhtin o signo é construto e produto da vida interior e da realidade social. A Teoria Social dos Discursos vai trazer a palavra como mobilizador de sentidos, e como agente no mundo, não apenas resultados de processos cognitivos, mas como dotado de sentidos que revelam forças sociais que se tornaram hegemônicas. A palavra é para Bakhtin a própria coisa em si, porém diferente da polarização *langue-parole*²⁷, na qual se devem debruçar-se aqueles que pretendem entender os processos de uma dada realidade (BAKHTIN, 2006).

O autor traz o caso da foice e do martelo como exemplo do processo de significação, uma vez que esses elementos tornaram-se símbolos da União Soviética; bem como o pão e o vinho, como elementos da religião judaico-cristã, e que exibem em si ideologias que lhes

²⁷ A dicotomia proposta pela obra Saussureana, Curso de Linguística Geral, é considerada fundamental para Bakhtin, bem como para Michel Pêcheux em Semântica e Discurso (1978). A *langue* (língua) como instituição social, homogênea e abstrata, e a *parole* (fala) como individual, heterogênea e concreta, relacionam de maneira interdependentes por ser a *parole* a realização da *langue*. Mesmo sendo Bakhtin pós-saussureano ele não rompe com esse entendimento linguístico. Sua “translinguística”, como disse Gregolin (2004), tenta recuperar a questão cultural, social, histórica, criticando um certo “objetivismo abstrato”, a visão instrumental, e tratando de uma consciência interior que emana no discurso, considerando o caráter relacional *langue* e *parole*, tendo em vista a situação de enunciação e as características do momento histórico e os sujeitos que participam da enunciação (GREGOLIN, 2004).

conferem forma e enunciação - seu momento de existir no mundo. A palavra seria a materialização de uma consciência, a qual, diferente da psicologia idealista, não apenas revela uma natureza subjetiva e o inconsciente do sujeito, mas os discursos que habitam e conformam as ideologias de uma sociedade. A língua é, portanto, viva, capaz de mudar diante das alterações sociais (BAKHTIN, 2004).

Gregolin (2004, p.40) vai dizer que as diferenças entre a AD francesa clássica de Pêcheux e Bakhtin encontram na leitura de Saussure semelhanças na medida em que “a) a língua é um sistema e, portanto, prevê a possibilidade do deslizamento; e b) a língua é uma instituição social”. Para Bakhtin, a língua sendo social, não é dominada pelo sujeito que enuncia, mas determina a enunciação e também constrói os sujeitos. Trata-se de um processo dialógico de troca e negociação que envolve forças sociais a todo tempo. A significação, portanto, é múltipla tal qual são os contextos em que se enuncia (BAKHTIN, 2004).

Bakhtin propõe pensarmos a língua como social e, como efeito desse caráter, o discurso é tecido de heterogeneidades. Para Brait (2004), o que torna a visão de Bakhtin diferente é a recuperação do sujeito e da historicidade no discurso. O uso de uma língua envolve sua reprodução por um grupo social em um intervalo de tempo e em um mesmo espaço determinado, ela sempre possuirá espaços e plasticidade para comportar rupturas e mudanças. A linguagem seria, portanto, algo indissociável do contexto sociohistórico. Segundo Bakhtin (2004, p.130), para analisarmos a língua deve-se considerar cinco pontos, a saber:

1. A visão cartesiana da língua é uma *abstração científica*, quase uma condição ideal para uma experiência, portanto não é real;
2. “A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*”, vivo, não natural, mas socialmente compartilhado e construído;
3. A língua não serve para organizar o mundo externo, antes, a enunciação ajuda a organizar a atividade mental. Portanto, a consciência individual é sociológica;
4. O ato de criação não é individual, ele deve ser compreendido a partir da partilha de valores ideológicos e que nele se impregnam;
5. “A *estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*”.

Uma questão cara ao filósofo russo são as transformações sociais e que podem ser percebidas pela palavra²⁸. A palavra é um “indicador sensível” das mudanças sociais. Na

²⁸ Ibid., p. 45;

leitura que Fairclough (2001) faz de Bakhtin podemos entender melhor sua própria concepção de discurso. Para o norte-americano, as mudanças sociais estão presentes e se fazem presentes pela palavra, ou seja, as mudanças se expressam socialmente pela palavra. O pesquisador deve captar pelo discurso as mudanças culturais e sociais que nele se apresentam, por isso uma análise deve ser sempre comparativa, para que as mudanças possam ser notadas.

Como elemento social, a conformação dos discursos nunca seria homogênea, será para Bakhtin o produto da interação entre as forças sociais que habitam os autores. O autor bakhtiniano não é um sujeito isolado, não é autônomo em sua fala/escrita, ele constrói discursos com outros discursos prévios e nisso voltamos ao mais caro dos conceitos bakhtinianos: o dialogismo. Há vozes habitando o sujeito que enuncia e que pelas palavras ganham vida dentro das possibilidades que a realidade objetiva possibilita.

4.2 A SAÚDE DE QUE FALAMOS

Em *O que é Saúde?* (ALMEIDA-FILHO, 2011), a saúde apresenta diferentes dimensões, uma delas é ser pensada como fenômeno, tendo em vista a saúde como uma propriedade do corpo, um atributo; ou uma medida, visão socioeconômica e também da saúde pública; cabe ainda a visão da saúde como valor, em que aparece a questão do direito social e a questão do acesso ao serviço de saúde; e como práxis, nas quais estão envolvidos os hábitos e saberes dos profissionais de saúde. Para este trabalho, interessa a saúde como uma metáfora, uma construção cultural, uma ideia, algo a qual as ‘teorias culturais de saúde’ se dedicam a investigar.

O autor preocupa-se em discutir saúde do ponto de vista antropológico. No capítulo *Saúde como ideia*, o autor tece um texto curto, mas com preocupação de reforçar uma visão não puramente biológica da saúde, mostrando que como construto social, há processos de significação que se dão tanto na prática dos hospitais, quanto nas pesquisas científicas que dotam a saúde de questões sociais e que fazem desse campo uma rede semântica. As teorias discursivas de Bakhtin (2006) dizem que os processos sociais existentes no mundo material deixam rastros nos textos, constituindo-se como discursos. Partindo do aporte teórico de Bakhtin, consideramos a visão terapêutica da saúde (referida à doença) como marca do poder médico na nossa sociedade; enquanto tal ela constitui-se como dominante na prática em saúde.

A saúde é um campo de práticas onde se constituem relações de poder e se delimita

um espaço social, com agentes pertinentes desse campo e sentidos sociais que se dão numa situação de troca. A noção de campo é de que se trata de um espaço social de domínio de saber, relativamente autônomo, no qual se consolidam a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital, numa definição de campo de Pierre Bourdieu (1989). De acordo com Bakhtin (2006), as práticas sociais operam mudanças nos nossos atos de linguagem e assim as concepções pertinentes a um campo se alteram com mudanças que se dão no mundo da prática, não necessariamente sempre partindo da prática para o simbólico, porque não existe uma separação entre os dois.

De acordo com Bakhtin (Ibid), as práticas sociais operam mudanças nos nossos atos de linguagem. Na medida em que a linguagem é instituinte da compreensão do mundo, as concepções sobre o mundo, produzidas e partilhadas em um determinado campo, também se transformam. É importante observar, no entanto, que para Bakhtin (Ibid) não há uma separação radical entre linguagem e as práticas; tampouco um processo linear, sem variações, indo da linguagem para as práticas ou vice-versa. Em vez disso, Bakhtin propõe pensar essa relação como uma relação como dialógica.

As concepções de saúde são construídas no interior de processos históricos e se alteram com as mudanças operadas nas práticas realizadas nesse campo. Ou seja, as práticas em saúde alteram o conceito de saúde e os seus sentidos sociais. “Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios” (BAKHTIN, 2004, p.35).

Para Araújo (2000), esse capital simbólico posiciona os sujeitos em núcleos e periferias, quanto mais próximos ao centro nuclear, mais participante das tomadas de decisão está o sujeito. Enquanto aqueles que estão posicionados periféricamente, são sujeitos participantes, mas estão mais sujeito àqueles para os quais fora conferido o direito de falar, nomear, posicionar e alinhar - nas páginas de 120 a 123 há uma explicação mais detalhada. Não se trata de uma relação de poder exercida claramente.

O poder simbólico é afirmado por aqueles que o detêm em maior parcela e é consentido pelos destituídos. Araújo (2000) recorre a Althusser (1991) ao reiterar que tais concessões se fazem por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), os quais participam dessa relação de cessão de poderes na medida em que anulam os aspectos históricos (ALTHUSSER, 1970). Num hospital, por exemplo, construindo um consenso de que a relação em que o médico exerce um determinado poder é a única possível.

Retomando a ideia de semiose social, tão cara a este estudo, a relação de dominação

que define funções num espaço social se constitui num texto, podendo ser inclusive constituído de silêncios, uma vez que o texto como linguagem pode ser verbal e não verbal. Logo o texto também pode ser constituído de silêncios e omissões a sujeitos e situações. Pinto (2002, p.28) diz que é por meio dos textos que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar “dar a última palavra”. Como as práticas discursivas medeiam as relações sociais, elas participam dos processos de disputa pela hegemonia do sentido.

Logo as práticas discursivas constituem e são constituídas no interior das relações de dominação em um campo social. A dominação de classes (subalternas pelas dominantes) no capitalismo ocorre pela mobilização de estruturas ideológicas, discursivas e coercitivas. E a coerção, sobretudo simbólica, naturaliza a dominação, sob a forma do consentimento.

O entendimento da saúde passa, antes, pelas concepções da doença. A teoria mais antiga a respeito da doença nasce cinco séculos antes de Cristo, e se trata da teoria hipocrática²⁹ a qual atribuía à doença a uma desarmonia entre o corpo e a natureza, sendo ambos constituídos dos seguintes elementos: ar, terra, fogo e água. O desequilíbrio dessa relação dava vazão ao adoecer que nada mais era que a tentativa de recuperar um equilíbrio inicial, tal teoria era chamada também grega de Galeno: a *Physis*. A saúde então está no sujeito, ela é o estado natural do corpo, considerado uma totalidade das forças naturais. A doença é uma desordem, o estado anormal (CZERESNIA, MACIEL e OVIEDO, 2013).

Tal pensamento teria dado base às ideias de dietética ou higiene individual. Dessas noções hipocráticas, são adotadas medidas na Idade Média quanto aos leprosos, que constituem em isolar esses doentes, afastando-os do convívio com as zonas mais populosas. Dessa maneira purificava-se o ar, além disso, pedia-se que a população deixasse as janelas de suas casas abertas para fazer circular o ar. A concepção de doenças, então, tratava-se de um castigo divino e, com isso, havia estigmatização dos sujeitos adoecidos. Havia uma questão moral no adoecer.

No fim do século XVIII, os processos de urbanização demandam ações para favorecer a circulação do ar, as cidades estão mais cheias, as demandas por higiene, a necessidade da queima de lixo, aterrar os pântanos (Ibid., p.13). Nesse período, o temor que vinha do ar eram os miasmas, “emanações atmosféricas compostas por partículas já descritas como elementos

²⁹ A medicina hipocrática floresceu na Grécia em meados do séc. IV e no séc. V a.C. e teve como figura de referência Hipócrates, embora os dados da investigação científica já tenham provado não ser possível atribuir a autoria de todos os textos do Corpus Hippocraticum a um só autor (CARVALHO, M. M. A medicina Hipocrática. In: Revista Leituras. Vol. IV. N 1. Lisboa, 2002.

químicos no modelo da química, disciplina científica nascente”, que não supera o pensamento hipocrático. Os autores nos dizem que nem mesmo a teoria contagionista, na qual “busca-se especificar um ente como substância proveniente do mundo externo”, de Fracastoro³⁰, rompe esse pensamento. Os miasmas corrompem o ar.

Czeresnia et. al. (2013, p. 39) contam que Thomas Sydenham (1624-1689) realizou a classificação da doença e irrompeu assim a divisão entre contagionistas e anticontagionistas, que se diferiam pela busca de uma causa localizável, enquanto o outro visava à predisposição. Czeresnia et. al. (Ibid., id) diz que Sydenham considerava que “as epidemias ocorriam por alterações atmosféricas que se predispunham ao adoecimento, elas eram decorrentes de um conjunto de causas singular, próprio de um momento”.

Nossos autores comentam o livro *Sobre a Maneira de Transmissão do Coléra*, do anesthesiologista britânico John Snow, publicado em 1849 na Inglaterra, defendendo que a obra ilustra a racionalidade da epidemiologia, que para muitos nasce com a busca de respostas, a correlação com o ambiente. Neste livro, Snow explica como se desenvolve no corpo a doença, entendendo os excrementos humanos como veículos de transmissão, atribuindo fontes específicas, considerando a habitação, sistematizando os diferentes aspectos, e por isso é apontado como um marco inicial da epidemiologia.

A percepção da água contaminada como elemento de transmissão reafirma o papel do ambiente na transmissão de doenças, mas agora inicia-se a percepção dos agentes etiológicos. Algo que se consolida com a Teoria Microbiana, dando novos sentidos ao adoecer, o que interfere na teoria e prática médica, por meio das contribuições de Pasteur Robert Koch. (CZERESNIA, MACIEL e OVIEDO, 2013). Ainda no fim do século XVIII, e início do século XIX, com a teoria microbiana, ao final, em face da Revolução Industrial, a relação do homem com os recursos naturais é modificada.

Com as teorias epidemiológicas voltadas para os agentes etiológicos, o indivíduo se tornou ainda mais responsável pelo seu estado de saúde, suavizando o papel do meio ambiente no processo saúde-doença. Os discursos científicos reforçam o papel das bactérias e microorganismos no adoecimento e a higiene passa a ser um elemento do processo educacional como modo de promoção da saúde, e vem fortemente com esse aspecto individualizante. Como resultado: ao longo dos anos as concepções de saúde nos estudos epidemiológicos sobre o papel do ambiente para a saúde foram cedendo espaço para o estilo de vida.

³⁰ Girolamo Fracastoro (Fracastorius) (Verona, 1478 — Incaffi, 8 de agosto de 1553) foi um médico, matemático, geógrafo e poeta italiano.

Já no século 20, desenvolve-se nos anos 70, a principal teoria sobre processos patológicos: a História Natural da Doença (HND) que preconiza as seguintes fases do processo saúde-doença: 1) Período pré-patogênese: existe um agente e ou situação de propensão à doença; 2) Patogênese: a doença se instala e se manifesta; 3) Desenlace: é curada, deixa sequelas ou leva a óbito. A HND diz que existem dois domínios que integram os determinantes de interação e desenvolvimento da doença: o “meio externo” e o “meio interno”. O primeiro se relaciona com fatores como local em que o doente vive, condições da habitação, fatores externos, presença de agentes etiológicos e o meio interno seria a predisposição genética, por exemplo. São fatores indissociáveis, contudo, os primeiros parecem mais deixados de lado na prática de saúde, sobretudo, médica no Brasil (LEAVEL e CLARK, 1976 apud ALMEIDA-FILHO, 2011).

Este modelo de entendimento do processo de saúde será importante para os estudos de saúde no âmbito das ciências humanas, na medida em que traz os fatores externos, culturais, sociais, políticos; para todo o percurso da doença. A atual concepção de saúde é de “um estado de completo bem-estar físico, mental, social e não apenas ausência de doença ou enfermidade”, definida pela OMS (Organização Mundial de Saúde), em 22 de julho de 1946. Logo após a Segunda Guerra Mundial, quando a instituição foi criada, como parte da Organização das Nações Unidas (ONU), e trouxe à tona a saúde mental, posto que a sociedade encontrava-se devastada psicologicamente com as guerras ocorridas (OMS, 1946). Este novo conceito é considerado utópico, mas amplia o horizonte das práticas de saúde (ALMEIDA FILHO, 2011).

A sociedade deu outros passos na medida de ampliar o conceito de saúde. Em 1974, o relatório Lalonde, no Canadá, também reforça a necessidade de se olhar para quatro elementos gerais: biológico, ambiente, condições de vida e assistência sanitária, no documento *A new perspective on the health of Canadians* (Uma nova perspectiva da saúde de canadenses). Em 1986, a Conferência Mundial de Saúde (1986) – Otawa propõe com a Carta de Otawa romper com a clássica divisão que tradicionalmente separa saúde pública e clínica; e reforçou a discussão sobre o dever do Estado de prover atenção e serviços de saúde. Além disso, “(...) tirou da corporação médica o privilégio e o peso de definir e garantir sozinha a saúde coletiva” (MINAYO, 2009, p.90).

Ainda naquele ano, o Brasil realizava a VIII Conferência Nacional de Saúde (Brasil, 1986), evento que politizou o papel da saúde e incluiu a visão social dos determinantes do processo de saúde e de doença, consolidando o território que em 1988 garantiria aos brasileiros o direito à saúde (MINAYO, 2009). O Brasil também, nos anos 70, passa a

consolidar o campo da saúde coletiva, “um campo de saber e de práticas referido à saúde como fenômeno social e, portanto, de interesse público” e como campo se estrutura por meio de outros saberes advindos da Epidemiologia, Administração e Planejamento em Saúde e Ciências Sociais em Saúde (ISC-UFBA, 2016).

Como produto de relações materiais, as concepções de saúde são fruto, portanto, de um tempo histórico, atravessadas de fatores, que vão desde os modos de pensar, modos de dizer e modos de fazer, perdendo o caráter simplista que é próprio do entendimento de saúde como ausência de doenças (BAKHTIN, 2006). As concepções de saúde vão se alterando ao longo do tempo, mas a visão bio-clínico-médico é hegemônica, e como resultado temos que a preocupação da prática médica, em geral, está mais voltada para a supressão da doença do que para a saúde (ALMEIDA-FILHO, 2011).

Os danos dessa hegemonia da doença como consenso é que as práticas em saúde preventivas são marginalizadas. “Os sentidos de saúde e doença são configurados social, histórico e culturalmente. Eles não são isentos de crenças, hierarquias, juízos de valor, conhecimentos e atitudes compartilhados em um grupo” (CZERESNIA, MACIEL e OVIEDO, 2013, p.15).

O jornalismo, como espaço de produção e disputa simbólica, então, constrói arenas de embates discursivos, as redes semânticas, nas quais são tecidas e repensadas as práticas em torno da produção material e simbólica de saúde (ARAÚJO, 2004). Os estudos discursivos não determinam um espaço do real, concreto, e outro para o discurso. O discurso é o próprio fazer, é uma ação, diz Bakhtin (2006). Mas os discursos em saúde constroem relações que estão deixando de lado os determinantes ambientais, sociais e culturais que participam do processo saúde-doença (ALMEIDA-FILHO, 2011).

Por longos anos, a visão dietética (preventiva) de saúde se confundiu com visão quase coercitiva. A Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGSP), órgão ligado ao Ministério da Justiça, tinha como atribuição a direção dos serviços sanitários dos portos marítimos e fluviais, os estudos sobre doenças infecto-contagiosas; a organização de estatísticas demógrafo-sanitárias; e o auxílio aos Estados mediante solicitação dos seus respectivos governos; a fiscalização do exercício da medicina e farmácia em ações pontuais e emergenciais. Com a mudança do DGSP para Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920, é que se concebem as primeiras políticas preventivistas, não mais atuando em situações emergenciais e provisórias (SCOREL e TEIXEIRA, 2008).

Como medida de longo prazo e estruturante se institui uma educação sanitária. O reconhecimento da educação como fundamental para a disseminação do ideário do homem

educado e limpo para desenvolver a comunidade, advindo do movimento intitulado Escola Nova, e que atuava com o binômio pobreza-doença foi fundadora da educação sanitarista no Brasil (CARDOSO, 2001). Hoje, herdou-se desses processos o discurso pedagógico que convoca os indivíduos a enfrentar as resultantes de danos deixados pelo Estado e pelas indústrias.

O DNSP por muito tempo fundamentou suas ações de saúde pública nas campanhas sanitaristas como estratégia de saúde pública. Tais intervenções “possuem, portanto, a capacidade de conferir visibilidade espetacular a fenômenos antes mantidos à sombra, embora presentes na vida da população e, não raro, nos serviços” (CARDOSO, 2001. p. 27). Tais campanhas, assegura a autora, garante uma circulação vultosa de recursos públicos, projeta autoridades, reverbera discursos assimétricos; entre autoridades e população, mas não resolve os determinantes sociais em torno dos processos que deságuam no adoecer de determinados grupos sociais.

O DNSP concebe em suas estruturas o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária que entre as funções está educar a população no sentido da prática da higiene pessoal (CARDOSO, 2001). Tal política, na prática, significou a capacitação de professoras para atuar como “agentes de educação sanitária”, enfermeiras de saúde; realizando conferências, distribuindo folhetos, palestras e deu margem ao surgimento de numa nova categoria profissional, o sanitarista, com perfil educador (Ibid., p. 41). Cardoso (p.45) ressalta que o “binômio ignorância/ maus hábitos” que emerge desse processo de educação para a higiene dá início a individualização da responsabilidade com o cuidado para a manutenção do estado de saúde.

No ano de 1930, emerge ao poder o militar Getúlio Vargas, para o qual a comunicação é estratégica para o seu governo. O estadista se apropria da propaganda como instrumento de consolidação da política nacionalista e reconhece na imprensa outro instrumento ideológico de estado. Não à toa, o cerceamento da liberdade de imprensa aparece como resultante dessa concepção, cujo objetivo é hegemonia discursiva das autoridades instituídas. Trata-se de uma perspectiva instrumental dos meios de comunicação que fora muito usada nas intervenções do sanitarismo campanhista (CARDOSO, 2000).

Tal concepção instrumental da comunicação não fora inventada pelos líderes de governo, mas está na compreensão dos processos comunicativos como sendo lineares e unidirecionais, ideias advindas do modelo informacional desenvolvido por Shannon & Weaver (1948), após a segunda Guerra Mundial, e na Teoria da Agulha Hipodérmica de Harold D. Lasswell (ARAÚJO e CARDOSO, 2007). Essa perspectiva instrumentalista de

comunicação ganha novas nuances com o desenvolvimento das ciências sociais e o reconhecimento das subjetividades e da individualidade dos sujeitos, propondo entre suas concepções a mudança de emissor-receptor para *interlocutores*

5 COMO O JORNAL A TARDE CONSTRÓI SENTIDOS DE POLUIÇÃO

5.1 QUANDO O CORPUS É UM DISCURSO

A construção do *corpus* se deu metodologicamente com as contribuições de Mikhail Bakhtin, Eliseo Verón, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau. A partir de Verón (2005), vimos a necessidade da preservação e recuperação da *situação de enunciação* (contexto em que a língua é posta em funcionamento) e por isso o material selecionado será analisado observando não somente os textos verbais, mas as imagens que o acompanham e o momento histórico da publicação.

Em princípio, a palavra *texto* será utilizada para nomear todo o material coletado, a interação verbal escrita. Os textos encontrados são produzidos num espaço social em que a atividade industrial faz parte da rotina de trabalho de uma parcela da população e, como se pôde ver na introdução dessa dissertação, produz efeitos ambientais que podem afetar a saúde humana daqueles que estão dentro das fábricas e daqueles que vivem na região. Entre os agentes industriais, a Grande Salvador possui o Polo industrial de Camaçari, no qual cerca de 10 mil pessoas atuam diretamente³¹; está em operação a Vale S.A, no município de Simões Filho, e a Refinaria Landulpho Alves, em São Francisco do Conde.

Todos esses agentes produzem efeitos considerados pela literatura científica suficiente para tornar o ambiente um espaço de alto impacto ambiental, tendo a poluição como problema crônico. Com base nos pressupostos teóricos, diz-se que jornal é um espaço social que registra marcas de um tempo e dos processos sociais que nesse tempo ocorrem: o modo como a sociedade produz, como fala e como pensa. Por isso, mira-se nos jornais com o desejo de encontrar as marcas que acontecimentos relativos à poluição ambiental deixam sobre esses textos e quais discursos recuperam, reforçam e reproduzem o sentido de poluir e estar poluído neste espaço social.

Em princípio, supomos que esses agentes citados (empreendimentos de alto impacto ambiental e social) são participantes dos processos discursivos produzidos pelo espaço social selecionado. Parte-se dos conceitos de notoriedade e relevância do tema para justificar a crença de que o tema despontaria no noticiário local. Porém, o itinerário de um pesquisador é guiado pelo seu objeto de pesquisa. O primeiro contato com o *corpus*, entre junho e julho de 2016, deu-se em busca de textos em que houvesse a intersecção dos temas poluição, saúde e Polo Industrial de Camaçari. Observando todos os jornais A Tarde, manualmente, de primeiro

³¹ Dados do Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic).

de janeiro a 31 de dezembro de 2015. Acreditava-se que em um ano de jornais diários a pesquisa forneceria material suficiente para as análises. Foram 365 amostras, uma frustração imensurável e uma sensação de erro. A pergunta inicial feita ao jornal era: quais os sentidos de saúde são produzidos quando o jornal A Tarde trata da poluição atmosférica advinda do Polo?

A frustração se deu pois os primeiros resultados, nesse universo de 365 amostras, foram: uma reportagem e uma entrevista em que o Polo é colocado como um participante dos processos de impacto ambiental na Grande Salvador (Região Metropolitana de Salvador). Julgou-se inviável responder ao questionamento porque se pressupôs que o jornal teria interesse pelo tema, mas parecia que este não era o caminho. Talvez o tema fosse restrito demais ou o *corpus* necessitasse ser ampliado. Fez-se uma nova busca observando a mesma questão nos jornais dos meses de junho de 2012, 2013, 2014, 2015, 2016. Escolhendo apenas o mês de Junho pela força do mês devido ao Dia Mundial do Meio Ambiente (5) e aniversário do Polo Industrial de Camaçari (29).

O resultado dessa busca que chamarei de vertical, por recortar um mesmo mês, em anos diferentes para estabelecer paralelos: foram quatro matérias, mas nenhuma ainda em que houvesse essa intersecção que se buscava: Polo, poluição, saúde e ambiente. Mudou-se o recorte temporal para o *corpus*, o resultado, contudo, ainda parecia incipiente. Mas a partir dessas duas, buscas feitas de forma manual, pôde-se perceber que o jornal A Tarde quando tratava do tema poluição não fazia correlações com o Polo Industrial de Camaçari. Então, a pergunta foi refeita e passou a ser: quais os sentidos de poluição, dessa vez incluindo impactos na água, no ar e no solo, estão sendo produzidos pelo jornal A Tarde em um território de vulnerabilidade a este tipo de agressão ambiental?

O *corpus* fora ampliado (de primeiro de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2015) e foi feita uma busca de novos materiais. Por questão de viabilidade e tempo, ao ampliar o *corpus* para as novas buscas usou-se o recurso digital do projeto *História da Bahia – Da memória impressa ao conteúdo digital*, que disponibiliza quatro terminais de busca e acesso, dois no Centro de Memória e dois no setor de periódicos, ambos situados e gerenciados pela Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Barris), Salvador, Bahia, com a base de dados fornecida pelo Centro de Documentação (CEDOC) do Jornal A Tarde.

O jornal possui as edições digitalizadas em seu acervo, desde 1935 até 2015, e disponibiliza para pesquisadores por meio desse projeto em parceria com o governo do estado, de forma gratuita, e também diretamente no CEDOC, na sede do jornal, no bairro Stiep, por meio de pagamento. No sistema do projeto *História da Bahia*, o pesquisador pode

inserir as palavras que deseja e fazer a busca do ano que lhe interessa. Há conteúdo separado, por ano, mês e dia. A palavra utilizada foi “poluição” (com cedilha e til) por recomendação dos bibliotecários e historiadores da Biblioteca Pública dos Barris. O ano de 2012 é um marco inicial porque se pressupôs que a Rio+20 alavancasse o tema e o ano de 2015 seria o último encerrado no período da coleta.

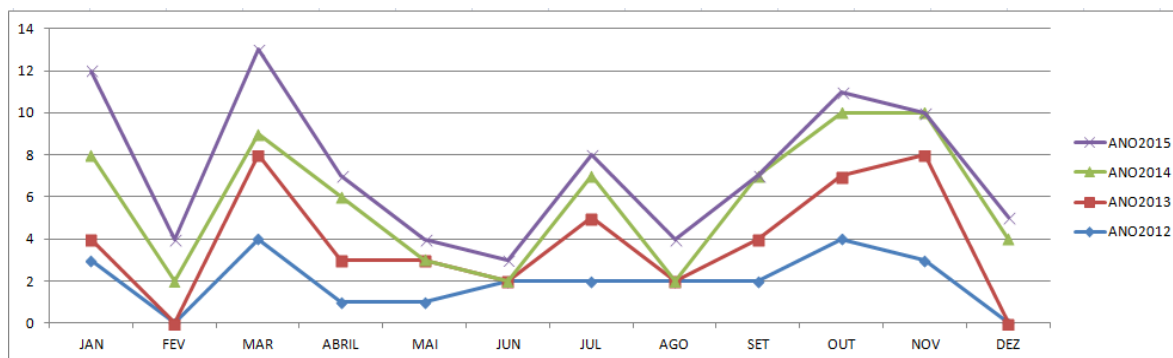
Primeiro, tem-se 1.125 resultados, que o sistema chama de item, todas as vezes em que o jornal publicou na página *Serviço* o telefone do “Disque Poluição Sonora” e todos os anúncios de veículos automotivos também fazem indicação da adesão ao Programa de Controle de Poluição do AR (Proncove). Esses resultados foram retirados na primeira limpeza de resultados. Segundo, além de todos esses anúncio e serviços, fez-se um corte retirando todas as notas (textos curtos, contendo apenas lead e sublead) e curtas (apenas o lead), todos os textos de agência e todas as matérias que tratam da poluição sonora e visual, que embora sejam consideradas poluição ao ambiente foram, neste trabalho, tratadas como uma questão ampla e distante do escopo do trabalho. Isso retirou 1.033 resultados e deixou 92 textos.

Com os resultados quantitativos de 92 textos que apareciam o tema da poluição, pôde-se observar que a editoria *Salvador Região Metropolitana* se destacava, pois 51 desses resultados estavam na editoria (ver anexo resultados gerais: p.132 a 135). Outros espaços de produção de textos em torno das questões relativas à poluição foram a editoria *Bahia*, com 9 (nove) resultados, com 7 (sete) itens, a editoria *Ciência & Vida*, publicada sempre aos domingos, e o suplemento de sábado, o jornal infantil *A Tardinha*, com 5 (cinco) resultados, além de 4 (quatro) reportagens no caderno *Motor*, que depois passou a ser chamado de *Autos*. Os demais textos estavam espalhados entre as editorias de *Agronegócios*, *Política*, *Imobiliário*, *Viajar* e especiais com um dois exemplares, no máximo.

Os resultados tabulados por mês foram tabulados para perceber o comportamento do jornal diante do tema ao longo dos quatro anos, a fim de notar alguma semelhança na produção. No gráfico (figura 2) abaixo é possível perceber um comportamento muito semelhante em todos os quatro anos:

Tabela 2 Quantidade de matérias sobre poluição em cada mês/ano

| ANO/MÊS | JAN | FEV | MAR | ABRIL | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ |
|---------|-----|-----|-----|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| ANO2012 | 3 | 0 | 4 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 4 | 3 | 0 |
| ANO2013 | 1 | 0 | 4 | 2 | 2 | 0 | 3 | 0 | 2 | 3 | 5 | 0 |
| ANO2014 | 4 | 2 | 1 | 3 | 0 | 0 | 2 | 0 | 3 | 3 | 2 | 4 |
| ANO2015 | 4 | 2 | 4 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 |



Para tentar entender este comportamento é necessário ir buscar na realidade, quais as motivações para esses textos acontecerem nesses meses. Em janeiro, os textos, em suma transitam na temática do verão que oscilam entre poluição marítima e hídrica, a questão da balneabilidade das praias. Em março existe o Dia da Água, dia 22, então a questão do impacto da poluição nas águas retoma as páginas. Todas as pautas do mês de julho foram de temas aleatórios e não foi possível compreender pelas matérias quais as razões do comportamento desse período. Já em novembro, mês da consciência negra, a poluição das águas nas comunidades quilombolas aparecem com mais frequência.

Nesta amostra ainda de 51 textos, observou-se que o chapéu é outro recurso textual de identificação do tema no jornalismo. Também conhecido como retranca ou cabeça tem a função de sintetizar a ideia da notícia, pode ser atribuída pelo repórter, mas passa pelo crivo do editor (LAGE, 2001). Viu-se que a retranca *Meio Ambiente*, foi utilizada 11 (onze) vezes, *Ambiente*, 5 (cinco), e *Acidente Ambiental* que considera-se correlata 1 (uma). Em seguida, *Praia*, 3 (três), *Orla*, também 3 (três) e *Verão* 2 (duas) vezes aparecem como segundo tema mais frequentes. *Saúde* aparece 5 (cinco) vezes e depois a palavra *Transporte* aparece no topo das matérias em 3 (três) materiais. As demais retranscas são temas diversos.

A página que mais deu suporte para o tema de poluição foi a A4 (a página mais cara para anúncio do jornal, os valores de anúncio neste espaço estão entre R\$ 54 mil e 78 mil reais por uma inserção³²). Quando o jornal é aberto ao meio pelo leitor, a página que está a ser lida, do lado esquerdo, é a página A4, por isso ela possui tanto um certo privilégio para as grandes reportagens. Em suma, todas as matérias que estão na página A4 possuem chamada de capa. Neste resultado para esta pesquisa, isso acontece em 28 vezes, na amostra de 51 textos na editoria *Salvador & Região Metropolitana*.

Após filtrados todos os textos, optou-se pelo formato reportagem, pelo seu caráter

³² Informações obtidas, em 26 de janeiro de 2017, diretamente no setor de marketing do jornal.

interpretativo e singular (GENRO-FILHO, 1987). Considerando que a questão de pesquisa considera o território e suas implicações, como a presença de atividades industriais. Os textos em análise são todos somente da editoria *Salvador Região Metropolitana*. Os critérios de seleção do corpus: foram a retirada das matérias de poluição sonora pela impossibilidade de correlacionar o impacto com o Polo. As notas e curtas foram retiradas também do corpus, uma vez que não seria possível fazer análise de todos os materiais e por acreditar que seria mais difícil que em textos tão curtos fosse possível encontrar as marcas de ideologias, de suas condições de produção e enunciados que pudesse trazer os sentidos que a poluição constrói no jornal. Também não foram analisados os textos reproduzidos pelo jornal trazidos de Agência, por não ser algo produzido no jornal. Embora carregue consigo a visão da publicação, não traz as marcas das condições de produção desse veículo em investigação.

Após a opção por apenas textos da *editoria Salvador & Região Metropolitana*, a depuração do *corpus* priorizou-se a presença da palavra “poluição” no título, ou na retranca, ou mesmo no intertítulo. Em Verón (2005) viu-se que o título é uma chave que abre para o universo temático. Obteve-se então 21 textos. Todos esses materiais foram lidos para compreender como o jornal trata o tema, como enquadra, em qual universo temático o jornal circunscreve a poluição; quais páginas, qual frequência. Em seguida, foram percebidas certas repetições de temas: como poluição dos rios, praias impróprias para banhos, impacto na comunidade quilombola, danos para a saúde e transporte público. Diante da repetição dos temas, entrou o papel subjetivo do analista, que priorizou textos que representasse esse universo temático, essas regularidades; e trouxesse riqueza de elementos para a análise. Com isso, chega-se ao *corpus* final com 18 textos, em 15 datas distintas.

Tabela 3: Corpus final da pesquisa dentro da editoria Salvador&Região Metropolitana

| Data | Título | Retranca | Página |
|------------|---|---------------|--------|
| 23/03/2012 | Dois rios baianos estão entre os mais poluídos do país, aponta estudo | Meio Ambiente | A4 |
| 23/07/2012 | Poluição estimula proliferação de mosquito | Risco | A4 |
| 25/08/2012 | Poluição e violência prejudicam vocação turística de Dias D'Ávila | RMS | A4 |
| 03/11/2012 | Salvador tem 14 praias impróprias ao banho | Prevenção | A4 |
| 01/05/2013 | Obra é obra irregular, dia Aleluia | Polêmica | A4 |
| 02/09/2013 | Transporte público eficiente pode reduzir risco de mortes e doenças | Pesquisa | A4 |
| 22/03/2014 | Alto grau de poluição atinge 81% dos rios de Salvador | Dia da Água | A4 |
| 30/11/2014 | Poluição marítima dizima pescados em Ilha de Maré | Esgoto | A4 |
| 30/11/2014 | Paisagens exóticas e paradisíacas da ilhas resistem ao descuido | Turismo | A6 |
| 25/01/2015 | Problemas Ambientais ameaçam rios da RMS | Abastecimento | A4 |
| 25/01/2015 | Lei estadual garante pagamento apara quem preservar nascentes | Abastecimento | A6 |

| | | | |
|------------|---|----------|----|
| 24/03/2015 | Doença misteriosa assusta população de Camaçari | Surto | A5 |
| 07/10/2015 | Ocupação desordenada agrava a poluição da cidade | Ambiente | A5 |
| 14/12/2015 | Banhista deve evitar 8 praias em Salvador | Verão | A4 |
| 14/12/2015 | Águas impróprias podem acarretar problema de pele | Verão | A5 |

5.2 OS MODOS DE DIZER E OS DISCURSOS DA POLUIÇÃO

Já discutimos anteriormente o que concebemos como discurso e agora segue a etapa da empiria para entender como o jornal A Tarde constrói sentidos quando trata o tema da poluição. Para isso, a análise foi dividida em dois momentos: análise individual de cada reportagem/texto, considerando os fatos contemporâneos a esses textos, os quais constroem o contexto do discurso. Em um segundo momento é feita uma análise quantitativa e qualitativa das fontes para, por fim, capturando deles seus enunciados e trazendo seus enunciadores, mostrar que esses enunciados atravessam os temas e se consolidam como propriamente os discursos do jornal A Tarde na temática da poluição.

O discurso se constrói na escolha das fontes, as que não são escolhidas, aqueles que são ouvidos e os que são silenciados, o espaço que o jornal dedica ao tema, a relação que se constitui entre o jornal e o leitor. O discurso é o produto do texto + interação (MAINGUENEAU, 2014, p.36). Já na descrição do texto, um a um, numa breve discussão aos elementos semânticos, tem-se então uma análise de possíveis sentidos, vestígios de discurso, considerando que os sentidos são efeitos discursivos e não podem ser completamente circunscritos, pois eles acontecem também na experiência entre o leitor e o jornal, cabendo ao analista buscar as pistas observando os *modos de dizer* (PINTO, 2002). Pinto (Ibid., p. 27) diz que os *modos de dizer* “(uso comunicacional da linguagem e outras semióticas)” são os modos de apresentar e eles podem ser compreendidos em três os *modos de mostrar*, os *modos de interagir* e os *modos de seduzir*. Esses modos não se dão de formas separadas, são integradas, mas cabe trazer alguns aspectos de cada uma dessas operações discursivas. Optamos por colocar a reprodução de cada página diretamente para mostrar as imagens, a tipografia do jornal e todos os elementos que ajudam a conformar o universo do discurso e, em seguida, a análise. Seguem de forma resumida os conceitos que servirão para a análise. Esses conceitos foram retirados, em suma, das obras de Pinto (2002) e Verón (2005).

- *Modos de mostrar* – Consiste na designação, na marcação, na descrição de coisas e pessoas que irão servir de referencial para a criação de universos temáticos,

“estabelecendo relações entre elas e localizando-as no tempo e no espaço, sempre em relação ao que o receptor supostamente conheceria deste universo” (Ibid., p.65). Nas imagens, essas operações de enunciação não são descritas, são mostradas (Ibid., p. 66).

- *Modos de interagir* – Tem função de manter e reforçar relações de poder, a partir das identidades e posições discursivas, daqueles que são postos a enunciar no próprio jornal e do seu receptor. “Consiste em interpelar e estabelecer relações de poder com o receptor, na tentativa de cooptá-lo e de agir sobre ele ou sobre o mundo por seu intermédio” (Ibid., p.66-67);
- *Modos de seduzir* - Tem a função de distribuir os afetos nos elementos, pessoas, ações e grupos que são colocados em cena. “Consiste em marcar as pessoas, coisas e acontecimentos referidos com valores positivos ou eufóricos e negativos ou disfóricos, e/ou ainda em demonstrar uma reação afetiva favorável ou desfavorável a eles.” (Ibid., p.67- 68);
- Enunciação – é a instância que coloca a língua em funcionamento por meio do ato individual de fala (BENVENISTE, 1989, p.82). Na proposta de Pinto (2002), os modos de *mostrar, interagir e seduzir*.
- Enunciado - o produto cultural, o texto, o dito, e não deve ser analisado fora da sua situação de enunciação. (PINTO, 2002)
- Enunciadores - posições discursivas tomadas com base na imagem que se faz do destinatário (Ibid. p.18 e p. 34).
- Coemissor ou coenunciador - personagens vistos como receptores com os quais o emissor se identifica e chama nas formas da segunda pessoa (Ibid., p. 36).
- Autor empírico - o indivíduo que produziu o texto fisicamente (Ibid. p. 35 e VERÓN, 2005).
- Sujeito falado – É o reconhecimento e o posicionamento do coenunciador nas posições discursivas que são postas em cena pelos enunciadores (PINTO, 2002, p.35).
- Relação pragmática – “A relação que o texto propõe entre enunciador e coenunciador, que é o lugar onde se manifestam as relações de saber e poder em jogo” (Ibid., p. 36). É um elemento que se constitui nos *modos de interagir*.

Nas páginas a seguir estão dispostos os jornais e as análises.

REGIÃO METROPOLITANA SALVADOR

Editor-coordenador
Cláudio Ivo Pereira

salvador@gruposociedade.com.br

NO PORTAL Mosquito da dengue está mais resistente aos inseticidas www.atarde.com.br



Rio Catu: boa parte da poluição apurada nas análises da SOS Mata Atlântica está relacionada ao esgoto doméstico, lançado diretamente ao rio

MEIO AMBIENTE O Itapicuru Mirim e o Catu tiveram a qualidade de suas águas classificadas de "ruim"

Dois rios baianos estão entre os dez mais poluídos do País, aponta estudo

DIEGO ADANS

Dois rios baianos de 49 avaliados pela Fundação SOS Mata Atlântica em 11 estados brasileiros estão entre os 10 mais poluídos do estudo. Realizado entre janeiro de 2011 a março de 2012, a pesquisa, divulgada ontem no Dia Mundial da Água, atestou que nenhum dos rios monitorados conseguiu a soma necessária para alcançar os níveis "bom" ou "ótimo". Ao todo, 75,5% foram classificados como "regular" e 24,5% no nível "ruim".

Na Bahia, foram avaliados sete rios. Destes, o Rio Itapicuru Mirim, no município de Jacobina (BA), com 24 pontos, teve o segundo pior desempenho da análise "superado" apenas pelo Rio Criciúma, na cidade de Criciúma (SC), que obteve 23 pontos. Em situação semelhante se encontra o Rio Catu, em Catu, Região Metropolitana, a 78 Km de Salvador. Catu, na língua tupi-guarani, significa "bom". Ironicamente, o rio teve como "ruim" (26 pontos) a sua classificação na pesquisa. Na análise, os técnicos da Fundação SOS Mata Atlântica encontraram nos rios Itapicuru Mirim e Catu, entre outras coisas, plásticos e papel acumulado nas mar-

gens, mau cheiro, ausência de peixes e um alto índice de coliformes.

Ao percorrer os poucos mais de 4 km do Rio Catu, na parte em que "corta e margem" o centro da cidade, é notório observar que boa parte da poluição está relacionada ao esgoto doméstico, lançado diretamente ao rio.

MAIS CINCO RIOS BAIANOS AVALIADOS

RIO JUCURUÇU, em Prado. Regular, somou 32 pontos

RIO CARAVELAS, em Caravelas. Regular, somou 31 pontos

RIO PARDO, em Canavieiras. Regular, somou 31 pontos

RIO JUCURUÇU, em Itamaraju. Regular, somou 30 pontos

RIO ITAPICURUZINHO, em Jacobina. Regular, somou 28 pontos

"É só olhar. O esgoto das casas e de empresas vai diretamente para o rio. O pessoal chega e ainda joga entulhos. Não se tem consciência ambiental alguma", reclama o agente de portaria Givalvo Ramos.

Por sua vez, o Rio Itapicuru Mirim em Jacobina, o segundo mais degradado entre os

49 avaliados, deve passar por revitalização ainda este ano. A informação é do secretário municipal de Agricultura, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Roberto Oliveira Amorim. Segundo ele, todo o esgoto da cidade é jogado no rio há anos, o que justifica o alto índice de poluição.

A revitalização, em parce-

ria com o governo do Estado, teve início em obras de saneamento, nas quais o esgoto será canalizado para uma central de tratamento de água e não mais para o rio. "Após tratada a água é devolvida para o rio. Estamos com cerca de 40% das obras concluídas".

COLABOROU ALEAN RODRIGUES

Faltam ações efetivas para reverter a degradação

A presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente, Tatiana dos Santos, informou que na prática não há ações efetivas para revitalizar o Rio Catu. Existe apenas "um estudo financeiro enviado à Caixa Econômica Federal para aprovação e, posteriormente, elaboração de um plano municipal no gerenciamento do saneamento e tratamento das águas do rio".

Metodologia

Para realizar a análise da qualidade dos rios, a Fundação SOS Mata Atlântica conta com um kit de monitoramento que classifica a qualidade das águas em cinco diferentes níveis de pontuação: péssimo (de 14 a 20 pontos), ruim (de 21 a 26 pontos), regular (de 27 a 35 pontos), bom (de 36 a 40 pontos) e ótimo (acima de 40 pontos).

O resultado é obtido com a soma da pontuação de 14 parâmetros físico-químicos, biológicos e de percepção, avaliados pela comunidade com auxílio do kit.

Cada um desses parâmetros pode receber de um a três pontos, obtendo o mínimo de 14 e o máximo de 42 pontos. Os parâmetros são: temperatura, turbidez, espumas, lixo, odor, peixes, larvas e vermes brancos ou vermelhos, coliformes totais, oxigênio dissolvido, demanda bioquímica de oxigênio, potencial hidrogeniônico, níveis de nitrato e de fosfato.

Jucuruçu e Caravelas, no extremo sul, estão "regulares"

MÁRIO BITTENCOURT

Os rios Jucuruçu e Caravelas, ambos no extremo sul da Bahia, que aparecem na pesquisa sobre qualidade da água no Brasil, estão em situação "regular". Segundo a pesquisa, o Jucuruçu ficou com 30 e 32 pontos, e o Caravelas, 31. O Rio Jucuruçu aparece duas vezes na pesquisa porque as coletas da água ocorreram em Itamaraju e Prado. O rio corta ainda a cidade de Jucuruçu.

Mesmo com esgotos e o risco de pegar doenças, muita gente aproveita o calor para se banhar no rio. "Não tenho medo, já estou acostumado e nunca peguei doença", contou Michael Paixão Cardoso, 18. O prefeito de Itamaraju, Manoel Pedro Rodrigues, e a secretária de Meio Ambiente, Solange Chagas, não foram localizados na prefeitura e seus celulares estavam desligados na tarde de ontem.



Apesar do alto índice de coliformes, população usa a água do Catu para consumo

CURTAS

Livro mostra trajetória de Irmã Dulce

A trajetória de Irmã Dulce pode ser conferida agora no livro *Obra de Fé*, lançado na noite de ontem na Livraria Cultura do Salvador Shopping. O livro traz fotografias, muitas jamais publicadas, mostrando momentos marcantes do Anjo Bom da Bahia. "A ideia de produzir esse livro surgiu desde a morte de Irmã Dulce. Foi um sonho realizado, mas nem ele consegue mostrar tudo o que significa Irmã Dulce", comentou o museólogo Osvaldo Gouveia, assessor de memória e cultura das Obras

Sociais Irmã Dulce e coordenador do projeto que deu origem ao livro - que já está à venda por R\$ 50.

O arcebispo primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, participou do lançamento



A obra foi lançada ontem no teatro da Livraria Cultura

Prefeitura apresenta proposta a servidores

Após três dias de paralisações, os servidores da Prefeitura de Salvador decidiram prorrogar por mais 24 horas a suspensão das atividades até que a Secretaria Municipal de Planejamento, Gestão e Tecnologia (Seplog) apresente o plano de cargos e salários da categoria. "Uma das principais reivindicações é em relação à isonomia. Tem servidor ganhando menos de um salário mínimo. Queremos que eles ganhem R\$ 722. Também queremos o aumento salarial do engenheiro de R\$ 900 para

R\$ 3.690", exigiu Jeiel Soares, presidente do Sindicato dos Servidores. Segundo ele, a prefeitura irá apresentar as propostas hoje, às 9 horas, na Seplog, nos Barris.

A prefeitura vai apresentar suas propostas em reunião hoje, às 9 horas, na sede da Seplog

Mostração

Em princípio, os *modos de mostração* do texto se valem do *sintagma nominal*³³ “Meio Ambiente” empregado no chapéu da matéria. Assim o texto recria um universo das questões ambientais, e todos os sentidos que esse sintagma pode trazer para o *destinatário*. O *modo de mostrar* se apresenta nos dados, onde se chega a conclusão da poluição, e o autor empírico constrói o universo científico, laboratorial, para em seguida descrever a experiência vivida que se constitui no ato de banhar-se. A foto traz o sujeito numa ação, constrói um cenário de uso, que não se vale apenas da ação acontecendo, mas pela que já antecede, disposta no balde já cheio de água, ao lado do sujeito.

O título mostra dois cenários: o de que a Bahia possui rios poluídos, tomando como referente o universo Brasil. Na linha de apoio (resumo do tema que é escrito ao lado da retranca/chapéu), a cena é descritiva, valendo-se do nome dos rios e seus respectivos municípios com seu predicativo “ruim”. Ao lado, uma bandeira do jornal descreve os cinco rios da Bahia avaliados e estabelece comparações. Ao descrever o percurso do *autor empírico*, descreve as cenas e referencia o *destinatário*.

Interação

Já no título se destaca uma operação de enunciação que se coloca na função de interação: “aponta o estudo”. Aqui, aquele que enuncia, busca estabelecer a pragmática com o destinatário, trazendo um verbo performativo, por meio da oração indireta, deixando o elemento frasal em primeiro plano e o sujeito em segundo, após a vírgula. No título da matéria coordenada, ao lado direito superior, o título reforça a relação de proximidade entre o jornal e seu *destinatário*, tomando para si a necessidade dos enunciadores que aparecem no discurso direto, em que o jornal se posiciona explicitamente.

Sedução

Pinto diz que, do mesmo modo que na interação, na distribuição de valores positivos e negativos, o emissor tem um problema a resolver quando vai distribuir afetos: “é reproduzir os valores hegemônicos dos espaços em que se dá a enunciação” (Ibid., p. 65). Neste caso, seguem-se algumas enunciações e seus enunciadores e como mostra dos modos de seduzir do

³³ Frases, expressões, cujos núcleos são substantivos (PINTO, 200, P.66)

jornal. Essa reprodução se dá pelas posições discursivas dos enunciadores e das relações dialógicas presentes na constituição do discurso.

Abaixo alguns enunciadores que aparecem nos textos nessa função de distribuição de afetos que ao observar o *corpus* se estabelecem como regularidades discursivas:

1. “*É notório observar que boa parte está relacionado ao esgoto doméstico,*

E1: a poluição pode estar relacionada a outros fatores não domésticos; E2: a poluição pode estar relacionada ao esgoto doméstico; E3: A partir da observação, do olhar, é possível saber de onde vem o esgoto; E4: existem resíduos que podem não ser notados na observação.

1.1. “*lançado diretamente no rio*”

E5: os esgotos passam por um processo até serem lançados no rio; E6: o rio é um lugar de lançamento dos esgotos.

O jornal coloca em cena os enunciadores E1 (a poluição pode estar relacionada a outros fatores não domésticos), E2 (a poluição pode estar relacionada ao esgoto doméstico) e E3: (A partir da observação, do olhar, é possível saber de onde vem o esgoto). Mas silencia o enunciador E4 (existem resíduos que podem não ser notados na observação) e ao usar o advérbio de modo, em 1.1, não deixa existir o enunciador: o rio não é receptáculo de esgoto, que se apresentaria num enunciado: “lançado no rio”. Em seguida, se apoia por dois outros enunciadores, E5 e E6, numa *relação pragmática* de proximidade e didatismo. A proximidade porque o jornal pressupõe que seu destinatário confia na sua observação, didático porque põe em cena enunciadores com funções explicativas dos processos ambientais.

2. “*É só olhar*”. E1: nem sempre basta olhar, E2: olhar é suficiente

2.1 *O esgoto das casas e empresas vai diretamente para o rio.* E3’: existem esgotos que não vão diretamente para o rio

2.2 *O pessoal chega e ainda joga entulhos.* E4: O pessoal poderia não chegar e jogar entulho

2.3 “*Não se tem consciência ambiental*”. E5: é preciso ter consciência ambiental

O jornal põe em cena o *enunciador* e orchestra assim um sentido de convergências com o enunciado do jornal. O que está dito pelo jornal para ser verificado “é só olhar”. Mais do que reafirmar a constatação do jornal, coloca o esgoto doméstico como culpado, amplia

para as empresas, mas lança um novo enunciado que coloca a população comum realizando a ação, “chega” e “joga”. O jornal põe em cena os enunciadores E2 (o olhar é suficiente), E3(existem esgotos que não vão diretamente para o rio), E4 (O pessoal poderia não chegar e jogar entulho) e E5 (é preciso ter consciência ambiental).

Com isso, pela *heterogeneidade mostrada*, constitui com seu *coenunciador* uma *relação pragmática* baseada no didatismo que faz circular o discurso do desenvolvimento sustentável, que traz na ideia de consciência ambiental o papel da participação da sociedade civil como sendo crucial para a poluição e outros problemas ambientais, da mesma medida em que são responsáveis por mudar a cena ambiental atual³⁴.

3. “*Mesmo com esgoto e risco de pegar doença muita gente aproveita para se banhar no rio*”. E1: Sem esgoto e sem risco de pegar doença muita gente aproveita para se banhar no rio, E2: O esgoto e o risco de pegar doença não impedem as pessoas de aproveitar para se banhar no rio, E3: as pessoas não se importam com o esgoto e o risco de pegar doença.

4. “*Não tenho medo, já estou acostumado e nunca peguei doença*” E4: Existe quem tenha medo de pegar doença e não pega, E5: Quem não está acostumado pode ter medo e pegar ou não doença, E5: Há quem não tenha medo, não esteja acostumado e não pega doença.

O discurso da prudência põe em xeque aqueles que se arriscam. Há uma relação de diálogo explicitada no texto. O enunciado 4 é uma resposta a uma pergunta, o qual pode ser lida como: Não tenho medo, porque já estou acostumado e nunca peguei doença. O jornal aqui deixa vir para o texto uma relação dialógica de divergência de enfrentamento. Mas põe em cena e se relaciona com proximidade com o enunciador E4 (Existe quem tenha medo de pegar doença), por meio do E2 (as pessoas não se importam com o esgoto e o risco de pegar doença) algo que se nota no uso do pronome demonstrativo “mesmo”.

Notas e Contexto

Na matéria principal, a que possui retranca, texto de apoio, o autor permanece nas instâncias das instituições sociais como a Fundação SOS Mata Atlântica e as prefeituras dos municípios que são cortados pelos rios poluídos. Na matéria coordenada “*Faltam ações efetivas para evitar degradações*” há uma permanência das instâncias sociais instituídas formalmente. Dessa vez, o jornal assume um papel de cobrança. Ainda dentro desse arranjo

³⁴ Enrique Leff vai desenvolver em *O Saber Ambiental* (2011) algumas críticas sobre o discurso do desenvolvimento sustentável e a capitalização da natureza.

textual, o jornal se reinsere na enunciação científica laboratorial, abrindo um intertítulo “Metodologia”, no qual descreve como os dados foram coletados e quais parâmetros validam a informação da poluição.

A matéria secundária, em seguida, tem como propósito ampliar a cena e, dessa vez, transcende o laboratório, na tentativa de materializar o estudo. A foto da matéria principal dialoga com a secundária na medida em que o personagem traz a ação, com o balde apanhando a água e outro já abastecido, fornece elementos para comprovar o uso de água contaminada, fornece coesão entre o tema central e os que correlatos.

O texto aparece no noticiário pela razão do Dia da Água, 22 de março. A data se refere ao 22 de março de 1992, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou a Declaração Universal dos Direitos da Água (documento disponível no site da ONU), no Rio de Janeiro. Naquele mesmo ano, entre 26 e 31 de janeiro, foi realizada a Conferência Internacional da Água do Meio Ambiente, em Dublin, Irlanda e somente em 2005 passou a ser declarado 22 de março como Dia Mundial da Água. O percurso para o entendimento da água como bem universal, porém finito, vem desde 1977 com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Na declaração, de 1992, a questão do acesso, da distribuição e da qualidade da água já punha em xeque as questões da desigualdade social. Mas já em 1977 a conferência trazia para a cena o papel do agronegócio e da indústria no que tange o uso da água doce, ambos respondendo por 70 e 20 por cento do gasto mundial. Algo em torno 6% estaria sendo gasto para uso doméstico. Em 2011, no Brasil, a Amazônia enfrentou uma das piores secas dos últimos cem anos, segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), e, até abril de 2012, exatos 468 municípios brasileiros tinham sido considerados em estado de calamidade, 165 desses municípios situavam-se no Estado da Bahia (2012).

O ano de 2012 foi marcado por uma retomada das questões ambientais, em virtude da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, a Rio + 20. O evento não foi coberto diretamente pelo jornal A Tarde, que se utilizou das agências de notícias para trazer o tema em seu diário. O jornal, desde 2011, ocupa o segundo lugar nas vendas dentro do Estado, após a mudança editorial e gráfica do jornal Correio da Bahia, que passou a se chamar Correio* e saiu do formato standard para o belinês, ao preço de R\$ 0,50 e desde então é líder de vendas.

Segundo Verón (2005), aquele que enuncia é o autor empírico, tendo em vista que os textos e discursos já existem no mundo e são apenas concretizados na enunciação. No segundo parágrafo, existe o enunciado: *Catu, na língua tupi-guarani significa ‘bom’*. *Ironicamente, o rio teve como ruim*. Embora exista a tendência no jornalismo de apagar as

marcas daquele que produz o texto, o autor usa o advérbio de modo “ironicamente” para contrapor sentidos e imprime um modo de dizer de contraposição entre o consenso e o que o estudo diz. Estabelece, assim, um diálogo entre passado histórico, etimológico, e realidade atual, distribuindo afetos negativos e positivos.

No terceiro parágrafo tem-se “*Boa parte está relacionado ao esgoto doméstico, lançado diretamente no rio*. O esgoto doméstico é assumido pelo que o repórter, como testemunha ocular viu, como causador de *boa parte* da poluição. O uso do advérbio de modo *diretamente* refere-se à ausência de um processo intermediário entre a produção do refugo e o rio. Em outra enunciação, no quarto parágrafo traz um novo elemento, as empresas, que em momento algum é convocada a participar da arena discursiva. Ou mesmo há um espaço de nomeação dessas organizações.

REGIÃO METROPOLITANA SALVADOR

Editor-coordenador
Cristiano Wanderer
salvador@grupoposdata.com.br

RISCOS Sujieira eleva a temperatura da água, favorecendo ainda mais as larvas

Poluição estimula a proliferação de mosquitos

MEIRE OLIVEIRA

Embora sejam mais incômodas no verão, por causa da maior quantidade, as muricocas estão presentes durante todo o ano na vida do soteropolitano, não sendo intimidadas nem pelo tempo chuvoso. A poluição em meios aquáticos, com detritos e outros materiais orgânicos, é apontada como causa do problema por deixar a temperatura favorável à proliferação (25°C a 35°C) mesmo no frio. Apenas os ovos e larvas são mais duradouros, pois o metabolismo é mais lento até retomarem o desenvolvimento quando a temperatura volta a esquentar. O tempo frio não favorece os mosquitos adultos, que não resistem em função da perda de energia – para a manutenção da temperatura interna do organismo – ou não chegam a completar o seu ciclo.

"Mosquito sempre existiu, mas, além de aumentar a temperatura do meio aquático, a poluição – como os esgotos jogados nos rios – mata os predadores dos mosquitos que ficam em maior número", explicou o ambientalista Marcel Moraes, presidente do Grupo Ecológico Amigos da Onça (Geamo), que listou, por exemplo, sapos, cobras pequenas, rãs, lesmas e aranhas como controladores naturais das muricocas.

Outro fator que contribui para a permanência dos insetos é a adequação ao am-

biente. "Eles têm facilidade de adaptação, absorvem os produtos químicos e adquirem resistência a algumas substâncias", diz o biólogo Artur Dias, professor da Universidade Estadual da Bahia.

Transtornos

Com a união desses fatores, o transtorno é certo para moradores em vários bairros da cidade. É a situação piora para quem reside próximo a locais ricos em matéria orgânica, como canais e valas com esgoto, água pluvial sem esgoto, recipientes em lixos e fossas abertas. "Só assisto à televisão com o spray na mão. Nem tenho ideia de quanto gasto com esses sprays. Elas atacam a qualquer hora dia", contou o aposentado Valter Conceição, 71 anos, que mora em Stela Maris.

A cuidadora de idosos Maria Crispiniana dos Santos, 42 anos, faz o jantar com o inseticida ao lado. "É fazendo a comida e jogando o spray para elas saírem de minhas pernas. Chego a matar de sandália. O quarto da minha filha é cheio de mancha de sangue na parede", disse a moradora da Avenida San Martin.

Em Praias do Flamengo, a química Lara Pugno, 69 anos, enfrenta o ataque dos mosquitos fechando todas as janelas e portas. "Depois das 16 horas, eu fico trancada. Não deixo nada aberto, para não facilitar, pois não uso repelente. Mesmo assim algumas entram, aí uso o ventilador".



"Só assisto à televisão com o spray na mão. Nem tenho ideia de quanto gasto"

VALTER CONCEIÇÃO, de Stela Maris



"Depois das 16 horas, eu fico trancada. Não deixo nada aberto"

LARA PUGNO, de Praias do Flamengo



Fotos Marco Aurelio Martins / Ag. A TARDE / 6.7.2013

Canal da Rua Beira Rio, em Itapua, um dos locais com alto risco de dengue

SANTANDER. INVESTINDO FORTE NO BRASIL.

The World's Strongest Banks

WEATHERS FROM SWITZERLAND (BASED ON THE ILS DIBBITT INDEX) FOLLOWED BY RISK-RATE AND PRICE

| RANK | BANK | SCORE |
|------|---|-------|
| 1 | OVERSEA-CHINESE BANKING (SINGAPORE) | 34.2 |
| 2 | HSBC HOLDINGS (HONG KONG) | 33.8 |
| 3 | CANADIAN IMPERIAL BANK OF COMMERCE (CANADA) | 30.4 |
| 4 | TORONTO DOMINION BANK (CANADA) | 28.0 |
| 5 | NATIONAL BANK OF CANADA (CANADA) | 26.8 |
| 6 | ROYAL BANK OF CANADA (CANADA) | 20.8 |
| 7 | UNITED OVERSEAS BANK (SINGAPORE) | 21.8 |
| 8 | DBS GROUP HOLDINGS (SINGAPORE) | 23.8 |
| 9 | HANG SENG BANK (HONG KONG) | 23.8 |
| 10 | SVENSKA HANDELSBANKEN (SWEDEN) | 24.7 |
| 11 | BANCO SANTANDER BRASIL (BRAZIL) | 25.4 |
| 12 | STANDARD CHARTERED (UK) | 26.8 |



1º colocado brasileiro no ranking dos bancos mais sólidos do mundo (versão Bloomberg Markets – 2012).

Concessão de 57 mil bolsas de estudos para incentivar a educação brasileira.

Pioneirismo e inovação nos negócios para facilitar a vida dos brasileiros: Santander Master – 10 dias sem juros por mês no cheque especial; WebMotors – o maior site de compra, venda, financiamento e seguros de veículos e tudo sobre o assunto.

SMS informa estar em estudo o uso de inseticida menos agressivo

O veículo que dissemina inseticida no ar, conhecido como 'fumacê', era a ação mais eficaz para moradores de locais com maior infestação. "Antes, a gente chamava o 'fumacê' e melhorava, mas depois parou de passar e a gente só tem o inseticida e o ventilador", contou Eraldo Silva Santos, 54 anos, morador da Boca do Rio há oito anos.

Em resposta, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) informou que há um estudo em andamento no Centro de Controle de Zoonoses sobre a possibilidade do uso de um lar-

vicida biológico que cause menos impacto ao meio ambiente.

A nota esclarece ainda que o 'fumacê' deve ser usado só em caso de epidemias de dengue ou febre amarela, pois causa morte de insetos polinizadores, como abelhas, vespas e borboletas, além dos predadores naturais, que controlam a população de vetores. "Por isso, o novo larvicida, sem fumaca e sem cheiro, seria colocado nos canais da cidade". O texto orienta que moradores podem solicitar a visita de agentes de endemias

pelo telefone 3611-7309, do CCZ, ou pelo Disque Saúde, tel. 160, para avaliação.

Manipulação

Os repelentes também podem ser fabricados em farmácias de manipulação, como explica a farmacêutica Larana Coelho. "Esses produtos podem ser fabricados em forma de gel ou loção cremosa e podem ser com ou sem perfume. O diferencial é que são elaborados de acordo com as necessidades de cada usuário, o que torna o resultado mais eficaz", afirma.



Em Stela Maris, córregos sujos são muito comuns

Saliva do inseto pode causar reações alérgicas graves

As reações em pessoas alérgicas ocorrem por causa de substâncias presentes na saliva dos insetos. "A reação do sistema imunológico, por ser exagerada e não controlada, não protege o organismo dos efeitos das substâncias em questão e causa problema maior que a própria substância inoculada pelo inseto", diz Tais Cerqueira, dermatologista. O combate do organismo pode levar a consequências graves, como a anafilaxia (a forma mais grave de reação alérgica generalizada ou sistêmica). Na impossibilidade

de deixar a própria casa, já que o ideal é evitar os locais com risco de contato com a muricoca, a saída é usar telas nas janelas, mosquiteiros e repelentes para uso em ambientes ou na pele.

Enquanto em pacientes comuns medicamentos tópicos são suficientes para tratar as pequenas inflamações, nos alérgicos é preciso tratamento mais invasivo. "São utilizados histamínicos (antialérgicos), corticoide oral e, em casos graves, adrenalina. Por isso, nesses casos, é importante o uso de vacinas", disse Tais Cerqueira.

Mostração

O autor inicia o texto demarcando a relação de tempo, entre verão e inverno, ao situar o mosquito como elemento da cena do verão, a partir do uso da adversativa *embora* e o uso do verbo de ligação ser (neste caso na conjugação esteja). Na primeira parte compõe a cena da cidade e do mosquito, “que não se intimida”, nem mesmo com o período chuvoso. Confere personalidade ao mosquito para que ele se torne um personagem, parece-nos que este é recurso para mostrar a relação entre humanos e construir uma referência de tipos de embates.

No chapéu da matéria, usa a palavra *Risco*, que irá se relacionar semanticamente com as palavras *proliferação*, *agressivo* e *graves*, presentes nos títulos da principal e coordenadas. No oitavo e último parágrafos da matéria principal, existe a seguinte enunciação: “*Em Praias do Flamengo, a química Iara Pugno, 69 anos, enfrenta o ataque dos mosquitos fechando todas as janelas e portas*”. Mais uma vez, ao nivelar humano e não humanos, numa situação de combate, personaliza o segundo. O pássaro na foto superior aparece como um sujeito falado, aquele que convive em meio à lama. Outro *modo de mostrar* se dá partir dos enunciadores (personagens) e da descrição de suas profissões, idades, ou local em que moram. Nas imagens desses personagens, a referências dos enunciadores são os bairros, assim descrevendo a localização da cena a referencia geograficamente.

Interação

Pinto (Ibid., p.67) vai dizer que esta função se cumpre pelos operadores de modalização que “podem ser frases assertivas, interrogativas, ou imperativas”. No título “*Poluição estimula proliferação de mosquito*” destaca-se a escolha do verbo *estimular* de valor modal, atribuindo à poluição com sujeito de processo, e não sujeito ao processo.

O autor consulta a prefeitura e a profissional de saúde: uma farmacêutica. Vai buscar o remédio para a situação no Estado e apresenta como solução o remédio de manipulação. Como o discurso é sempre feito para alguém que se tem projetado como leitor, aqui o jornal interage com a classe que pode adquirir produtos nessas farmácias, revela a imagem que faz de seu público.

Sedução

A distribuição de afetos se dá pela descrição da situação daqueles que sofrem com o problema, os enunciadores em geral são moradores de bairros de classe média, o autor

reconstrói os valores do jornal, a partir de suas enunciações e dos enunciadores que convoca. Faz do mosquito um vilão e da farmácia um remédio social. Abaixo alguns exemplos desses *modos de seduzir*: “*Só assisto à televisão com o spray na mão. Nem tenho ideia de quanto gasto*”, *Depois das 16 horas, eu fico trancada. Não deixo nada aberto*”. A quem lê, a descrição de um combatente e prisioneiro e que evoca sentido de compaixão.

Notas e contexto

Após a ausência do ‘fumacê’, o intertítulo *Manipulação* cria um ambiente de fala para a farmacêutica que traz a solução *eficaz* e individualizada. Aqui há uma relação dialógica clara entre o autor empírico e o *destinatário*, o qual neste caso é imaginado como um sujeito com condições socioeconômicas que lhe permitem a compra de medicamento manipulado. Verón (2005) diz que todo discurso é feito para um destinatário, que na verdade é uma imagem que o autor empírico possui daquele a quem dirige um enunciado. Na coordenada ao lado, separada por uma foto de uma estrutura de madeira, imersa na lama, o autor empírico articula fechar o tema com as consequências, mais graves do contato entre mosquito e humanos. Em busca do conhecimento específico, a saliva do mosquito entra em cena.

“*Na impossibilidade de deixar a própria casa, já que o ideal é evitar os locais com risco de contato com a muriçoca, a saída é usar telas nas janelas, mosquiteiros e repelentes para uso em ambientes ou na pele*”, arremata no segundo parágrafo a enunciação. Com isso, propõe ao destinatário sugestões como mudar a habitação, mas jamais entra na questão das determinações sociais como condições de moradia no processo saúde-doença. Não há uma comparação, investigação e ou observação entre a incidência de mosquitos nos bairros mais pobres e aqueles considerados zona nobre, qual a relação da infraestrutura (saneamento básico) com o aparecimento de doenças, mas há uma observação sobre sintomas, para o qual a solução viria da indústria farmacêutica.

5. “*Na impossibilidade de deixar a própria casa, E1: é possível deixar a própria casa*

5.1 *já que o ideal é evitar os locais com risco de contato com a muriçoca, E2: frequentar locais de risco não é o ideal*

O discurso da prudência põe em cena o *enunciador* E1(é possível deixar a própria casa) e E2 (frequentar locais de risco não é o ideal), mesmo que seja a própria casa, mas caso não seja possível é preciso usar artifício que protejam do risco grave em caso de alergia. Esses

são os enunciados cuja função é criar um diálogo convergente entre os graves exemplos apresentados, em caso de alergia, e uma determinada conduta. Estes enunciadores são postos em cena na *situação de enunciação* para dialogar com a *enunciação* anterior, que trata da ausência de fumacês e uma sugestão de uso de repelentes feitos em farmácias de manipulação. E por meio dessa operação reforça o aspecto dialógico e heterogêneo do discurso. O jornal vai costurando entre as diversas fontes que ouve sentidos que convergem, assumindo a maestria das vozes, criando assim um discurso maior que se apoia em diversos interdiscursos. Repetidamente, na relação com o coenunciador (leitor) estabelece a pragmática do discurso pedagógico preventivo. Cardoso (2001, p.18) diz o seguinte sobre o discurso preventivo oficial:

o discurso preventivo oficial nos vários setores sociais, já manifestando preocupação com o uso de linguagem apropriada. Ainda que desempenhando papel complementar ou mesmo acessório, essas atividades passaram a integrar um conjunto de ações coercitivas e normativas, tendo a função de difundir pautas de comportamento segundo a lógica e as prioridades governamentais.

RMS Estância hidromineral onde famílias buscavam a saúde das águas medicinais do Rio Imbassaí enfrenta crescimento desordenado, o que alavancou a violência e condições precárias de saneamento

Poluição e violência prejudicam a vocação turística de Dias D'Ávila

FRANCO ADAILTON E HELGA CIRINO

A descoberta das qualidades terapêuticas das águas do Rio Imbassaí, pelo padre jesuíta e naturalista Camilo Torres, fez de Dias D'Ávila uma requintada estância hidromineral até as últimas décadas do século passado. Hoje, o antigo reduto de famílias que buscavam a saúde no campo e posteriormente de trabalhadores atraídos pelo sonho do emprego, com a chegada do Polo Petroquímico, enfrenta o crescimento desordenado, o que alavancou a violência, condições precárias de saneamento e problemas com a infraestrutura da cidade.

Até os anos 70, o município era um dos maiores polos turísticos visitado por pessoas que buscavam o clima ameno e os efeitos curativos da lama que brotava das margens do rio e considerada medicinal. Atualmente, o Rio Imbassaí está assoreado e com a larga bacia que se formava na praça central coberta de baronessas devido à poluição.

As aprazíveis chácaras têm o aspecto de abandono ou viraram pontos comerciais. O aposentado Antônio da Conceição dos Santos, de 78 anos, lembra dos bons tempos. "Vi a gente de todos os lugares em busca de melhorar a saúde ou para admirar a bela paisagem do rio. Isto acabou", lamenta.

Além da depredação ambiental, segurança é queixa recorrente dos moradores. Segundo dados da Secretaria da Segurança Pública (SSP), nos seis primeiros meses do ano, 131 pessoas foram assaltadas, 49 carros roubados, 18 veículos furtados, além de 36 pessoas assassinadas e 14 tentativas de homicídios registradas no município. Desde o primeiro mês de 2010 foram 559 registros de violência.

O subcomandante da 36ª Companhia Independente de PM (CIPM/ Dias D'Ávila), Jailton Carvalho de Santana, concordou que o crescimento desordenado é o principal motivo que alavancou a criminalidade e as más condições da cidade. Bairros sem saneamento básico e luz surgiram com a invasão de famílias carentes de outros povoados.

"Sem emprego, os moradores optam pelo tráfico de drogas que vai virando, aos poucos, a única fonte de renda dessas famílias. Este tem sido o principal problema que nossos policiais enfrentam aqui", apontou. A 36ª CIPM conta, hoje, com uma equipe de 128 militares que tem como alvo localidades como Entrocamento, Lição, Concorria, Lama Preta, alguns dos lugares que não contam com luz e esgotamento.

Para boa parte dos moradores, os índices ainda são pequenos se comparados a ou-

tras cidades da RMS e a capital baiana. "Aqui ainda é um lugar bom de se viver. No Centro, por exemplo, são raras as situações de ataques de homens armados", afirmou a comerciante Ana Pires Torres, 34 anos. A mulher explora uma loja de utensílios do lar no Centro. "Não preciso sequer utilizar grades ou contratar segurança", disse.

Poluição Segundo o secretário municipal de desenvolvimento econômico e transporte, Samuel Costa, a falta de consciência de empresários e moradores colaborou para o estado atual do Rio Imbassaí. "Os habitantes atiram lixo. Muitas empresas cavam poços artesanais, prejudicando o volume de água", apontou. Questionado se existe projeto da prefeitura para revitalizar o manancial, o secretário alegou dificuldades econômicas do órgão. "É projeto que envolve valores altos, para investir em pesquisa, recuperar a nascente e as matas ciliares", tentou justificar, ao acrescentar o aumento da ocupação às margens do rio.



As baronessas sinalizam a intensa poluição a que o Rio Imbassaí tem sido submetido



DIAS D'ÁVILA

População 66.440 habitantes (2010)

Gentílico diasdaviense

Extensão Territorial 184,229 km²

Densidade Demográfica (hab./km²): 360,64

Bioma Mata Atlântica

História Distrito criado com a denominação de Dias D'Ávila, pela lei estadual nº 628, de 30 de dezembro de 1953, subordinado ao município de Camaçari. Elevado à categoria de município pela lei estadual nº 4404, de 25 de fevereiro de 1985, desmembrado de Camaçari

FONTE: IBGE

DADOS GEOGRÁFICOS

EMANCIPAÇÃO 26 anos em 25 de fevereiro passado

LOCALIZAÇÃO 48 km da capital

EXPANSÃO População muda de perfil a partir de 1978, com o Polo

POPULAÇÃO Entre 1991 e 2010, o crescimento atingiu 112,3%

POPULAÇÃO A população saltou de 31.260 mil para 66.373 mil em 20 anos

DOMÍCIlios De 2000 a 2010 o nº de domicílios particulares, passou de 14.337 para 24.455

Degradação do Rio Imbassaí levou o hotel a encerrar as atividades

A degradação ambiental trouxe problemas financeiros para quem investiu no potencial turístico da região. Osório Santos, de 51 anos, acredita que este foi o motivo que levou o Hotel Balneário Dias D'Ávila a fechar as portas, há dois anos. Fundado em meados dos anos 60, com 48 apartamentos e 24 cabanas, a hospedagem chegou a ter 60 funcionários durante o auge. "Só de gorjeta, cheguei a conseguir dois salários", lembrou o caseiro do hotel. O prédio de dois andares ainda conserva a arquitetura origi-

nal, com piso e armários de madeira. "Tinha sauna, piscina, consultório médico, restaurante", enumerou Osório. Hoje, vazio, o caseiro tem como companhia apenas o filho Odenilson Santos, 18, no lugar onde diz ter servido famosos como Moraes Moreira e Alceu Valença. "Sinto saudades".

No Balneário Público, o quadro atual do Rio Imbassaí beira a desertificação, por causa do assoreamento causado pela retirada da vegetação das margens. Como agravante, lixo, esgoto doméstico e até pneus são lan-

çados no curso d'água. Nada que lembre o lugar onde ficava as melhores fontes de água e por isso apelidada "Cidade das Águas".

Segundo o ambientalista Paulo Cunha Moraes, o atual estado do rio é sinal de poluição. Já o engenheiro ambiental Paulo Gomes diz que os indicadores ambientais mensurados revelaram que o rio está nos limites da Resolução Conama 357/05. "É preciso fazer algo rápido. Dias D'Ávila era conhecida pela importância das águas e isso está acabando", afirma.

"Lamento não poder mais tomar banho no rio, com essa sujeira toda"

SÍLVIO ALLÁRIO, morador

Moradores lamentam a decadência do município

Embora a densidade demográfica de Dias D'Ávila tenha experimentado significativa evolução, saltando de 45.333 habitantes, em 2000, para 66.440 recensados em 2010, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a qualidade dos serviços públicos acompanhou a demanda.

Por quase toda a vida, Sílvio Allário, 87, foi obrigado a caminhar por ruas de terra batida. "O calçamento aqui foi realizado, somente, há oito anos", relatou. No cruzamento das ruas Antônio Monteiro com a Almirante Tamandaré, uma obra de drenagem prejudicou a pavimentação dos logradouros, trazendo transtornos a motoristas.

A Secretaria de Obras do Município atribuiu os transtornos a atrasos nas obras provocados pela construtora.

Transporte

"O coletivo no bairro só passa quatro vezes ao dia", reclama Samuel Rocha, 49, que mora na Cidade Mirim. Já no centro, a doméstica Lúcia Silva, 51, não aguentava mais esperar o ônibus para o bairro Nova Dias D'Ávila. "O transporte é horrível", reclama.

Segundo o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico e Transporte, Samuel Costa, no centro da cidade, os ônibus saem num intervalo de 15 minutos. "Vamos estudar novos horários e itinerários para outros locais", avisou.

"Aqui era cheio de gente. O movimento maior era por causa do rio que, hoje, está seco e poluído", lembrou o caseiro do Hotel Balneário Dias D'Ávila, Osório Santos, de 51 anos, dos tempos em que a antiga estância hidromineral era um bucólico distrito de Camaçari.

"O visitante tem a impressão de que o local está abandonado, entregue às traças", lamentou a comerciante Maria da Conceição, 50, que sobrevive da renda obtida com o bar situado na Praça Imbassaí, há 15 anos.

Local tem quiosques, quadras de esportes e um coreto, mas sofre com a falta de manutenção. "Por causa disso, perdemos muitos clientes", reclamou.

A natureza exuberante de outrora atraiu novos moradores, como o descendente de italianos Sílvio Allário, 87, que mora num sítio de mil metros quadrados, no loteamento Amid'Ávila, há 41 anos. "Naquele tempo, era um paraíso. Lamento não poder mais tomar banho no rio, com essa sujeira toda", disse ele.

IMPRENSA

Caderno revisita 100 anos de história noticiada em A TARDE

CLÁUDIO BANDEIRA

A edição deste domingo de A TARDE traz encartado o segundo de quatro números de cadernos especiais que revisitam os grandes fatos que foram noticiados pelo jornal, que no dia 15 de outubro próximo completa 100 anos. Entre os assuntos históricos abordados, tem destaque a Segunda Guerra Mundial, que gerou a morte de cerca de 50 milhões de pessoas; a redemocratização do Brasil em 1946,

com a eleição do general Eurico Gaspar Dutra; as construções atribuladas da Fonte Nova e da Novacap; a chegada da Bossa Nova; e a constatação de que, apesar da descoberta de petróleo em Lobato, Salvador – primeira capital –, nos anos 50, havia perdido parte da sua importância econômica no cenário nacional.

Instabilidade

Em nenhum período da trajetória humana havia-se registrado um conflito das propor-

ções da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939 e encerrada em 1945, com o lançamento de duas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. Conceitualmente esta edição aborda os cenários deixados pelo conflito que contribuiu para dividir o mundo em dois blocos ideologicamente opostos e inaugurar uma era de incertezas, permeada pelo temor de uma guerra nuclear de consequências imprevisíveis.



JORNAL ACOMPANHOU INOVAÇÕES GRÁFICAS

Da clicheria às fotos digitais, A TARDE acompanhou todas as mudanças de linguagens gráficas ocorridas ao longo dos seus 100 anos, sem perder a identidade

A TARDE traz amanhã mais um caderno com principais fatos dos últimos 100 anos

Mostração

O autor empírico abre a matéria principal com elementos da história colonial, dos idos do séc. XVI e XVII, com a presença dos Jesuítas no país. Elenca a obtenção da saúde, seguida do “sonho emprego” como atrativos. Mas a busca por esses bens atrai moradores e o elemento humano leva aos problemas ambientais e sociais descritos e atribuídos à cidade. Ou seja, a cena construída apresenta a poluição e violência com valores semânticos iguais e ambos são produtos do aumento populacional.

A imagem principal mostra a poluição por meio das plantas descritas na legenda da imagem “as baronesas sinalizam a intensa poluição em que o rio Imbassai tem sido submetido”. O modo como mostra o problema constrói a cena do passado pelo relato e do presente pela imagem atual, distanciando passado-presente. A imagem situa o tempo e o espaço, e o infográfico reforça as estratégias de construção do espaço, juntamente com o chapéu *RMS*. Ainda na constituição dessa relação o *sintagma nominal vocação turística*, relacionado à história do hotel decadente, como conformador de um tema. As agruras do município se inscrevem no universo temático do turismo.

Interação

Se a interação consiste no estabelecimento de vínculos socioculturais necessários para dirigir-se ao interlocutor (PINTO, 2002, p.65), a primeira pergunta para entender essa interação é justificar essa *enunciação*. O texto é uma reportagem que em princípio não tem uma situação que lhe valide sua existência. A priori falta ao texto um propósito (CHARAUDEAU, 2015). Uma razão de existir, contexto que permita essa enunciação. O texto por si não existiria, parece-nos, pela inexistência de um fato que atualize a situação do município. Mas a razão da reportagem se articula, parece-nos com o lançamento do caderno *100 anos*. Esta reportagem foi publicada no sábado e no domingo seguinte o jornal veicularia mais um exemplar dos especiais 100 Anos. O jornal em 15 de outubro de 2012 completou 100 anos de fundação. Não à toa o saudosismo aparece presente em todo o texto.

As idades dos personagens e os valores atribuídos ao *emprego* (um sonho) constituem-se como elementos da *pragmática* do jornal com o *destinatário*, ao mesmo tempo em que também partilham os valores que colonizam os textos, conferindo proximidade que desejam, tendo em vista a imagem social de um leitor que o jornal possui.

Sedução

A correlação entre sonho e Polo confere ao Polo um lugar social de sujeito reconhecido por sua hegemonia. Ao tempo em que o desaparecimento dos seus impactos inviabiliza, nessa situação de enunciação, a produção de sentidos negativos sobre essa organização. Enquanto aos habitantes, sujeitos de processo, é delegada a culpa, aos idosos a saúde, e ao poder público a piedade pela falta de recursos³⁵. Eis alguns enunciadores:

1. “Hoje”,

1.1 *o antigo reduto de famílias que buscavam a saúde no campo*. E1: Havia famílias que buscavam saúde em outros lugares. E2: Há famílias que não buscam saúde.

1.2 *e posteriormente de trabalhadores atraídos pelo sonho do emprego, com a chegada do Polo Petroquímico*. E3: Antes do Polo não havia o sonho do emprego. E4: O emprego é o sonho do trabalhador e por isso eles migram.

1.3 *enfrenta o crescimento desordenado, o que alavancou a violência, condições de saneamento e problemas com a infraestrutura da cidade*. E5: O crescimento desordenado é um desafio/inimigo/dificuldade que traz consigo a violência, condições de saneamento e problemas para infraestrutura da cidade. E6: existe um crescimento ordenado que não traz consigo a violência, condições de saneamento e problemas para a infraestrutura da cidade.

Ao enunciar o *hoje* demarca no discurso uma relação de tempo, marcando uma distância com o passado, a cena do passado se *configura num reduto de famílias que buscavam a saúde no campo e posteriormente de trabalhadores atraídos pelo sonho do emprego, com a chegada do Polo Petroquímico*³⁶. Duas cenas sucessivas, uma bucólica, outra do *cluster* inglês, com fábricas e pessoas cujo objetivo é realizar o sonho do emprego.

Em E3 e E4, o jornal assume o discurso do emprego como uma realização, o emprego como um objetivo a ser alcançado e o Polo é esse agente realizador do sonho. Nos dois casos

³⁵ O Polo é um dos grandes contribuintes da receita de Dias D'Ávila.

³⁶ O Polo Petroquímico de Camaçari passou a ser Polo Industrial de Camaçari no início dos anos 2000, na época da inauguração da montadora Ford, segundo o COFIC (2016).

há uma movimentação das pessoas, elas são agentes dos processos e com isso tem-se E5 “*alavancou a violência, condições precárias de saneamento e problemas com a infraestrutura da cidade*”. É o jornal que irá tecer todos esses discursos ao longo do texto e se valerá de fontes que vão corroborar com essa ideia. O jornal traz E6, mas esse *enunciador* não estabelece relações com outros enunciadores, limitando as possibilidades de compor a cena de uma cidade com crescimento ordenado e sem tais enfrentamentos.

7. “*Nada que lembre o lugar onde ficava as melhores fontes de água e por isso apelidada ‘Cidade das Águas’*”.

Mais uma vez é o jornal quem distancia passado e presente. Para efetivar esta operação, recorre a estratégias como a *enunciação destacada*, ou *discurso indireto analisador de expressão*, (BAKHTIN, 2006, p.166). Já em Maingueneau (2014, p. 37) essa operação discursiva pode ser também conceituada como *texto-arquivo* e tem a função de introduzir elementos da memória, do simbólico. Essa operação é uma executada pelo autor empírico para sustentar um discurso de mudança, opondo o passado e o presente.

8. “*a falta de consciência de empresários e moradores colaborou para o Estado atual do Rio Imbassáí*”. E1: A existência de consciência de empresários e moradores conferiria um outro o Estado atual do rio. E2: O rio Imbassáí já teve outro estado.

Para mudar o que está posto no mundo, basta mudar a consciência, preconiza o jornal. Parece aqui que o desenvolvimento sustentável traz vestígios de um ponto de vista idealista hegeliano, em que a consciência determina o ser. Encontramos, assim, mais vestígios do relatório de Gro Brundtland, *Nosso Futuro Comum*, que delega a todos o papel da mudança, de forma unida, igualando forças do indivíduo e das organizações empresariais.

Do passado para o presente é retirado o aspecto processual, já trazendo a realidade atual. Diz-se isso porque foi a falta de consciência que colaborou para as mudanças no cenário do município, mais uma vez. Ou seja, mesmo quando admite a poluição como processo, não como processo histórico, mas como resultado de comportamentos individuais.

9. “*Os habitantes atiram lixo*”. E1. Existem habitantes que não atiram Lixo. E2: quem fala não é um habitante

9.1 *Muitas empresas cavam poços artesianos, prejudicando o volume de água*”. E3: Poucas empresas não cavam poços artesianos, prejudicando o volume de d’água.

Propõe-se visualizar esta cena a seguir: um Polo Industrial está a poucos quilômetros das moradias de Dias D'Ávila. Ele é tão visível quanto é perceptível. O cheiro de celulose (semelhante à urina humana acumulada, relato meu) da empresa Bahia Pulp faz do trecho de saída da cidade, pelas duas vias principais, BA-93 e BA-535, um desafio diário ao nariz. Um gestor público do município (*contexto situacional*) está na *situação de enunciação* que o um jornal trata da poluição atual da cidade (tema), pede justificativa (*contexto de ação discursiva*), seus *modos de ver* e modos de dizer irão operar um discurso que “aponta” um culpado.

Ao enunciar, o sujeito se posiciona e cria relações identitárias, disse Fairclough (2001, p.92). Quando diz que os habitantes atiram lixo, opõem-se *eles* a *nós*, e se retira da condição de mais uma habitante – E2. De tal modo, o jornal constrói a cena do passado bucólico desfeita pelo crescimento populacional com poluição e violência.

Notas e Contextos

Numa reportagem, o autor empírico opera articulação entre crescimento demográfico, aumento da violência e poluição, valida-se dos testemunhos para recompor as cenas do passado e das fotos para contrastar com a realidade atual. Para articular os problemas da poluição e violência, o autor empírico cria um ambiente de enunciação para o rio e outro para os moradores. Na coordenada inferior, a capitalização da natureza de que Leff (2011) refere-se se concretiza. A poluição do rio Imbassá traz prejuízo financeiro, o discurso economicista se apropria da natureza e traz um novo sentido para o rio. Por meio de aforização (MAINGUENEAU, 2014, p.137), uma enunciação destacada opera o sentido de memória quando enuncia no terceiro parágrafo: “*Nada que lembre o lugar onde ficava as melhores fontes de água e por isso apelidada ‘Cidade das Águas’*”. Esse recurso discursivo confere poder à fala, pelo deslocamento da cena em que surge o enunciado.

Enfatizado no quadro *Dados Geográficos*, embora questões da modernidade lancem a todo tempo as mudanças que a sociedade sofreu nos século XX, o que se verifica neste texto é a presença do discurso malthusiano, uma teoria do fim do século XVIII que coloca sobre o aumento demográfico a causa dos problemas de saúde, do aumento da pobreza e da escassez de alimento. O município de Dias d'Ávila em 25 de fevereiro de 1985, pelo decreto de Lei estadual 4.404/ 85, deixou de ser um distrito de Camaçari e se emancipou politicamente. O Polo Industrial de Camaçari entrou em atividade em 1978 e parte das empresas do Polo se

situam no município, incluso. A Zona de Influência do Polo (ZIP) inclui Dias D'Ávila, Camaçari, Mata de São João e São Sebastião do Passé, os dois últimos seriam influenciados pelas correntes de vento, enquanto as operações do Polo estão acontecendo diretamente no município de Camaçari e Dias D'Ávila (MESQUITA, 2002).

O Polo aparece na reportagem na enunciação do *sonho do emprego*, mas desaparece como fonte de produção de refugos da indústria. Segundo o *secretário municipal de desenvolvimento econômico e transporte, Samuel Costa, a falta de consciência de empresários e moradores colaborou para o Estado atual do Rio Imbassáí*. Mesmo quando cita o papel das organizações, chama a atenção à personalização, referindo-se aos empresários e não às empresas. Entramos mais uma vez no discurso da consciência ambiental, que convoca a todos ao agir em prol do ambiente, criando uma falsa ideia de igualdade de forças sociais entre indivíduos e organizações (LEFF, 2011).

Embora o autor empírico devolva à poluição, em certa medida, seu aspecto histórico, ao recobrar a memória de tempos em que o município era polo turístico apaga ou isola importantes atores da cena da poluição. O que muda é o perfil populacional a partir de 1978, diz o jornal, não a qualidade do ar, da água. A poluição aparece como produto de processos socio-históricos, mas não aliados às grandes empresas presentes nesse local. Como marca dos processos de produção do texto, nota-se que a iniciativa privada é isolada do tema, talvez represente a força que tais entidades exercem sobre o jornalismo.

Outra operação discursiva é a escolha das fontes. Neste caso, em que se opera a ideia de retomada do passado, logo os personagens têm 51 e 87 anos, o segundo é uma voz presente nas duas matérias coordenadas. Sua fala aparece em destaque, no que se chama de olho da matéria. Palavras como *decadência* e saudades recobram o sentido histórico do discurso. Hoje, as fontes de água mineral são atrativos da indústria de água e de cervejas, distante da realidade descrita no material acima.

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

Editora coordenadora
Christiane Barros (cristiane@salvador.globo.com.br)

salvador@gruposude.com.br

ASSISTA Mais de 3 milhões inscritos no Enem
declaram-se negros ou pardos <http://tarde.com.br/>

Fotos Eduardo Martino / Ag. A TARDE



A Praia do Corsário, em frente ao posto salva-vidas, é um dos trechos que devem ser evitados

PREVENÇÃO Análise realizada pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos também inclui a região metropolitana

Salvador tem 14 praias impróprias ao banho

HIEROS VASCONCELOS REGO

Apesar das previsões meteorológicas apontarem pancadas de chuva neste final de semana, as praias são uma boa opção para quem ficou em Salvador no feriadão. Mas é preciso estar atento às áreas com mais riscos de afogamento e contaminação.

Das 34 praias em Salvador e sua região metropolitana, 14 foram consideradas impróprias para banho pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema).

Periperi (atrás da estação férrea), São Tomé de Paripe, Penha (em frente à Igreja de Nossa Senhora da Penha), Pedra Furada (atrás do Hospital Sagrada Família) e Cantagalo (atrás da antiga fábrica de bebidas) são algumas delas.

Na parte alta da cidade, a relação inclui Ondina (em frente ao Posto Shell), Rio Vermelho (em frente à Igreja de Nossa Senhora de Santana), Pituba (atrás do Clube Português), Armação (em frente ao Clube Inter), Boca do Rio (em frente ao Posto Salva-vidas) Patamares, Corsário (em frente ao Posto Salva-vidas), Itapua (em frente à estátua da sereia) e Buraquinho (em frente à barraca Chale).

Bactéria

A análise das praias se baseia no índice da presença de uma bactéria (oriunda das fezes humanas) na água. "Recolhemos as amostras. Se nelas, existirem um nível de 800 unidades da bactéria, a praia está imprópria", diz a engenheira sanitária e especialista em meio ambiente, Cláudia do Espírito Santo.

A bactéria é levada para o

mar, na maioria dos casos, pelo curso de rios que se tornaram esgotos. A análise dura cerca de cinco semanas.

"A maioria das praias é contaminada porque é foz de rio que lança esgoto no mar", afirma a especialista.

Conjuntivite, dermatites, hepatite do tipo A, cólera, diarreia e infecção por pro-

855

é o número de afogamentos ocorridos em Salvador este ano. Os trechos com maior incidência são Patamares, Praia do Flamengo e Jardim de Alah

"Entrar no mar com água imprópria aumenta riscos de doenças"

CLÁUDIA DO ESPÍRITO SANTO, eng. sanitária

Dados sobre a balneabilidade podem ser obtidas pelo site www.inema.ba.gov.br

tozoários são algumas das doenças que podem ocorrer devido ao banho em áreas consideradas impróprias.

"Crianças e idosos são mais suscetíveis", diz Cláudia do Espírito Santo.

Usar toalhas e cadeiras como proteção para se sentar na areia, além de uma boa higienização corporal após sair da praia são algumas das recomendações para evitar danos à saúde.

Outras informações sobre a balneabilidade das praias de Salvador e da região metropolitana podem ser obtidas com o Inema, pelo telefone 3116-3200 ou via o site www.inema.ba.gov.br.

Afogamentos

Este ano, ocorreram 855 afogamentos na capital baiana. Destes, oito foram fatais. O maior índice de casos concentra-se nas praias de Patamares, Jardim de Alah, Praia do Flamengo e Stella Maris, segundo o coordenador da Salvamar, Jardiel Luquini.

"As pessoas precisam, antes de entrar no mar, procurar um salva-vidas, ver se há a bandeira vermelha, que indica perigo, e, claro, usar a própria intuição. Notar a força da água, se tem ventos fortes, evitar cantos de pedras", afirma o coordenador.

Outra dica é em relação a bebida alcoólica. "Se beber muito, não tome banho. Se for com criança, não a perca de vista", acrescenta.

A Salvamar tem 42 postos para cobrir a área entre Jardim de Alah e Praia de Aleluia. Do Costa Azul até as praias da Cidade Baixa, quem atende é o Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros (GMar).



Área de risco em Itapua é onde fica a estátua da sereia



Trecho do antigo posto Shell não é indicado em Ondina

Principais bacias hidrográficas da cidade estão poluídas

A capital baiana tem 12 bacias hidrográficas em sua extensão. No entanto, muitas delas são consideradas como grandes esgotos a céu aberto pela população.

Do total, seis deságuam no mar e levam até ele garrafas de plástico e muita sujeira. A falta de consciência ambiental dos soteropolitanos é apontada como um dos principais fatores para a sujeira de praias e rios em Salvador.

A moradora da Boca do Rio Ivana Freitas conta que se tornou a vigilante da vizinhança. "Fico de olho para os moradores não jogarem sacos de lixo nesse esgoto", disse ao se referir ao canal próximo à sede do Esporte Clube Bahia.

Falta política pública de consciência ambiental em Salvador, para o ambientalista Augusto Neto. "No Porto da Barra, as pessoas batem palma para o pôr do sol, mas, no final, ninguém recolhe sua sujeira", reclama.

Monitoramento

Especialistas alertam que as obras de tamponamento de rios que aconteceram em Salvador precisam ser melhor monitoradas.

"A gente não pode tratar o rio como se fosse um esgoto. Eles precisam ser limpos e receber a luz solar. Caso contrário só aumentam as chances de poluição. Essa é uma responsabilidade também do povo", diz o ambientalista.

CURTAS

Joellyn: suspeitos são identificados

A Polícia Civil já identificou quatro suspeitos de participarem do espancamento contra a jovem do Mato Grosso do Sul Joellyn Aghata, 18 anos. Ela foi encontrada somente de calcinha e blusa e desmaiada, em um matagal, no Parque São Cristóvão, no dia 16 de outubro. Joellyn recebeu alta médica do Hospital do Subúrbio, na manhã de ontem, e, logo em seguida, embarcou para o Mato Grosso do Sul. Segundo a assessoria de comunicação da Polícia Civil, os suspeitos já estão sen-

do procurados. A polícia não divulgou mais detalhes sobre o que ocorreu exatamente com a jovem.

A polícia ainda não divulgou detalhes sobre o que motivou as agressões à jovem

Corregedoria do MP atende na capital

A Corregedoria Nacional do Ministério Público atenderá a população em Salvador. Entre terça e quinta-feiras desta semana, os cidadãos poderão fazer denúncias, críticas, elogios ou sugestões sobre o trabalho do Ministério Público na Bahia. Será por ordem de chegada e a identidade do denunciante pode ser mantida em sigilo. No dia 6, a equipe estará na sede do MP/BA, na 5ª Av. nº 750, CAB. No dia 7, no Ministério Público Federal, na R. Ivone Silveira, nº 243, Centro Executivo, Doron. Já no

dia 8, será no Ministério Público do Trabalho, Av. Sete de Setembro, nº 308, Corredor da Vitória.

Documentos: RG e comprovante de residência. Horário: 9h30 às 12h; 14h30 às 17h30

Credeb abre inscrição para concurso

O Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia irá realizar seleção para o preenchimento de três vagas, além de formação de cadastro de reserva em cargos de nível médio e superior. Os salários variam de R\$ 732,87 a R\$ 3.507,96. As inscrições começam na próxima segunda-feira e seguem até o dia 22 deste mês pelo endereço eletrônico www.idecan.org.br. A taxa é de R\$ 45 para nível médio e R\$ 65 para nível superior. As oportunidades são para as cidades de Salvador, Barreiras, Jequié e

Teixeira de Freitas. Os aprovados vão receber vale-refeição de R\$ 18,31, vale-transporte e assistência médica.

As provas serão no dia 16/12 em Barreiras, Jequié, Salvador e Teixeira de Freitas

Mostração

O primeiro recurso para delimitar o tema está evidente no chapéu *Prevenção*, que se correlaciona com *Bactéria*, *afogamento* e *monitoramento*, intertítulos que se apresentam no texto inteiro (principal e coordenada). Para mostrar o problema, a imagem principal traz a bandeira vermelha com a palavra em branco com o dizer *Perigo* no primeiro plano. O jornal e os banhistas estão em igualdade no plano da foto principal, quando o que parece interessante mostrar é a sinalização, para ilustrar a cena da matéria. Já nas fotos secundárias, o fotógrafo olha de cima para baixo, conferindo o papel de observador.

O sintagma nominal *imprópria ao banho* compõe a cena da prevenção aos riscos que as praias oferecem no feriadão que se aproxima. A praia é descrita como espaço de lazer que oferece riscos, a bandeira na foto é o recurso para produzir o efeito de risco no destinatário. E embora o tema da matéria seja a prevenção, sob o ponto de vista da doença, para costurar a cena do perigo o autor abre um intertítulo para tratar dos afogamentos, que não são doenças e não estão correlacionadas com a questão da qualidade da água. O tema do afogamento rende ao texto o elemento numérico 855, mergulhando o leitor em outro universo de perigos.

Interação

A interação do jornal é feita de forma explícita, trazendo o sujeito falado para o texto em *As praias são uma boa opção para quem ficou em Salvador no feriadão*. O uso de dados técnicos, respaldados das instituições de Estado conferem direito de falar sobre a balneabilidade ao jornal, conformando relações de saber e poder. A relação pragmática que se estabelece nesse momento é pedagógica e se dá pelo uso de verbos de valor performativos e frases imperativas, como no caso da seguinte enunciação: *Mas é preciso estar atento aos riscos de afogamento e contaminação*. Indicando um caminho a ser feito, um comportamento a ser adotado. Como forma de reforçar esta relação o jornal presta o serviço de colocar em evidência o site do INEMA, para conferir os trechos contaminados, cria um percurso a seguir na escolha de seus atos.

Sedução

O discurso distribui sobre os banhistas afetos negativos por sua conduta inconsciente, uma característica do soteropolitano, segundo o texto. Uma não racionalidade que abate essas pessoas e também uma incoerência entre os que *batem palma*, mas não recolhem o lixo.

Eis alguns enunciados e enunciadores postos em cena que participam dos *modos de dizer*:

1. “No entanto, muitas delas são consideradas como grandes esgotos a céu aberto pela população”. E1: Existem bacias poluídas que não são consideradas como grandes esgotos a céu aberto pela população. E2: Bacias hidrográficas não são esgotos. E3: A população tem certa ação que torna a bacia um esgoto.

2. “A falta de consciência ambiental dos soteropolitanos é apontada como um dos principais fatores para a sujeira de praias e rios em Salvador.” E4: A existência de consciência ambiental dos soteropolitanos reduziria a sujeira de praia e os rios. E5: Pessoas de outros lugares têm consciência ambiental.

3. “Essa é uma responsabilidade também do povo”. E6: Existem outros responsáveis além do povo. E7: O povo precisa saber que é responsável também.

4. “No Porto da Barra, as pessoas batem palma para o pôr do sol, mas, no final, ninguém recolhe sua sujeira”. E4: As pessoas que batem palma para o pôr do sol recolhe a própria sujeira.

Em E3 (A população tem certa ação que torna a praia esgoto), E1 (Existem bacias poluídas que não são consideradas como grandes esgotos a céu aberto pela população) e E2 (Bacias hidrográficas não são esgotos) aquele que escreve põe três *enunciadores* em cena e arregimenta o discurso com E4 e E5, em ambos colocando a população como agentes de processo. Mas para conferir certo distanciamento usa o recurso do *discurso indireto*. Em E5 tem-se ainda a questão do local com a falta de consciência. Então entrelaça com E7 (O povo precisa saber que é responsável também). E tem-se assim novamente a *relação pragmática pedagógica*. O jornal ensinando como agir no mundo.

Notas e contextos

O texto se concretiza pela necessidade do jornal em dialogar com o cotidiano do destinatário. É nessa relação de diálogo que o jornal constrói a proximidade de que precisa do seu leitor para compor o *contrato de leitura* (VERÓN, 2005). Em virtude do feriado de dia 2 de novembro, Dia de Finados, o jornal tem uma expectativa de seu leitor: a de que ele vá à

praia. Num arranjo textual que tem como tema “Prevenção”, palavra utilizada no chapéu da matéria, apresenta a situação das praias, as causas e as consequências.

As praias são nomeadas como “impróprias para banho” e as bacias na quais as praias se inserem são nomeadas como “poluídas” na coordenada, canto direito. Uma completando o sentido da outra. A saúde aparece como um Estado e a doença como uma perturbação desse Estado permanente. E mais uma vez o comportamento do indivíduo é sugerido pelo jornal. “*As pessoas precisam, antes de entrar no mar, procurar um salva-vidas, ver se há a bandeira vermelha, que indica perigo, e, claro, usar a própria intuição. Notar a força da água, se tem ventos fortes, evitar cantos de pedras*”, afirma o coordenador. Aqui há mais traço do discurso pedagógico liberal que direciona os indivíduos na medida em que lhe confere total autonomia sobre os fatos, dotados de “intuição” e capacidade de percepção são capazes de evitar a doença.

Outra dica é em relação à bebida alcoólica: “*Se beber muito, não tome banho. Se for com criança, não a perca de vista*”, acrescenta. Aqui a prudência é convocada para a cena. O indivíduo dosa sua quantidade de álcool, se antevem aos fatos e são capazes de prospectar um futuro. Contudo, na coordenada aparece o seguinte enunciado: “*A falta de consciência ambiental do soteropolitano é apontado como um dos principais fatores para a sujeira das praias e rios de Salvador*. Retomamos aqui à problemática do discurso do desenvolvimento sustentável que, em suma, adquire as formas pedagógicas.

A *falta de consciência ambiental* é situada como característica do soteropolitano, constituindo assim um sentido de irracionalidade para aqueles que moram, nascem e ou são de Salvador. Uma moradora encarna o papel de vigilante da vizinhança. Sua fala reitera o papel do indivíduo e o jornal apaga desse contexto o fato de que naquele bairro, Boca do Rio, fora inaugurado, em maio de 2011, uma emissário submarino na região conhecida como Praia dos Artistas. O emissário foi divulgado pelo governo do Estado como capaz de fazer o despejo sem poluir o ambiente marinho. Contudo, o trecho de praia do emissário encontra-se na lista de praias impróprias para banhos e não há nenhuma correlação no jornal, ainda que não exista. Mas é notável que o emissário é apagado da cena. É preferível sugerir e vigiar o comportamento dos indivíduos a questionar os sistemas de alta complexidade tecnológica.

A falta de *consciência ambiental* de que se refere o texto é materializada na incapacidade de recolher seu próprio lixo, nas linhas finais da coordenada. Não há nenhuma menção à disponibilidade de coletores de lixo nas praias do município, quantos são, quantos seriam necessário para atender à demanda, ignora, assim, fatores externos aos sujeitos que

podem estar presentes na “*falta de consciência ambiental*”.

REGIÃO METROPOLITANA SALVADOR

Editor-coordenador
Cláudio Vasconcelos

salvador@gruposantander.com.br

TEMPO REAL Acompanhe a atualização do
noticiário no portal www.atarde.com.br

POLÊMICA Secretário municipal afirma que construção de terminal próximo à Ilha dos Frades não tem alvará e foi embargada Obra da Petrobras é irregular, diz Aleluia

LUAN SANTOS

O secretário municipal de Urbanismo e Transporte, José Carlos Aleluia, denunciou irregularidades na construção do Terminal de Regaseificação da Petrobras, na Baía de Todos-os-Santos, nas proximidades da Ilha dos Frades. Segundo Aleluia, trata-se de uma obra irregular, uma vez que não tem alvará de construção e está sendo tocada à revelia da Prefeitura de Salvador.

"É uma obra ilegal acobertada por liminar obtida na Justiça, em que alega estar construindo no mar, fora do território municipal", disse. A liminar foi concedida pela 8ª Vara da Fazenda Pública.

"A Petrobras agora quer mudar a Constituição do Estado e a formação do território de Salvador, como se fosse possível admitir que a Baía de Todos-os-Santos é terra de ninguém", reclamou o secretário.

"Esta obra representa uma agressão não apenas para os moradores da Ilha dos Frades, mas para toda a população de Salvador e da Bahia", afirmou Aleluia. A Ilha dos Frades situa-se na Baía de Todos-os-Santos e faz parte do município de Salvador.

Aleluia disse ainda que a Petrobras vem descumprindo os autos de infração e interdição da obra lavrados pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do

Solo do Município (Sucom).

A obra na Baía de Todos-os-Santos foi embargada também pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Resposta

A Petrobras informou, por meio de nota, que o terminal situa-se a 4 km a oeste da Ilha dos Frades e que a obra "resultou de análise detalhada no âmbito do Estudo de Impacto Ambiental apresentado ao Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado da Bahia (Inema)".

A estatal comunicou ainda

"A Petrobras quer mudar a formação do território de Salvador, como se fosse possível admitir que a Baía de Todos-os-Santos é terra de ninguém"

JOSÉ CARLOS ALELUIA, secretário

que está atendendo a todas as exigências legais para a instalação do Terminal de Regaseificação formuladas pelo órgão ambiental (Inema), pela Prefeitura de Salvador e pelo Iphan.

Segundo a Petrobras, a operação de terminais de regaseificação é limpa e não há risco de poluição ambiental, pois o gás natural liquefeito (GNL) evapora ao entrar em contato com o ar.

De acordo com a empresa, a obra está gerando 3.400 empregos diretos na região e tem um índice de nacionalização de equipamentos e serviços

de ordem de 90%. O terminal deverá entrar em operação em setembro deste ano.

O argumento do agressor ambiental é sempre esse, de que vai gerar milhares de empregos, sem levar em conta a natureza, sem compensar ninguém", rebateu Aleluia.

O vereador Marcell Moraes (PV) informou que entrou com uma ação junto ao Ministério Público com o objetivo de derrubar a liminar que permite o prosseguimento da construção do Terminal de Regaseificação.

"Não sou contra o projeto, mas a comunidade deve ter

uma contrapartida. A Petrobras deve investir em infraestrutura na região", disse.

O edil questionou ainda a garantia da estatal de que não há risco de poluição ambiental. "Na construção da Refinaria Landulpho Alves, falaram que não teria risco e hoje temos estudos que comprovam que áreas pesqueiras na Baía de Todos-os-Santos apresentam altíssimos níveis de contaminação", rebateu.

Pescadores

Pescadores que dependem do bioma da baía para a sobrevivência também não estão satisfeitos com a obra.

De acordo com o presidente da colônia de pescadores das Ilhas de Bom Jesus dos Passos e dos Frades, Antônio Jorge Teixeira, a obra tem comprometido o sustento de centenas de famílias.

"A Petrobras está tirando o sustento das famílias. Pescadores deixam de pescar. Marisqueiras deixam de pescar à noite. Queremos que as comunidades tenham a sua compensação pelos prejuízos que o terminal está causando", disse.

A Petrobras diz que mantém uma "mesa de diálogo" com as colônias de pescadores em reuniões quinzenais.

Segundo José Carlos Aleluia, funcionários da prefeitura foram impedidos de participar destas reuniões. "A Petrobras desconhece a prefeitura de Salvador, ela sequer negocia", reclamou ele.

ONDE FICA



DIVERGÊNCIA Veja o que ambas as partes reivindicam

| PREFEITURA | PETROBRAS |
|--|--|
| O terminal não possui alvará para a construção e descumpra os autos de infração e interdição da obra lavrados pela Sucom | A Petrobras está atendendo a todas as exigências legais para a instalação do Terminal de Regaseificação formuladas pelo órgão ambiental (Inema), pela Prefeitura de Salvador e pelo Iphan |
| O terminal está gerando uma série de impactos socioambientais na região, prejudicando diretamente pessoas e meio ambiente | As tecnologias utilizadas no projeto têm, entre seus critérios, a preservação do bioma da Baía de Todos-os-Santos e de seu entorno |
| O gás é altamente tóxico e perigoso para quem trafegar na área | A operação de terminais de regaseificação é limpa, não há risco de poluição ambiental, pois o gás natural liquefeito (GNL) evapora ao entrar em contato com o ar |
| A prefeitura afirma que a construção do terminal irá prejudicar as colônias de pescadores que utilizam a Baía de Todos-os-Santos | A Petrobras diz que mantém uma "mesa de diálogo" com as colônias de pescadores e que algumas demandas já foram identificadas e tratadas, como, por exemplo, a segurança do tráfego na baía |

Editoria de Arte e TARDE

INSEGURANÇA

Escola suspende aulas após assalto a turma do 1º ano em Cajazeira IV

SAMUEL LIMA

As aulas no Colégio Edivaldo Brandão Corrêa, em Cajazeira IV, foram suspensas ontem por conta do assalto a uma turma do 1º ano do ensino médio em plena sala de aula na última segunda-feira. De acordo com a Secretaria da Educação do Estado, o colégio voltará a funcionar normalmente amanhã.

A delegada Oliveranda Oliveira, titular da 13ª Delegacia Territorial (Cajazeiras), começou ontem a colher os depoimentos de testemunhas e vítimas dos dois assaltantes que invadiram a escola.

Os criminosos saquearam alunos e a professora de uma turma do 1º ano do ensino médio, levando celulares, dinheiro, mochilas e artigos eletrônicos. Toda a ação durou cerca de 4 minutos.

Conforme a delegada, as vítimas confirmaram que os ladrões não mostraram as ar-

mas, mas ficavam todo o tempo levando as mãos à cintura, como se fossem sacar revólveres ou pistolas.

Os bandidos também não agrediram as vítimas - alunos entre 15 e 17 anos. Investigadores da 13ª DT seguem as buscas por suspeitos e apuram a informação de que um terceiro assaltante ficou do lado de fora do colégio.

"Acreditamos que ele estava ali para avisar os parceiros sobre a aproximação de policiais ou qualquer outra col-

Em 4 min, os bandidos levaram mochilas, celulares e dinheiro

sa que pudesse atrapalhar a ação. Já temos algumas indicações, mas vamos preservá-las para obtermos resultados", relatou a delegada.

Ela confirmou que vai convocar para depor os dois vigilantes que trabalharam na escola na tarde em que o crime foi cometido.

Descritos pelas vítimas como "negros, altos, magros, trajando bermudas e decalços", os assaltantes não foram reconhecidos por ninguém do colégio, o que fez a polícia descartar a possibilidade de eles serem ex-alunos - como ocorreu no mês passado, em episódio semelhante, em Itapua.

O estabelecimento foi invadido por um muro que faz limite com a comunidade da Portelinha. "O colégio é muito grande e tem uma área de matagal logo atrás. Foi por ali que os criminosos entraram, aproveitando a pouca movimentação", disse a delegada.

Árvore morta ameaça cair na Barra

Uma árvore morta ameaça desabar e preocupa moradores da Rua Greenfeld, no bairro da Barra. Galhos secos estão espalhados perigosamente entre a fiação da rede elétrica



José Sousa / Ag. A TARDE

CURTAS

Quadrilha de estelionatários é presa

A Polícia Civil apresentou ontem quatro homens que fazem parte da quadrilha de Valdete Costa de Oliveira, a Amanda - estelionatária presa na terça-feira (23). São eles o paulista Antônio Gato, 73 anos, o gaúcho Luís Eduardo Schreiner, 48, o cearense Francisco Bibiano Correia Sampaio, 64, e o baiano e líder do bando, Jailton Jesus Andrade, 50, que é cadavereiro. Eles foram detidos na manhã de anteontem, no bairro do Uruguai, quando tentavam desfazer a compra de um Uno Viva. Conforme a delegada Fernanda Porfirio, Jailton

costuma recrutar idosos para comprar imóveis, terrenos, veículos e tomar empréstimos, tudo de forma fraudulenta.

OBJETOS APREENDIDOS

Com os criminosos, foram encontrados no Ed. Napoli, na Barra, carteiras de identidade falsas, certidão da compra de terreno e carros. A polícia acredita que eles deram prejuízo na praça em torno de R\$ 300 mil

Traficante confessa que matou rival

Preso na segunda-feira (20), no Alto do Saldanha, em Brotas, com 29 pedras de crack, um 1 kg de maconha, duas balanças de precisão, um carregador de pistola e um rádio HT, o traficante Luis Carlos Magalhães Santos, o Beico, 29 anos, assumiu o matado Cleidson Oliveira da Cruz, o Quatro Dedos, seu rival. O crime teria ocorrido há 20 dias, e o corpo de Quatro Dedos foi abandonado em um matagal na Bonocó, sendo encontrado dez dias depois. Beico foi autuado em flagrante e está preso no

Complexo Policial dos Baris. Ele confessou ainda ser dono de todo material que foi apreendido.

Beico admitiu que, há 20 dias, matou Quatro Dedos, inimigo dele no tráfico

Marinha abre vaga para capelão

A diretoria de ensino da Marinha lançou edital com a oferta de duas vagas para o quadro de capelães navais, sendo uma para sacerdote da Igreja Católica e outra para pastor da Igreja Batista. O candidato deve ser brasileiro-nato, do sexo masculino e possuir mais de 30 e menos de 41 anos. O valor da inscrição é de R\$ 45. As inscrições prosseguem até 22 deste mês e podem ser realizadas no site www.ingressomarinha.mar.mil.br ou em postos de inscrição da Marinha.

Netinho vai ficar 60 dias sem shows

A equipe médica que acompanha o caso do cantor baiano Netinho informou ontem que ele voltará aos palcos num prazo de aproximadamente 60 dias. Diagnosticado com adenomas hepáticos benignos, o cantor segue internado por mais dois dias na UTI do Hospital Aliança. De lá, irá para um leito, onde continuará o tratamento. A informação é que o artista está se recuperando bem e não deverá ter sequelas, mas não deve voltar aos palcos em dois meses.

Mostração

O autor empírico define como tema *Polêmica* e constrói uma cena de embate, ou tribuna. Para recriar este universo: traz uma acusação no título por meio do discurso indireto, usa a palavra *Resposta* para a Petrobras, o aposto *rebate* para o acusador, ou seja, que já bateu no acusado. O primeiro é acusador, o segundo acusado, o primeiro é quem está lutando, combatendo “o agressor”. O texto tece uma enunciação de tribuna em que a prefeitura atua como promotor da causa pública, a Petrobras é o réu, o crime é a obra irregular, o juiz é 18ª Vara de Fazenda Pública que ‘acoberta’ o réu, as provas de defesa são as falas da prefeitura, do Instituto de Patrimônio (IPHAN), dos pescadores e das marisqueiras - que não são ouvidas, mas representadas.

O acusador domina a cena como grande juiz e é dele o texto em destaque em azul comentando *Petrobras quer mudar o território...* Para consolidar a cena de um julgamento cria um quadro com *Divergências* pontuando uma a uma. E como a discussão gira em torno de questões territoriais, o infográfico situa geograficamente o embate.

Interação

O uso do discurso indireto, ou *discurso de Outrem*, é também uma forma de tentar apagar a participação do autor na construção da cena, o que parece um recurso discursivo recorrente quando se trata de embate de forças divergentes. Trata-se do discurso visto como enunciação de outra pessoa completamente independente na origem (BAKHTIN, 2006, p.139). Ou seja, o jornal quer dizer que não comunga da opinião levantada. Ao usar o verbo *Ser* no título o enunciador afirma usando um verbo performativo, mas em seguida usa o verbo *apontar* e traz o nome do enunciador, deixando o elemento frasal em primeiro plano e o sujeito em segundo, após a vírgula. Assim, o jornal primeiro parece acreditar que interessa ao leitor saber que a obra é irregular, depois que isso é uma afirmação de outrem.

O discurso é marcado pelos verbos de ação com caráter combativo como *denunciar* (denunciou), *sintagmas nominais* como “obra irregular”, “tocada à revelia” e “acobertada” pelo judiciário. A primeira fonte a ser ouvida, representante do poder municipal, reclama, denuncia e afirma. A Petrobras responde, comunica e informa. As posições discursivas são devidamente marcadas e tece nela uma relação de forças sociais evidentes.

Sedução

O vereador convocado a falar, Marcell Moraes (PV), é conhecido em Salvador por ser apoiador dos direitos dos animais e de questões ambientais, o mesmo impetrou ação para impedir o seguimento da obra. Dentro da construção desse embate, a figura do vereador que protege os animais, juntamente com os pescadores e marisqueiras prejudicados, conferem à obra um valor de dano às vidas. A ré, a Petrobras, foi julgada e condenada neste embate discursivo.

Notas e contextos

O vereador Marcell Moraes é posto como enunciador e vivencia a seguinte enunciação: *Não sou contra o projeto*. Não se sabe se o repórter perguntou ao vereador sua posição ou se a negativa é espontânea, de modo que sendo esta segunda opção, recaímos aí numa negação que se vale de uma consciência anterior. Ou seja, existe uma expectativa de que o entrevistado seja contra. A negação espontânea é uma especial de afirmação que emana da consciência anterior. A mesma que se vê em enunciações como: “Não que eu seja racista, mas...”. Mesmo a sua ação está criando algum obstáculo para o projeto e então ele se posiciona de tal maneira, validando a ideia do *dialogismo* de Bakhtin (2004). O discurso se mostra como espaço em que as forças sociais aparecem nas formas verbais, e também como uma questão de posição e identidade social (FAIRCLOUGH, 2001).

A Petrobras é convocada a responder no intertítulo e o faz por meio de nota enunciando que “não há risco de poluição ambiental”. Mas discursivamente chama a atenção que, sem ser questionada sobre tal aspecto, informa que “*a obra está gerando 3.400 empregos diretos na região (...)*”. A geração de emprego é um discurso consolidado de tal modo que o acusador responde a isso da seguinte maneira: “*O argumento do agressor ambiental é sempre esse (...)*”, rebateu Aleluia. Quando o sujeito encara um distanciamento entre efeito de discurso e materialidade, recorre à *aforização*, dentro de seu enunciado cita outro. Foi o que aconteceu exatamente nesta disputa de poder e saber (MAINGUENEAU, 2014, p.137). Como já dissemos, Bakhtin (2006, p.164) chamará esse recurso de discurso de outrem, mais especificamente de *discurso indireto analisador de conteúdo* que analisa o que o outro diz para negar ou se apropriar.

Há uma questão discursiva no combate que a prefeitura trava com a Petrobras. A fala do secretário José Carlos Aleluia revela o reconhecimento por parte da Petrobras. Reconhecer, neste caso, é conferir poder ao município e submeter-se aos atos administrativos municipais.

O que se nota neste combate é muito que uma disputa de território, o que em suma é também uma disputa de poder. Naquele período, maio de 2013, a nova gestão do recém-empossado prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto, ACM Neto, a prefeitura e seus agentes ainda estavam em fase de reconhecimento social.

ACM Neto é um político neto de ACM, falecido em julho de 2007, e um personagem marcante da história política da Bahia. O avô viu em 2004 a derrota do antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual DEM (Democratas) para o Partido dos Trabalhadores (PT), na disputa do governo do Estado. Atualmente, o PT está na terceira gestão consecutiva do governo estadual na Bahia, desde 2005. A Petrobras, por ser estatal federal, encontra-se associada às questões de um governo que diverge os interesses do prefeito, em 2013.

Talvez esse embate discursivo não fosse possível hoje com o alinhamento ideológico entre governo federal (PMDB) e municipal. No intertítulo “*Pescadores*”, o autor empírico assume como fato a insatisfação dos pescadores e das marisqueiras. Portanto, o jornal se reconhece com as posições discursivas da prefeitura. Os sentidos que são trazidos são das vozes do pescador e se referem à pesca, sem verbalizar a atividade de extrair marisco do mar, que não se dá no ato da pesca. Assim generaliza as atividades. O repórter pinça da entrevista a enunciação que reivindica a recompensa e arremata o texto retomando a questão da ausência de diálogo entre Prefeitura e Petrobras.

REGIÃO METROPOLITANA SALVADOR

Editora coordenadora
Mônica Gomes (Estrutura)

salvador@gruposociedade.com.br

PARTICIPE Envie críticas e sugestões de matérias para o portal www.atarde.com.br/cidadareporter

Buracos

Homem desvia de buraco na calçada em Brotas. O problema, comum, dificulta a mobilidade de pedestres



Imprudência

Viatura policial estacionada na calçada na avenida Joana Angélica, Nazaré, obriga pedestre a utilizar a rua



Estacionamento

Veículos que utilizam a calçada para estacionar, como este em Nazaré, prejudicam o tráfego de pedestres



Foto: Eduardo Martins / Ag. A TARDE

PESQUISA Estudo da Organização Mundial da Saúde foi divulgado pelo epidemiologista Carlos Dora

Transporte público eficiente pode reduzir risco de morte e doenças

LUAN SANTOS

Uma rede de transporte público eficiente e de qualidade pode ajudar no combate a problemas de saúde pública como acidentes de trânsito, estresse, sedentarismo e obesidade, que custam milhões de vidas por ano.

Esta foi a conclusão de um levantamento feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a relação entre mobilidade urbana, saúde e qualidade de vida.

A pesquisa foi coordenada pelo epidemiologista brasileiro Carlos Dora, 58 anos, coordenador do Departamento de Saúde Pública e Meio Ambiente da OMS, e tornou-se a base para mais de 300 estudos de mobilidade urbana realizados em todo o mundo.

Para Carlos Dora, a explicação é simples: com um sis-

tema de transporte público eficiente, o número de carros nas ruas vai diminuir e, consequentemente, decrescem os índices de acidentes no trânsito e emissão de monóxido de carbono — gás que causa a poluição do ar.

"O número de doenças e mortes pode ser reduzido substancialmente numa cidade que adota um sistema de transportes de alta eficiência [rápidos, limpos, com boa informação para usuários], associados a espaços protegidos para pedestres e ciclistas", defende.

Segundo a pesquisa, quem utiliza ônibus ou metrô anda, em média, entre 8 e 25 minutos a mais por dia, o que é quase o tempo mínimo indicado pela OMS (30 minutos) para gerar melhorias de saúde.

O estudo aponta, ainda, que 30 minutos de atividade física, como andar de bicicleta

ou caminhar, pelo menos três vezes por semana, reduz o risco cardiovascular em 30%, além de prevenir cânceres.

Salvador

Pesquisadores locais destacam que os malefícios do trânsito já representam um dos principais problemas de saúde pública da atualidade.

Para eles, no caso específico de Salvador, há uma série de problemas que precisam ser superados para que se chegue ao "ideal" de um transporte público de qualidade.

"A prioridade nos investimentos é sempre o transporte individual e não para o público, além de pouco espaço ser destinado a pedestres e ciclistas", ressalta a coordenadora do Departamento de Transportes da Escola Politécnica da Ufba, Ilce Marília Dantas.

Entre os problemas apontados pela pesquisadora está a ausência de uma rede de transporte público integrada a falta de ciclovias e calçadas apropriadas: "Quando não são muito estreitas, as calçadas estão esburacadas e cheias de lixo, além de serem utilizadas como estacionamento em muitos pontos".

Segundo o médico de trânsito Armênio Santos, presidente local da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego, as doenças mais comuns relacionadas ao trânsito são os problemas cardíacos e respiratórios, além de estresse, obesidade e sedentarismo.

"Pode-se, por exemplo, criar um sistema em que a pessoa pegue o ônibus, ande cerca de 200 metros e pegue um metrô. Medidas simples como esta podem reduzir em 30% o risco de se ter doenças cardíacas", completa.

"O uso do carro gera falta de atividade física e doenças, como o câncer"

CARLOS DORA, epidemiologista

"Quando não são muito estreitas, as calçadas estão esburacadas e cheias de lixo"

ILCE DANTAS, professora da Ufba

Secretário diz que prefeitura tem priorizado sistema público

O secretário municipal de Urbanismo e Transporte, José Carlos Aleluia, afirma que a atual gestão tem concentrado esforços para melhorar a qualidade do transporte público em Salvador.

Entre as ações, ele destaca a licitação do sistema de transporte coletivo da capital baiana, que deve ser lançada este mês, e a implantação do Bihete Único.

"Salvador não tem um sistema de transporte e sim um conjunto de linhas que transporta pessoas. Com o novo sistema, pretendemos reduzir estas linhas e fazer com que as pessoas diminuam o tempo no trânsito", ressaltou.

Para ele, "o transporte individual é antissocial". "O grande mal do século são os carros. Quando você usa o carro, caminha pouco. No transporte coletivo, você é obrigado a andar, nem que seja 200 metros. Transporte coletivo é a forma civilizada de viver".

Ele ressalta, ainda, que projetos de recuperação e construção de calçadas têm sido realizados para facilitar a mobilidade de pedestres.

Trânsito caótico gera estresse e transtornos

Além de problemas de saúde física, a ausência de um transporte público eficiente pode gerar também consequências para a saúde psicológica.

De acordo com o psicólogo e especialista em comportamento no trânsito Fábio de Cristo, estresse, raiva e a agressividade são algumas consequências psicológicas que podem acometer as pessoas no trânsito.

"Os congestionamentos colocam à prova as competências emocionais e sociais dos motoristas e dos usuários do transporte público, gerando sentimento de perda de tempo e impaciência", diz.

Para ele, uma forma de diminuir os níveis de estresse é planejar o itinerário antes de sair de casa e se preparar para os "aborrecimentos". Fazer caminhadas e andar de bicicleta, conclui o psicólogo, beneficia a saúde psicológica.

"Estudos indicam que caminhar e andar de bicicleta pode ser bastante interessante, relaxante, excitante e prazeroso", diz ele, que é autor do livro *Psicologia e trânsito: reflexões para pais, educadores e (futuros) condutores*.

A falta de atividade física é responsável por mais de três milhões de mortes por ano no mundo, segundo dados da OMS. Segundo o médico Armênio Santos, a ausência de uma rede de transporte adequada é uma das principais causadoras deste índice.

"Além de ser uma das responsáveis pelas taxas cres-

centes de excesso de peso e obesidade. As pessoas perdem muito tempo em engarrafamentos e não realizam atividades físicas e de lazer", ressalta o especialista.

Preocupação

Segundo informações do Sindicato dos Rodoviários da Bahia, pelo menos 30% dos cerca de dez mil motoristas e cobradores que trabalham diariamente na capital baiana sofrem problemas de saúde gerados pelo estresse no trânsito. Doenças cardíacas são as mais comuns.

"O rodoviário é quem mais sofre com este trânsito caótico de Salvador, pois passa o dia inteiro nos congestionamentos. O motorista é uma bomba atômica ambulante, carregada de estresse, que pode explodir a qualquer momento", afirma Daniel Mota, diretor do sindicato.

O sindicalista cita casos recentes em que rodoviários tiveram problemas de saúde devido ao estresse. "No último dia 21, um motorista da empresa morreu ao volante. Ele chegou a ser socorrido por colegas, mas morreu a caminho do hospital", relatou.

Para o coordenador da Associação dos Ciclistas do Estado da Bahia (Asbeb), Maurício Cruz, os ciclistas também são prejudicados: "Até no interior do estado, como em Vitória da Conquista, há mais ciclovias do que em Salvador. Corremos riscos o tempo todo no trânsito".



Edgê Távora / Ag. A TARDE / 8/11/2011

Congestionamentos põem à prova o emocional das pessoas, afirma especialista

Acidentes

Estimativas da OMS apontam que cerca de 1,3 milhões de pessoas morrem, anualmente, vítimas de acidentes no trânsito. No Brasil, quinto país com maior número de mortes no tráfego, este índice é de 42 mil pessoas.

Na Bahia, a quantidade de mortes causadas por acidentes de trânsito chega a 2,2 mil por ano. Deste total, a capital baiana registrou 249 mortes no ano passado.

De acordo com o estudo da OMS, nas áreas urbanas, os carros são responsáveis por até 90% da poluição do ar e por até 1,2 milhões de mortes, causadas por doenças do sistema respiratório.

Coordenadora de trabalho de trânsito e saúde, na Secretaria Municipal de Saúde, Sandra Freitas diz que a pasta realiza atividades educativas com motoristas em conjunto com órgãos de trânsito, visando a redução no número de acidentes e mortes.

"Temos como meta, até 2020, reduzir em 50% o número de mortes e lesões causadas por acidentes no trânsito", afirma.

2,4 mi

é o número de mortes causadas por acidentes de trânsito estimado pela OMS para 2020. Hoje, o índice é de 1,3 milhões por ano. A meta da OMS é reduzir 50% até 2020

Mostração

O autor constrói a cena de um mundo com transporte público eficiente e os benefícios que traria. As informações que usa como argumento atribui a um estudo, para compor a ideia de ciência usa a palavra *Pesquisa* no intertítulo. Outro modo de mostrar é usando um número: *2, 4 milhões*, em referência ao número de mortes no trânsito para 2030. No campo *mortes e doenças* têm o mesmo valor semântico que palavras como *estresses e transtornos*, ampliando os referentes do universo que cerca a discussão sobre transporte público.

Interação

O modo como A Tarde escolhe nessa reportagem compor as cenas se vale das autoridades instituídas. Nos três textos são seis fontes, todas representantes de comunidades discursivas organizadas. Em Araújo (2004, p.222)³⁷, encontramos a definição de comunidades discursivas como “grupos de pessoas, organizados, ou não de forma institucional, que produzem e fazem circular discursos, que neles se reconhecem e são por eles reconhecidos”. Aqui se valem da organização institucional. O chapéu da reportagem tem como palavra “Pesquisa” e ao se valer de fontes oficiais e de imagem de observação, sem dar voz aos motoristas e aos pedestres, cria um sentido de oficialidade. Além disso, o uso do verbo modal *poder* no título condiciona o resultado à situação e dá ao leitor a apresentação de uma informação, descrevendo um possível novo cenário.

Sedução

O carro particular é o grande vilão da cena de caos que o jornal compõe, adjetivado por *o mal do século*, *o antissocial*. O transporte público eficiente é o meio de evitar as mortes, as doenças, os transtornos e o estresse. O estado deve criar uma situação melhor para promover este bem à sociedade, e é o próprio secretário municipal que dá essas expressões como *mal do século* e *antissocial ao carro individual*.

³⁷ Trata-se de um conceito de Dominique Maingueneau (2006).

Notas e contextos

O autor empírico divide o texto em três momentos. No texto principal é apresentado o estudo da OMS, as *competências* dos sujeitos OMS e Carlos Dora que levam ao universo temático recriado na reportagem a performance do carro com ares de revelação (FIORIN, 1992, p.23-25). Dedicar-se o espaço principal a descrever quem realizou a ação (os carros), quem está passivo a ação (os motoristas) e como foi (causando maiores índices de acidentes no trânsito e emissão de monóxido de carbono). A marcação dos sujeitos se dá da seguinte forma: a OMS conclui, Carlos Dora explica, defende e novamente o estudo aponta. Ambos trazem o saber no texto na medida em que o epidemiologista fala que “tomou como bases mais de 300 estudos realizados em todo o mundo”, justifica-se e reitera seu direito de fala. Ambos adquirem poder de fala, apontamento e defesa (Ibid., p.25).

No segundo momento de fala, cria-se um ambiente para ampliar o debate em saúde, em *Trânsito caótico gera estresse e transtorno*, transcendendo o sentido de saúde hegemônico preso ao estado físico do sujeito, abordando a saúde mental. A saúde mental se junta à noção de mal-estar. As doenças são a sanção trazidas pela *performance* do carro (o qual polui e causa acidentes) e na terceira coordenada (*Secretário diz que prefeitura tem priorizado sistema público*) há um espaço da autoridade instituída, a Prefeitura, a qual deve responder à necessidade que o estudo levanta. No texto “principal” os problemas são apresentados como nós que irão ser desatados na coordenada ao lado. As duas dialogam como acusação e resposta. A saúde nessa reportagem parece mais próxima do que preconiza a OMS, que é a fonte principal da reportagem.

O Brasil acaba de ter vivenciado um dos maiores levantes populares desde os movimentos *Diretas Já*, nos anos 80. O ano de 2013 foi marcado pelos movimentos ocorridos em junho, cujo mote foi o aumento da passagem do transporte público em São Paulo. A pauta do transporte público e de qualidade estava em voga, com a articulação do movimento *Catraca Livre*, em São Paulo (ASSAD e QUEIROZ, 2015). A reportagem também permite produzir um novo sentido para epidemiologia, na medida em que a fonte principal é um epidemiologista que traz a saúde mental relacionada a determinantes sociais. O que se vê, em suma, são os aspectos biológicos predominantes quando se operam análise sobre saúde mental.

SALVADOR

Editor-coordenador
Luiz Lavigne

salvador@gruposantandem.com.br

REGIÃO METROPOLITANA

RESGATE Filhotes de corujas que viviam em tubulação são capturados www.atarde.com.br

DAVI LEMOS

Levantamento do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) aponta que 81% dos rios que estão exclusivamente no território do município de Salvador têm elevado grau de poluição.

O estudo que indica o índice de qualidade da água estabelece cinco parâmetros de qualidade: péssimo, ruim, regular, bom e ótimo. Nenhum dos rios metropolitanos atingiu a indicação de ótimo.

Segundo o coordenador de monitoramento de recursos ambientais e hídricos do Inema, Eduardo Topázio, 17% destes rios estão em condições péssimas e 64% estão ruins. Outros 8% estão bons e 11% regulares.

"Muitos rios da cidade nem são mais reconhecidos como tal. As pessoas pensam que são esgoto", comentou Topázio, que divulgou ontem os dados do estudo, véspera da celebração do Dia Mundial da Água.

Eduardo Topázio aponta a ocupação irregular de terras e a falta de saneamento básico

DIA DA ÁGUA Estudo revela que ocupação irregular e falta de saneamento são as principais responsáveis pela degradação de recursos hídricos na capital baiana

Alto grau de poluição atinge 81% dos rios de Salvador, aponta pesquisa do Inema

como principais contribuidores para a degradação dos rios. E ele acrescentou: "Se considerarmos o total de mananciais em Salvador, levando-se em conta os lagos, as estatísticas estão muito próximas", comparou.

Lagoa da Paixão

Enquanto crianças e adolescentes tomavam distância e pulavam nas águas poluídas da Lagoa da Paixão, em Fazenda Coutos, a auxiliar de serviços gerais Eliene dos Santos, 54, mantinha o olhar

"Hoje não consegui nada. Aqui já teve peixe todos os dias. Eu me pergunto como vou alimentar tanta gente"

ELIENE DOS SANTOS, desempregada



ESCASSEZ ATINGE 770 MILHÕES DE PESSOAS

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2013, cerca de 770 milhões de pessoas no mundo já não possuem acesso a uma fonte de água potável. Se essa tendência de escassez continuar, fruto do mau uso dos recursos naturais, estima-se que o problema possa atingir três bilhões de pessoas em 2015

fixo nas águas da lagoa.

Desempregada, mãe de 11 filhos e com 18 netos, ela vai às margens com vara de pescar na esperança de tucunarés, traíras ou tambaquis. "Mas hoje não consegui nada. Isso aqui já teve peixe todos os dias", lembra Eliene. "Tem horas que me pergunto como vou alimentar tanta gente".

Menos preocupados, os meninos não ligavam para o aspecto da água. "É só não beber a água", disse o estudante Paulo Ricardo de Jesus da Silva, 14. Próximos às margens da lagoa, muitos barracos despejam ali seus dejetos.

Outro exemplo de abandono é o Rio Camarajipe, que corta a região do Iguatemi. "Aqui só melhora o cheiro quando chove e o rio enche", disse o vendedor Sérgio de Souza, 25.

"Eu acho que falta interesse dos poderes públicos para limpar estes rios. Também chamam este rio de Rio das Tripas. Hoje parece mais o rio para botar as tripas para fora. Tem dias que respirar é difícil mesmo", disse o microempresário Valdir Bomfim, 57.



Crianças brincam e nadam na Lagoa da Paixão, apesar do mau cheiro da água, na qual são despejados dejetos lançados das moradias à margem

Reordenamento do solo vai beneficiar mananciais

O subsecretário municipal da Cidade Sustentável, André Fraga, diz que a poluição dos mananciais em Salvador é um dos grandes problemas da cidade. "Enquanto há uma tendência mundial para a recuperação dos mananciais, aqui em Salvador eles continuam abandonados", disse.

Fraga salientou que será necessária uma ação de reordenamento da ocupação do solo na capital, de forma que estes mananciais sofram menos agressões. "Teremos que fazer isso. Mesmo com investimentos, não temos um rio limpo em Salvador", disse.

Até maio devem ser entregues as obras no Parque São Bartolomeu, que fica na região da Baía do Cobre. A obra foi feita com recursos do Banco Mundial (R\$ 100 milhões). "Para tentar despoluir, precisamos retirar as pessoas que vivem ali. Outro desafio na região é a insegurança", disse o subsecretário.

André Fraga disse que o prefeito ACM Neto criará uma agência reguladora do saneamento da cidade. "Com esta agência, queremos ter melhores dados sobre coleta de lixo, drenagem urbana, tratamento e destinação do esgoto e abastecimento de

água", explicou Fraga.

O problema da destinação do esgoto não ocorre somente nas chamadas "invasões", mas também em bairros estabelecidos. "As pessoas não querem conectar suas casas ao sistema de esgoto para não pagar a taxa. Quem consome R\$ 100 em água, paga cerca de R\$ 80 de esgoto", exemplificou.

Praias

O coordenador de monitoramento do Inema, Eduardo Topázio, diz que a revitalização dos rios influi também na balneabilidade das praias. "É preciso lembrar que os rios desembocam no mar". Ele apontou que a região do estado que conta com os rios em melhores condições é a oeste. "Mas, nas zonas urbanas, as condições são precárias".

A Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa) tem hoje um projeto para a recuperação de matas ciliares em rios nos municípios de Santo Antônio de Jesus, Camamu, Caetité, Morro do Chapéu e Seabra. O desmatamento é uma das principais causas de poluição e assoreamento dos leitos.

DAVI LEMOS



Na região do Iguatemi, o rio Camarajipe exala forte odor de esgoto sanitário



Rio Grande é um dos veios fluviais que cortam o município de Barreiras, no oeste

Pesquisa avalia a qualidade do Aquífero Uruçua

MIRIAM HERMES
Barreiras

A qualidade da água e a capacidade de renovação do Aquífero Uruçua devem ser conhecidas ainda este semestre, como resultado de estudo realizado pela Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais/Serviço Geológico do Brasil, a pedido da Agência Nacional das Águas (ANA).

Com estimativa de armazenar 9 km³ de água, o Uruçua é responsável por manter a perenidade dos rios que nascem na área de cerrado baiano e escorrem pelo vale, abastecendo o rio São Francisco. Esses rios caracterizam a região, pela sua beleza e pelo potencial que representam para diversos usos.

No entanto, o aproveitamento destas águas para abastecimento humano e animal, geração de energia elétrica, agricultura irrigada e outras atividades deixou alguns rios já saturados para a concessão de novas outorgas, levando à utilização da água direto do aquífero, através de poços artesianos.

"Isso é preocupante. Estamos mexendo em algo que ainda não conhecemos", disse a engenheira ambiental Morgana Prado, destacando que "por isso é tão importante que tenhamos o resultado deste estudo encomendado pela ANA para orientar futuros projetos na região".

Irrigação

Com 116 mil hectares de agricultura irrigada na região, a atividade é apontada como principal responsável pela utilização das águas retiradas pelos poços artesianos.

Entretanto, conforme o diretor de Águas e Irrigação da Associação dos Produtores e Irrigantes da Bahia (Aiba), José Cizino, "o que os produtores utilizam, por enquanto, é uma parcela ínfima do total estimado. Com a pesquisa vamos saber exatamente quanto temos e quanto podemos utilizar".

AMBIENTALISTA ASSASSINADO

O secretário da Segurança, Maurício Barbosa, recebeu ontem pedido de deputados estaduais para apurar com rigor caso da execução do ambientalista Ivo Barreto Couto Filho

Mostração

Na chamada linha de apoio³⁸, o autor empírico (o jornal) diz que os estudos revelam “ocupação irregular e falta de saneamento”. O autor empírico divide o texto em duas cenas, a primeira composta de elementos técnico-científicos, um especialista, um estudo e o problema: poluição dos rios. A causa aparece antes do texto, está na linha de apoio como fora dito antes. A segunda cena é aberta com o intertítulo “Lagoa da Paixão”. O autor cria dois universos de referências: duas histórias os quais acontecem simultaneamente, o brincar das crianças e a procura por fonte de renda, a lagoa proporciona o brincar e a renda. E, à medida em que oferece risco para as crianças, também é onde se busca esperança, naquele dia frustrada.

Esses dois universos estão inseridos em dois cenários e trazem: o laboratório, que cria e entende os riscos, e o objeto de estudo, cujo risco é a escassez. Aberto ao olhar do autor empírico, a realidade é ‘esse texto aberto’ (GOMES, 2009), mostrado pelas ações, pelas histórias e as memórias. O argumento que põe a ocupação irregular e a falta de saneamento são engendrados com uso de palavras como *Pesquisa*, *Reordenamento* e *Ambientalistas*. Palavras que compõem a cena, que ajudam a criar um universo semântico.

Interação

O chapéu tem função de justificar a razão da enunciação. Ele é em si uma situação de enunciação: Dia da Água. No título, o saber do estudo e o poder do Estado colocados em segundo plano em relação ao elemento frasal situam e justificam a informação. Os enunciadores que o jornal põe em cena ajudam a formar a identidade do jornal. Assim o jornal convoca a ler e tomar posição sobre o tema, mas já se antecipando às posições que serão reconhecidas por seu leitores.

Sedução

A imagem principal traz uma relação de igualdade entre o jornal, posta pelo plano do olhar do fotógrafo, junto às crianças que se banham, isso irá para os modos de sedução, na distribuição de afetos positivos sobre as crianças. A mulher desempregada, seu papel social de mãe, provedora, também é uma marcação de afetos operada pelo jornal. Já a população que confunde rio e esgoto, que não tem consciência recebe os sentimentos negativos. Abaixo alguns enunciadores:

1. “No entanto, muitas delas são consideradas como grandes esgotos a céu aberto pela população”. E1: Existem bacias poluídas que não são consideradas como grandes esgotos a

³⁸ Linha que explica o tema da reportagem (LAGE, 2001)

céu aberto pela população. E2: Bacias hidrográficas não são esgotos. E3: A população tem certa ação que torna a bacia um esgoto.

2. “A falta de consciência ambiental dos soteropolitanos é apontada como um dos principais fatores para a sujeira de praias e rios em Salvador.” E4: A existência de consciência ambiental dos soteropolitanos reduziria a sujeira de praia e os rios. E5: Pessoas de outros lugares têm consciência ambiental.

Notas e contextos

Esta é uma matéria que se dá como desdobramento de dados técnicos. No jornalismo, a proposta é humanizar os dados trazendo histórias de gente que vive ou convive neste ambiente, construindo a reportagem teórico-científica (GENRO-FILHO, 1987, p.225). Trata-se de um relato com base em dados e saberes tecnocientíficos e que entende a poluição como uma alteração de taxa, de índices. Os textos lidam com sensações daqueles que convivem, na medida em que dá voz a uma mulher, “desempregada, mãe de 11 filhos e com 18 netos”, vale-se da identidade matriarcal para compor o aspecto humanista da reportagem. O Estado pode indicar comportamento e o estado sabe qual o comportamento. O autor-empírico, ao usar o *discurso indireto*, traz novamente as marcas do discurso do desenvolvimento sustentável.

REGIÃO METROPOLITANA SALVADOR

Editora coordenadora
Márcia Gomes (Bastiana)

salvador@grupostade.com.br

PARTICIPE Acompanhe o noticiário em tempo real pelo portal www.atarde.com.br

YURI SILVA

A falta de tratamento de esgoto e a movimentada atividade industrial, química e petrolífera que cerca a Ilha de Maré são apontadas por moradores como os elementos responsáveis pela poluição marítima que atinge a comunidade quilombola.

Separado do restante da capital pelas águas da Baía de Todos-os-Santos, o povoado soteropolitano não possui saneamento básico. Lá, dejetos sanitários são derramados diretamente no mar. A situação só não é pior porque alguns imóveis – sobretudo os comerciais – possuem fossas.

Somado a isso, as indústrias do Porto de Aratu e a Refinaria Landulpho Alves, da Petrobras, despejam substâncias que contaminam o pescado segundo os moradores.

O resultado é uma verdadeira dizimação de peixes, mariscos e demais frutos do mar. Antes fartos, camarões, siris, ostras e outros são produtos cada vez mais difíceis de se achar na comunidade, o que vem provocando uma redução na pesca da região.

Dificuldade

O pescador Valnei Maciel, 61 anos, trabalha no ofício há mais de cinco décadas, sempre em Ilha de Maré. Segundo ele, de lá para cá, o resultado da atividade já não é o mesmo. Se antes pescava "peixes com facilidade", atualmente consegue quatro, "com muito trabalho", afirma.

"Os meninos de 12, 13 anos que começam a pescar não conhecem muitos peixes, porque eles deixaram de existir", relata o ancião à equipe de A TARDE, após mais um dia de jornada no mar.



Fotos Raul Spinares / Ag. A TARDE

Esgoto deságua no mar de Santana, uma das localidades da ilha

Poluição marítima dizima pescados em Ilha de Maré

ESGOTO Falta de saneamento básico prejudica a pesca e a saúde dos moradores

Contatadas para comentar as denúncias, a Petrobras e a Companhia das Docas do Estado da Bahia (Codeba) – responsáveis pela Refinaria Landulpho Alves e pelo Porto de Aratu, respectivamente – afirmaram que obedecem "rigorosamente" as determinações ambientais impostas pela lei vigente.

"A Refinaria Landulpho Alves mantém um rigoroso monitoramento de seus efluentes tratados, que são analisados segundo frequência e parâmetros estabelecidos e controlados pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado da Bahia (Inema)", diz o pronunciamento da estatal brasileira.

Além da poluição marítima, a falta de investimento na infraestrutura de Ilha de Maré – como o tratamento de esgoto – atinge os moradores da comunidade de diversas outras formas.

Cenas chocantes Adultos e crianças, por exemplo, têm a saúde comprometi-

tida por causa dos dejetos, que correm ao ar livre entre as casas antes de desaguar no mar. Na localidade de Santana, uma das mais pobres do povoado, é chocante ver cenas como a de um porco andando em meio a fezes e lixo.

Segundo o pescador Evandro Duarte, 61, a situação é agravada em época de chuva,

pois o esgoto transborda e resíduos invadem ruas e casas. "É assim em todas as localidades da ilha que eu já fui. Até as mais turísticas, como Botelho e Neves, passam por isso", diz.

Doenças como leptospirose, transmitida por água ou alimento infectado pelo xixi de rato, afirma, são comuns.

Petrobras e Codeba afirmam que obedecem "rigorosamente" determinações ambientais

"É assim (esgoto) até nas localidades mais turísticas da ilha"

EVANDRO DUARTE, pescador



"Os meninos não conhecem muitos peixes, pois deixaram de existir"

VALNEI MACIEL, pescador



Embaça diz que vai investir R\$ 11,5 milhões em saneamento

Diante das denúncias de mortalidade de peixes e mariscos na Ilha de Maré, causada pelo despejo de dejetos sem tratamento no mar, a Embasa (Empresa Baiana de Águas e Saneamento) informou que está buscando recursos para a implantação de um sistema de esgoto sanitário na comunidade tradicional.

Segundo a empresa, o sistema a ser implantado será capaz de atender 60% da ilha e beneficiará, aproximadamente, 5.500 pessoas.

O projeto, com investimento estimado em R\$ 11,5 milhões, compreende a execução de 19,8 km de tubulações, como rede coletora, emissário e linha de recalque, equipamento responsável pelo bombeamento do esgoto. Ainda conforme a Embasa, o projeto prevê duas estações de tratamento e sete estações elevatórias (compostas por conjuntos de motor e bomba) e 1.306 ligações de esgotos domiciliares.



Estudantes assistem à aula no quintal de escola por falta de espaço



Interrupção de viagens durante chuvas causa transtornos a moradores

Travessia afeta educação e saúde

A travessia entre a Ilha de Maré e São Tomé de Paripe, bairros de Salvador separados pelo mar, impõe dificuldades à comunidade em diversas áreas, do ensino ao atendimento médico.

Na educação, alunos com idade a partir dos 11 anos, que cursam o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), sofrem para chegar às escolas quando chove e a circulação de embarcações na Baía de Todos-os-Santos é suspensa pela Capitania dos Portos.

Como o povoado só possui escolas até o 5º ano, a travessia para São Tomé, Periaperi, Paripe e demais bairros do subúrbio ferroviário é a única opção dos jovens estudantes para ter acesso à educação.

Na própria ilha, o ensino do fundamental I (do 1º ao 4º ano) também é feito com sacrifícios. Na Escola Municipal Claudemira dos Santos Lima, por exemplo, alunos com dificuldade de aprendizagem assistem à aula de reforço no quintal da unidade, por falta de lugar nas salas.

A demanda é maior do que o espaço disponível. As vezes, três turmas ocupam o mesmo local. "Há mais alunos do que salas. A escola não possui o tamanho adequado", reclama a auxiliar de classe Nivaldina Souza, há 10 anos na ilha.

Questionada sobre uma solução para o problema, a Secretária Municipal de Educação (Smed) informou que uma escola de grande porte

está sendo construída em Ilha de Maré. A unidade, que atenderá os alunos da educação infantil ao ensino fundamental II, tem inauguração prevista para fevereiro de 2015.

Sobre as aulas no quintal do colégio atual, a Smed afirmou que "as atividades que acontecem na área externa são do programa Mais Educação".

Já a Secretária da Educação da Bahia (SEC) afirma que um projeto para a construção de uma escola estadual na ilha está em andamento. Segundo o órgão, a viabilidade da obra depende apenas da compra de um terreno adequado.

Primeiros socorros

O atendimento médico aos moradores da ilha também é

prejudicado pela interrupção na travessia. Profissionais que compõem o quadro de funcionários da unidade de saúde local não conseguem atravessar para trabalhar em dias de chuva.

A falta de um pronto-socorro em funcionamento adequado é apontada por comerciantes ligados à atividade turística como um dos fatores responsáveis por afastar os visitantes (leia mais na página A6).

A Secretária Municipal de Saúde afirma que a população de Ilha de Maré também conta com profissionais residentes no local, que asseguram assistência imediata em caso de emergência, com o apoio de lancha do Samu.



"Há mais alunos do que sala. A escola não possui tamanho adequado"

NIVALDINA SOUZA, auxiliar de classe que trabalha há 10 anos na ilha

LEIA MAIS NA PÁGINA A6

TURISMO Falta de investimento em infraestrutura prejudica comerciantes e inibe o crescimento do número de visitantes

Paisagens exóticas e paradisíacas da ilha resistem ao descuido

YURI SILVA

Apesar de descuidada e sem investimento em infraestrutura, a ilha de Maré também é dotada de paisagens capazes de colocar a comunidade em uma posição privilegiada no circuito turístico baiano.

Itamoabo, por exemplo, possui praias limpas, com águas cristalinas, o ritmo bucólico, as moquecas de peixe, os mariscos e o tradicional doce de banana. São diversas as atrações naturais oferecidas no outro lado da Baía de Todos-os-Santos.

A praia de Itamoabo lota nos finais de semana, segundo comerciantes locais. É lá que se concentra a maior parte dos visitantes, a maioria do subúrbio ferroviário.

Neves e Botelho, áreas melhor cuidadas e frequentadas por um público de classe média alta, oferecem praias desertas e paisagem que pode lembrar os mangues de Recife, Pernambuco.

Para chegar até a ilha, pequenos barcos – muitos deles transportando mercadorias ao mesmo tempo – fazem a travessia de até sete pessoas por vez (R\$ 5, cada uma). Outra opção são barcos maiores, com capacidade para 90 passageiros, em uma espécie de travessia oficial (R\$ 5).

Nos dois casos, as embarcações só saem de São Tomé de Paripe quando há um certo número de passageiros. Os

destinos variam: Santana, Itamoabo, Neves, Botelho etc.

Uma recomendação feita pelos moradores locais é descer em um dos lugares e seguir andando até os outros.

De Itamoabo para Neves, por exemplo, são aproximadamente 20 minutos de caminhada. Para Botelho, esse tempo dobra, pelo menos.

No caminho, pequenos cangueiros correm entre as árvores "exóticas", com os troncos quase inteiros submersos na areia e em poças que se formam ao redor delas.

Ao chegar a Botelho, o restaurante Preta, localizado em uma antiga casa de pescador, é o destino gastronômico recomendado por dez entre dez pessoas que conhecem Ilha de Maré.

Famoso por apostar em uma decoração repleta de referências sustentáveis, como sofás feitos a partir de barcos usados, o Preta é gerido pela fotógrafa e designer de interiores Angeluci Figueiredo.

Preservação e cuidado

"Se a cultura, o artesanato e a renda local fossem preservados, atrairia muito mais visitação. Temos coisas lindas, mas a Baía de Todos-os-Santos é esquecida", afirma.

Angeluci se refere à falta de investimento em infraestrutura e ao descuido com a comunidade, o que tem prejudicado a população e o turismo local. "Também não adianta atrair público sem infraestrutura adequada", pondera ela.

O restaurante Preta, entretanto, foge desta regra. Tem frequência contínua, principalmente do público que faz a travessia marítima em lanchas particulares. Antes de ir, é bom fazer reserva.

Falta de atendimento médico, segurança e saneamento que atenda à população são os pontos mais criticados tanto pela designer quanto por pequenos comerciantes ouvidos por A TARDE.



Praias desertas e paisagem que lembram mangues recifenses são marcas de Neves



Praias limpas, com águas cristalinas, são uma das principais atrações de Itamoabo

NOVIDADES LABORATÓRIO LPC

✓ NOVOS CONVÊNIOS

Agora os usuários da **Central Nacional UNIMED e UNIMED N/NE**, podem ser atendidos no Laboratório LPC.

✓ LPC PITUBA

A unidade do LPC Pituba (Av. Paulo VI) está totalmente renovada e com novos serviços para melhor lhe atender.

✓ EXAMES DE URGÊNCIA

Na unidade LPC Pituba nossos clientes dispõem do serviço **Exames de Urgência**, com resultados liberados em até 2:30h. Para maiores informações consulte nossa Central de Relacionamento - **71. 2203-9955**

✓ NOVAS UNIDADES

Buscando sua maior comodidade o LPC disponibiliza as novas unidades: **Cajazeiras, Clínica CDI (Pituba Parque Center) e Itapuã.**

Central de Relacionamento:

71. 2203 9955
www.laboratoriopc.com.br

10 unidades de atendimento. Confira a mais próxima de você através de nosso site ou Central de Relacionamento.

40



LABORATÓRIO E VACINAS
Especializado em Você.



Mostração

Ao longe um horizonte, onde se vê um cais, antes um extenso trecho de esgoto sobre a terra. A imagem enuncia um terreno despovoado, apenas dejetos em foco. Mas abaixo as crianças estão assistindo aula sem teto, ao lado o cais aparece como imagem de ligação entre a Ilha de Maré e Salvador. Essas são algumas das enunciações das imagens (PINTO, 2002, p.66). Na primeira reportagem, o repórter vai ao local e escuta a população: os verbos são de ação e trazem sentido de agressão: “*dizima*”, “*atinge*”, “*invade*”, “*transborda*”, “*agrava*” (no texto “*agravada*”). A próxima matéria dessa reportagem vem após um anúncio de supermercado e dessa vez constitui um cenário antagônico: apresenta a mesma Ilha em seus atrativos turísticos. A imagem traz signos icônicos do paradisíaco, uma pessoa sentada na areia e coqueiros. Neste momento o cenário e as palavras, precedidos do apesar são outras: *praias limpas, águas cristalinas, posição privilegiada*.

Voltando ao primeiro texto, são os moradores aqueles que apontam o problema e trazem para a cena (lead) a atividade industrial e o Estado, mesmo quando este se ausenta. O autor empírico embora traga dois problemas para a situação: a falta de esgoto sanitário e a “*movimentada atividade industrial*”, não questiona o poder público sobre a primeira situação, silenciando o Estado. Contudo, convoca para comentar a situação as estatais, a Refinaria Landulpho Alves e Companhia das Docas do Estado da Bahia (Codeba). As leis e as normas são elementos centrais da enunciação, na medida em que os personagens realizam *performance* de agressor e agredido. O autor empírico traz a palavra “*denúncia*” para substantivar os apontamentos, portanto imputa sobre as estatais os crimes.

Interação

A função de interação se dá na medida em que o jornal faz circular as vozes diversas, mas assume os enunciadores hegemônicos que colocam em cena a poluição advinda da atividade doméstica e a *chuva* como fatores da poluição. No segundo momento da reportagem, quando trata das praias paradisíacas, cria uma seção de serviço, em que ajuda oferecendo uma espécie de cardápio das praias. Ao colocar pescadores, marisqueiras, coloca novos enunciadores na cena do jornal, em relação aos enunciadores que se vê cotidianamente no jornal. Mas no segundo momento reconstitui os valores e as hierarquias sociais que acompanham os discursos do jornal, onde a natureza é capitalizada e seus valores estão presentes em expressões como *posição privilegiada* que ocupa para o turismo, referindo-se à relação entre Ilha de Maré e o setor turístico.

Sedução

Os sentimentos se opõem nas duas imagens. No primeiro momento, os barcos vazios enunciam a impossibilidade da pesca e o terreno escuro de esgoto, com grande semelhança às imagens de seca no Nordeste. Focando nas rachaduras do solo, criam uma relação entre os enunciadores e coenunciadores que distribuem sentimentos de piedade. Essa imagem com a legenda, trazendo a pesca e os problemas para prover educação e saúde, retomam os sentidos de escassez que permeiam as imagens da seca. Na página A6 é construída a situação contrária, isso se dá pelas imagens, pela lista de praias, pelas legendas, é retomado atributos que trazem de volta a esperança, a sobrevivência. Percebe-se que existe uma necessidade do jornal em manter o equilíbrio social ao trazer o alerta e depois a ponderação.

Notas e Contextos

Esta reportagem, que assim será definida pelo caráter interpretativo do texto, é um exemplar raro de espaço para discussão e disputa de sentidos em torno das questões ligadas aos quilombolas. A “poluição” que atinge a Ilha de Maré, para o jornal, transborda a força do indivíduo e possui sentido de agressão. O verbo dizimar no título, neste caso, abre para um universo semântico de perdas, danos, a morte provocada. O autor transforma o jornal numa arena de disputa de sentidos, em que prevalece uma relação de embate entre comunidade quilombola e estatais. Tem-se então a poluição como resultado de uma relação de ausência do Estado na promoção de benfeitorias e do próprio Estado como agressor.

Outros sentidos que colonizam o tema da poluição neste texto são o de precariedade, do abandono. Isso confere à Ilha de Maré uma identidade diferente da que se atribui ao soteropolitano, grifado inclusive na expressão. Essa é uma relação identitária bem marcada em trechos como “*Separado do restante Salvador*”, na primeira linha do sublead (segundo parágrafo). No que diz respeito à doença, esta é trazida pelos vetores de transmissão e, deste modo, são apontadas as doenças infectocontagiosas e não as doenças crônicas, o olhar para a saúde, nesta reportagem é, na verdade, um olhar isolado, fragmentado sobre a doença.

Mesmo a *cena chocante* para o autor empírico, envolvendo roedores, não convoca para a composição textual, para uma interação verbal, usando mais Bakhtin, uma voz que trate da saúde e do bem-estar social. Quais as influências para o Estado de saúde do sujeito que mora e convive com essa realidade? Poderia o jornalista se perguntar? A relação de uma moradia ruim afeta

questões emocionais e psíquicas? Poderia ter se perguntado, mas não o fez, ou se fez se calou no jornal.

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

Editora coordenadora
Núrcia Gomes (editora)

salvador@grupatarde.com.br

LARGO DO TANQUE Homem é achado morto em
frente a agência bancária www.atarde.com.br

Foto: Marco Aurélio Martins / Ag. A TARDE



Rio Joanes, assoreado no trecho em que corta a BA-535

ABASTECIMENTO Situação da capital não é de crise, mas incêndios, desmatamentos, descarte irregular de lixo e esgoto preocupam

Problemas ambientais ameaçam rios da RMS

LUAN SANTOS

Em meio a um cenário de escassez de água em grandes capitais brasileiras, além da diminuição das chuvas e do próprio aumento da temperatura global, Salvador acende o sinal de alerta para a questão hídrica.

Embora a situação da capital baiana não seja de crise – como em São Paulo –, pois os reservatórios que a abastecem estão com pelos menos 70% da capacidade, problemas ambientais ameaçam os rios – e, consequentemente, as represas, que, a longo prazo, podem ser afetadas caso soluções não sejam tomadas.

O rio Paraguaçu – responsável por 60% do abastecimento em Salvador e região metropolitana (RMS) – tem tido redução do volume de água, causada por desmatamentos, incêndios florestais e destruição de matas ciliares.

O Joanes e o Ipitanga, que respondem pelos outros 40% do fornecimento de água na capital e RMS, enfrentam a poluição causada por descarte irregular de lixo e esgoto. O Joanes ainda tem o equilíbrio comprometido pela extração ilegal de areia.

O secretário estadual do Meio Ambiente, Eugênio Spengler, diz que a situação hídrica na capital baiana é equilibrada. Segundo ele, o estado está ciente de todos os problemas e tem realizado políticas no sentido de resolvê-los e reverter a situação [veja ao lado].

Reservatórios

Na última semana, equipe de A TARDE visitou os re-

servatórios de Pedra do Cavalão e Joanes II – alimentados pelos rios Paraguaçu e Joanes, respectivamente –, acompanhada por técnicos da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa). A reportagem também foi a trechos dos rios Paraguaçu, Joanes e Ipitanga.

A Embasa ressalta que a RMS não tem problema de produção de água. “Existe a disponibilidade de utilização de 54 mil litros por segundo (l/s) para um horizonte acima do ano 2050”, destaca a empresa. Atualmente, a demanda da RMS é de 15 mil l/s.

Responsável pela manutenção de ambos os reservatórios, o técnico Jorge Prazeres diz que uma vantagem do sistema de reservatórios de Salvador é ser integrado, ao contrário de São Paulo.

“A integração permite que um reservatório auxilie o outro. A barragem de Santa Helena (alimentada pelo rio Jacupis), por exemplo, manda água para o Joanes II sempre que é preciso”, explica.

No reservatório Joanes II, é possível observar que o nível de água está cerca de um metro abaixo de sua capacidade. A barragem de Pedra do Cavalão está com 113 metros acima do nível do mar – o máximo é de 125 metros.

Rios

Coordenador do projeto Semeação de Águas no Paraguaçu, o geógrafo Rogério Mucugê conta que outros problemas comuns na região são a perfuração de poços de maneira descontrolada e o



“A integração permite que um reservatório auxilie outro”

JORGE PRAZERES, técnico

uso de agrotóxicos.

Mucugê salienta que é preciso se preocupar com as nascentes dos rios: “Não é o reservatório que produz água, mas a nascente. A RMS pode sofrer com o abastecimento de água. É uma questão de raciocínio lógico. A oferta está diminuindo e a demanda, aumentando”.

Por isso, ele destaca, é pre-



3,7
bilhões de m³ de água tem a barragem de Pedra do Cavalão – 70% da capacidade máxima, segundo a Embasa. A Joanes II tem 118 mil de m³ – 86% da capacidade

Josivan Silva, 40, diz que o rio Ipitanga tem abundância de tucunarés (espécie muito popular na pesca esportiva). “Mas os peixes estão acabando, porque o rio está muito sujo. Hoje, não dá mais para tomar banho nele”, conta Silva, que mora em Simões Filho.

LEIA MAIS NA PÁG. A6

Plano de bacias vai servir de base a políticas públicas

O secretário estadual do Meio Ambiente, Eugênio Spengler, afirma que o estado está desenvolvendo planos de sete bacias na Bahia – entre elas, a do Paraguaçu. O objetivo é traçar um diagnóstico que sirva de base para políticas públicas de preservação, recuperação e gestão dos recursos hídricos.

Com o plano, explica ele, o estado poderá ter controle sobre a perfuração de poços na bacia Paraguaçu, de maneira a criar um cadastro de usuários de água.

Spengler salienta que a poluição ainda é um problema dos rios Joanes e Ipitanga. “Apesar da ampliação da rede de esgoto e do recolhimento de resíduos sólidos urbanos, com o fim gradativo dos lixões, a poluição ainda é uma preocupação”.

Sobre os incêndios na região da Chapada Diamantina, que afetam a bacia do Paraguaçu, Spengler afirmou que o Inema (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos) coordena uma estratégia de prevenção e combate a incêndios florestais, que conta até com helicópteros e aviões.

“Atualmente, são treinados entre 20 e 30 brigadistas voluntários, que recebem equipamentos de proteção individual”, pontua.

Segundo o geógrafo Rogério Mucugê, 90% dos incêndios são criminosos. “É um problema muito grande, que, ano a ano, destrói centenas de hectares de floresta”.

Outras capitais

No Brasil, grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte estão enfrentando problemas com a escassez de água.

O caso mais recente é o da capital mineira, onde a represa Serra Azul está perto de atingir seu volume morto. No Rio de Janeiro, o reservatório Pararluna, maior do estado, atingiu o nível mais baixo das comportas na última quarta-feira. Com isso, a água precisa ser puxada por bombas.

Na capital paulista, a falta de água, que começou no ano passado, já atingiu cerca de 1,2 milhões de moradores de diversos bairros.

O maior desafio é combater a poluição dos rios, diz especialista

O professor Paulo Serrano, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ressalta que o maior desafio hídrico não é a escassez, mas combater a poluição dos rios.

Serrano, que já realizou pesquisas nos rios Paraguaçu, Joanes, Ipitanga e Jacupis, pontua que, em relação à qualidade, a falta de tratamento é o que mais reduz a disponibilidade hídrica.

No caso do Paraguaçu, outra preocupação é a contaminação da água por agro-

tóxicos. “A maioria das cidades na região da bacia não conta com os serviços de coleta e tratamento de efluentes sanitários. O esgoto continua poluindo os afluentes e os rios Paraguaçu e Jacupis”, afirma.

Para ele, a quantidade de água que somam os reservatórios que alimentam a capital e a região metropolitana “traduz uma condição confortável”. No entanto, o especialista destaca que o governo precisa manter “permanente vigilância e controle operacional” sobre

os reservatórios.

A Embasa destaca que estão em andamento obras para ampliar os sistemas de esgotamento sanitário das cidades de Camaçari e Simões Filho, ambas situadas na área de influência das barragens Joanes I e II.

Informou, ainda, que já ampliou o índice de atendimento do serviço de esgotamento sanitário em Muritiba, Cruz das Almas, Cachoeira, Santo Amaro da Purificação, São Félix e Feira de Santana, cidades situadas na bacia do rio Paraguaçu.



Barragem Joanes II abastece parte da capital e RMS

ABASTECIMENTO Lei 13.223 foi sancionada no dia 12 deste mês pelo governador Rui Costa

Lei estadual garante pagamento para quem preservar nascentes



Vazamentos causam desperdício de 20% da água distribuída

Marco Aurelio Martins / Ag. A TARDE

LUAN SANTOS

Quem plantar árvores e ajudar a preservar áreas próximas a nascentes de rios receberá dinheiro do estado. Isto é o que prevê a Lei 13.223, sancionada no último dia 12 pelo governador Rui Costa.

De acordo com o secretário estadual do Meio Ambiente, Eugênio Spengler, a nova legislação deverá ser regulamentada ainda no primeiro semestre deste ano. Durante a regulamentação, serão definidos os valores pagos a agricultores e empreendedores familiares rurais, que serão beneficiados pela lei.

Coordenador do projeto Semeando Águas no Paraguaçu, o geógrafo Rogério Mucugê informa que, a partir do trabalho realizado em 16 cidades situadas na bacia do Paraguaçu, cerca de 40 experiências de restauração ecológica já foram identificadas.

"Essas pessoas serão beneficiadas com a lei, que é uma vitória para a preservação e recuperação florestais nas proximidades das nascentes", afirma.

Para Spengler, a nova lei representa um prêmio às boas práticas de produção e manejo da agricultura. "É uma forma de fazer com que a preservação possa gerar uma renda à propriedade, de compensação para aqueles produtores que conservam as nascentes", pontua.

O secretário ressalta que a legislação beneficia, acima de tudo, as nascentes e contribui com o equilíbrio climático. "O primeiro setor contemplado é, justamente, o produtor de água, a nascente, que é a área mais adequada para a recarga aquífera", frisa.

Estímulo
Rogério Mucugê diz que a compensação financeira representa também uma forma de incentivo para que mais pessoas possam ajudar

a preservar as nascentes.

Para ele, a situação de São Paulo deve ser tomada como exemplo. "No caso do problema de abastecimento em São Paulo, só se está falando nos reservatórios, mas não nas nascentes", critica.

"Se chover em Salvador, não vai abastecer, pois lá não está a nascente. É fundamental que chova na Chapada Diamantina, onde está a nascente do Paraguaçu", complementa.

Segundo Mucugê, experiências parecidas com a lei baiana já são executadas no Espírito Santo, onde parte dos royalties do petróleo são usados para pagar a pessoas que ajudam a preservar as nascentes.

O projeto Semeando Águas no Paraguaçu é executado pela ONG Conservação Internacional, que atua na área ambiental em 40 países, em parceria com a Secretaria estadual do Meio Ambiente (Sema) e o Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Inema). A iniciativa é patrocinada pela Petrobras, com aporte de R\$ 2,9 milhões.

"É uma vitória à preservação e recuperação florestais perto de nascentes"

ROGÉRIO MUCUGÊ, geógrafo

Nova lei será regulamentada ainda no primeiro semestre deste ano

ESSA É A HORA

BAVIERA

ÚLTIMAS UNIDADES COM IPI REDUZIDO.

ESTOQUE FINAL PARA PRONTA ENTREGA.

UPI!
14/15

PREÇO NF DE FÁBRICA



Novo FOX
Trendline 14/15 COMPLETO

PREÇO NF DE FÁBRICA



VOYAGE
Trendline 14/15 COMPLETO

OPORTUNIDADE ÚNICA



FAÇA REVISÃO NO SEU CARRO REGULARMENTE.

Taxe up!, ano/modelo 2014/2015, código 6A52642 + P4P + PC1 + PFE + PKA, à vista a partir de R\$ 33.150,00. Taxa de 0,99%a.m. com entrada de 50% e saldo em 36 meses de R\$ 581,18. Estoque de 2 unidades. Voyage Trendline 1.0 ano/modelo 2014/2015, código 5U4FN41 + P4P + PKA, à vista a partir de R\$ 39.900,00. Taxa de 0,99% a.m. com entrada de 50% e saldo em 36 meses de R\$ 695,00. Estoque de 2 unidades. Fox Trendline 1.0 ano/modelo 2014/2015, código 5Z55N42 + PKB, à vista a partir de R\$ 37.990,00. Taxa de 0,99%a.m. com entrada de 50% e saldo em 36 meses de R\$ 662,83. Estoque de 2 unidades. ICF e TC não incluídos. Cadastro sujeito a aprovação. Toda linha Volkswagen 0 km com garantia de fábrica de 3 anos, exceto Kombi, Inco Polo, Gol G4 e Golf do modelo antigo, e sem limite de quilometragem exceto Kombi, limitado a 80.000km. É necessário, para sua utilização, o cumprimento do plano de manutenção constante no Manual de Garantia do veículo adquirido. Todos os modelos, códigos, valores e quantidades estão sujeitos a alteração conforme política de comercialização da fábrica, sem aviso prévio. Chassi: 0800 701 2834. SAC: 0800 770 1926. Acesso às pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 08007701935. Fotos meramente ilustrativas. Promoção válida até o dia 25/01/2015 ou enquanto durar o estoque.

CONFIRA AS OFERTAS NO SITE: www.baviera.com.br

Baviera Volkswagen é Baviera

Av. ACM (em frente ao Iguatemi) 71 3340 3000
Av. Paralela (baixa do Alphaville II) 71 3206 8888

DICAS CONTRA O DESPERDÍCIO

- BANHO**
Na hora de passar o xampu e o sabonete, desligue o chuveiro
- VEÍCULOS**
Ao lavar o carro, use balde em vez de mangueira
- HIGIENE**
Ao escovar os dentes, fazer a barba ou ensaboar as mãos, deixe a torneira fechada. Reabra apenas para enxaguar
- ROUPAS**
Deixe acumular as roupas e lave de uma vez. Se for lavar na mão, não se esqueça de fechar a torneira enquanto ensaboa e esfrega
- COZINHA**
Feche a torneira enquanto ensaboa a louça e não lave hortaliças e legumes em água corrente. Use uma bacia
- TORNEIRAS**
Instale arejadores de vazão nas torneiras, que podem reduzir o consumo de 50% a 80%

Consumo na capital é três vezes maior do que o indicado

Salvador tem média de consumo de água por pessoa três vezes acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo dados da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), com base na vazão distribuída na capital e o número de domicílios atendidos, estima-se uma média de 250 litros por dia para cada habitante. A OMS recomenda que 80 litros por dia é suficiente para manter uma vida saudável. Ainda de acordo com a empresa, do total do volume consumido pelas residências, cerca de 15% a 30% são desperdícios, o que pode elevar a conta em até 40%. Conforme a Embasa, 20% da água distribuída em Salvador são perdidos por conta de vazamentos. A empresa informou, ainda, que foram identificados cerca de mil lava-jatos irregulares em Salvador, que causam um desperdício de água em torno de 1 milhão de litros por mês.

Reclamação
Por outro lado, moradores de diversos bairros de Salvador queixam-se da falta de água constante, principalmente durante o verão. Um deles é Pitã. "Aqui falta água sempre no final da tarde. Todos os dias. Sabemos que há muito desperdício, mas nós também sofremos com esta situação", reclama o contador Márcio Oliveira, 32. A Embasa informou que "segundo informações da área operacional, a rede distribuidora está funcionando com vazões suficientes para abastecer os imóveis do bairro".



INVISTA EM SEU FUTURO

PARA O MERCADO INVESTIR EM VOCÊ.

- Administração
- Psicologia
- Contábeis

MEC 5 CONCURSO 2015

MEC 4 RECONHECIMENTO 2015

MEC 3 CONCURSO 2015

4 pontos de 2015



Faculdade Castro Alves

Vestibular 2015.1 / www.castroalves.br / Pituba 71 3033.0009

Mostração

O universo semântico do *Abastecimento* é construído em duas etapas. Em uma há uma enunciação do risco, nomeado de alerta. O texto marca como problemas ambientais: *desmatamento, incêndios florestais, destruição de matas ciliares, descarte irregular de lixo e extração ilegal de areia*. O especialista marca a *poluição* como parte desse cenário de risco. Para criar referenciais desse universo do abastecimento marca o rio Paraguaçu com seu volume reduzido. Em seguida, os rios Joanes e Ipitanga enfrentam poluição. Como a cena é do universo semântico do abastecimento: o destaque da página traz o número *3,7 bilhões de m³ de água tem a barragem da Pedra do Cavalo – 70% da capacidade máxima...* A infografia cumpre a função de espaço ao demarcar o local do acontecimento em relação à enunciação.

Considerando que texto pretende situar Salvador em relação a São Paulo, que enfrenta a chamada crise hídrica, os sentidos transitam em dúvida/certeza. A Embasa, por meio de seu porta-voz, tenta opor o sentido de preocupação com o de planejamento/projeção, medo/tranquilidade. O coordenador do projeto Águas do Paraguaçu contradiz, afirma a possibilidade de escassez. O personagem pescador não toma mais banho, mas tem abundância de pescado, embora a variedade e quantidade de peixes estejam diminuindo. A presença se opondo à iminente ausência.

No segundo, página A6, ainda sob o chapéu *Abastecimento*, há um segundo momento, uma nova cena, que se dá por uma marcação do papel do Estado, quando promove uma Lei que beneficia quem plantar árvore nas nascentes do rio. Nesta etapa da descrição, revisita o cenário dos problemas ambientais com a novidade.

Interação

O estado e o especialista são os personagens centrais dessa reportagem. O saber conferindo ou não o poder a quem fala, cabendo ao jornal deslegitimar ou legitimar o papel do especialista e por em diálogo as duas instâncias. Mas sem deixar de transitar entre universos de saberes reconhecidos socialmente, aumentando o capital simbólico do veículo de comunicação. Uma aspa com a seguinte enunciação: “*a integração permite que um reservatório auxilie o outro*”, a credencial da fonte é a de ser um técnico.

A *situação de enunciação* é a seguinte: início de 2015, São Paulo ainda vivenciava a chamada crise hídrica. O fenômeno da seca se manifestava em territórios novos e o título *Problemas Ambientais Ameaçam Rios da RMS*. O verbo *ameaçar* cria sentido de risco e esse

é o grande tema da reportagem: Salvador corre risco de passar pela mesma situação de São Paulo? O Jornal A Tarde entra no discurso da crise hídrica e situa Salvador nesse cenário. O autor empírico inicia o discurso com fontes oficiais, cuja função no jornalismo, segundo Lage (2001), é conferir precisão. Um sentido necessário quando se está falando de risco (GIDDENS, 1990). As linhas finais do primeiro texto trazem a testemunha que entra para o grupo dos discursos da escassez.

Na página A6, o jornal devolve a segurança necessária para o destinatário conviver com os riscos por meio de verbos performativos como *garantir* e *dever*. No item de serviço, lateral superior direita, desta página, o jornal presta o serviço de dar *Dicas Contra o Desperdício*, aconselhar seu leitor para comportamentos individuais que vão reduzir os riscos de escassez. Mais uma vez vigia e sugere comportamentos individuais como se vê no discurso do risco (CARDOSO, 2001). Reforça a relação pragmática pedagógica, a qual confere autoridade ao jornal e “educa” o leitor.

O jornal marca três instâncias: a das decisões políticas, a científica e a do comportamento humano. Na política, interpela o estado a revelar a situação da capital, na instância científica traz a avaliação do estado e dos *problemas ambientais* e no comportamento humano convoca o indivíduo a evitar os riscos. Estes riscos são assumidos pelo jornal como também criados pelo consumo humano. O jornal cumpre discursivamente sua função de vigiar o Estado, cobrar dele uma ação. O Estado traz o cidadão comum para a cena e o cidadão reforça o discurso da falta de consciência ambiental, dando assim *relações pragmáticas* de proximidade e pedagogia.

Sedução

O jornal faz uma oposição entre as ameaças, descritas na primeira reportagem, e a Lei de proteção à nascente. Sentimentos de preocupação e de tranquilidade, disforia e euforia. O jornal opera no sentido de devolver confiança nos *sistemas peritos* e, muito embora use verbos como *ameaçar*, dá ênfase ao poder tecnológico de sistemas de alta complexidade, como as barragens, e reforça as relações de confiança no Estado, nas Leis, que oferecem um horizonte de expectativa minimamente seguro. Como Giddens (1990) disse, a modernidade requer uma sensação de segurança, vivemos em um período que precisa de confiança como modo de viver em grupo.

REGIÃO METROPOLITANA
SALVADOR

Editor-coordenador
Luiz Lawerty

salvador@grupopostar.com.br

AV. BONOCÓ Bandido é baleado por cliente ao tentar roubar Insinuante www.atarde.com.br

SURTO Pacientes relatam vermelhidão, coceira e, alguns, febre. Secretaria da Saúde do município investiga o caso

Doença misteriosa assusta população de Camaçari

PRISCILA MACHADO

Moradores de Camaçari (Grande Salvador) estão assustados com surto de uma doença ainda não identificada e que se espalha pelo município.

Os sintomas relatados são vermelhidão, prurido (coceira) e, em alguns casos, febre e dor no corpo. O diretor da Vigilância Epidemiológica, Celso Joelão, afirma que o problema é investigado.

Segundo ele, os 18 primeiros casos foram registrados no dia 10 de fevereiro nos bairros Gravata, Cristo Redentor, Alto da Cruz e Parque das Mangabas. Metade deu entrada na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Gravata e os outros no Hospital Geral de Camaçari.

"Suspeitamos de sarampo, rubéola, dengue e chikungunya, mas os exames deram negativo. Além disso, os primeiros pacientes não relataram febre, sintoma característico", disse o gestor.

Os pacientes foram submetidos a hemograma no início de fevereiro. A partir da análise no Laboratório Central do Estado (Lacen), as

suspeitas iniciais foram descartadas. Joelão procurou o Núcleo de Vigilância Epidemiológica do Estado, semana passada, e continua encaminhando amostras de sangue para o Lacen: "Pode ser um comportamento atípico de uma dessas doenças exantemáticas, popularmente conhecidas como viroses. Vamos incluir a roseola na lista de análises".

Pacientes

Ontem, pelo menos, dez pessoas ouvidas por A TARDE na UPA Nova Aliança — uma das cinco da cidade — apresentavam os sintomas.

Segundo a coordenadora da unidade, Poliana Marquize, cerca de 300 pessoas são atendidas por dia, mas os casos não estão sendo contabilizados. Sem se identificar, um médico contou que a doença é responsável por 90% das entradas nas últimas semanas.

A dona de casa Elaine Cristina Almeida, 32, levou o filho de 10 anos, que há dois dias apresentava vermelhidão em todo o corpo e febre. "A gente fica sem saber o que



"Suspeitamos de sarampo, chikungunya e dengue, mas deu negativo"

CELSO JOELÃO, epidemiologista

é. Eles aplicam apenas injeção e mandam ir para casa", ela reclamou. Elaine disse suspeitar de alteração na água ou no ambiente: "Moramos em um polo industrial", relacionou.

O electricista Reinaldo Lima, 32, está com os sintomas há cinco dias. Ele disse que primeiro sentiu dores no



Garoto deu entrada em UPA com febre e manchas

300

pessoas são atendidas diariamente na UPA Nova Aliança, em Camaçari. Médico diz que a doença representa 90% dos atendimentos realizados nas últimas semanas. Os 18 primeiros casos foram diagnosticados no dia 10 de fevereiro, em quatro bairros, mas problema já atinge todo a cidade



Elaine exhibe receitas com prescrições médicas de analgésico e antialérgico

corpo e, no quarto dia, apareceram as manchas.

"O médico passou um remédio que afetou o meu estômago. Já é a quinta vez que venho aqui", queixou-se.

De acordo com Poliana, enquanto a causa não é identificada, os pacientes estão sendo medicados com antialérgicos.

Sobre a suspeita de poluição, Joelão diz que encaminhou amostra de água para análise de coliformes fecais e turbidez, mas não foi encontrada anormalidade.

Cofic

O superintendente do Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic), Érico Oli-

veira, disse que não recebeu comunicado oficial: "É preciso investigar e não ligar o caso à proximidade com as indústrias antes de um embasamento técnico".

Segundo ele, o ar é monitorado pela Cetrel (empresa que faz controle ambiental da região). "Nada anormal foi registrado", falou.

0800-703 FORD 3873

ESCOLHER A MELHOR OFERTA NA COMPRA DA RANGER ESTÁ FÁCIL. O DESAFIO VEM DEPOIS: TRILHA, LAMA, PEDRA...

3 ANOS

FORD RANGER

PREÇOS COM NOTA FISCAL DE FÁBRICA

- Motor 3.2 5cil. Duratorq (200cv e 470Nm)
- Diferencial Traseiro Blocante
- SYNC MEDIA SYSTEM com Bluetooth e comandos de voz

- AdvanceTrac®
- Controle de Estabilidade (ESC) e Tração (TCS)
- Assistente de Partida em Rampas (HSA)
- Controle Adaptativo de Carga (LAC)
- Controle de Reboque (TSM)

Na cidade, somos todos pedestres.

Promoção válida até 24/03/2015 ou enquanto durarem os estoques - 10 unidades. Toda linha Ranger com nota fiscal de fábrica exceto Ford Ranger Sport. Não abrange seguro, acessórios, documentação e serviços de ocupante, manutenção ou qualquer outro serviço prestado pelo Distribuidor. Sujeito à aprovação de crédito. O valor de composição do CET poderá sofrer alteração, quando da data efetiva da contratação, considerando o valor do bem adquirido, as despesas contratadas pelo cliente, custos de Registros de Cartórios variáveis de acordo com a UF (para o cálculo das parcelas acima, foi considerado o valor de registro de contrato aplicado no Estado de São Paulo em 05/03/2015 - R\$101,54), na data da contratação. Contratos de Financiamento e Arrendamento Ford Credit são operacionalizados pelo Banco Bradesco Financiamentos S.A. Valores válidos para cores sólidas. Frete incluso.

A primeira escolha na Bahia

• Bonocó
2105-7500

SUA MELHOR ESCOLHA FORD

• Av. Luís Eduardo Magalhães
3387-6700

• Stiep
3343-3600

A FORD MELHOR PARA VOCE

• Iguatemi
3340-3400

• Paralela
2102-2000

• Lauro de Freitas
3283-3900

Go Further
www.ford.com.br

Mostração

O autor empírico cria uma enunciação do suspense e apresenta o mistério. O sintagma nominal *doença misteriosa* tem a função de criar este cenário de suspense, que se desenvolve nas cenas em que o paciente vai ao consultório e não obtém uma resposta. Em seguida, a comunidade busca no ambiente, no ar, na água, a resposta. A cena maior é de uma cidade com doentes e médicos sem diagnóstico. Outro sintagma que permite criar o cenário do risco é *estão assustados* no lead. Depois, há enumeração das doenças que estão no mesmo universo semântico como *sarampo, rubéola, dengue e chikungunya* e criam referências para o leitor compor a cena, oferecer pistas.

Os médicos apresentam os sintomas e, enquanto representantes da ciência, apresentam os métodos de investigação, mensuram o problema: *cerca de 300 pessoas são atendidas por dia, mas os casos não estão sendo contabilizados. Sem se identificar, um médico contou que a doença é responsável por 90% das entradas nas últimas semanas*. O autor empírico quantifica o problema como forma de mensurar o mistério. O Polo Industrial é convocado a se posicionar e tentar discursivamente afastar a ideia da atividade industrial com o aparecimento da doença.

A foto da matéria é legendada com a escrita *Elaine exhibe receitas com prescrições médicas de analgésico e antialérgico*. Essa estratégia discursiva convoca sentidos de saúde bioclínicos, embora o paciente seja receitado sem diagnóstico preciso. O primeiro plano está na receita. O foco da foto está na receita, ícone da medicina, e não no doente.

Interação

Esta doença misteriosa cria uma *situação de enunciação* que põe em cena as forças do Estado, as dúvidas e diferentes posições por parte dos enunciadores. O Estado (representado Vigilância Sanitária do município) é convocado a apresentar indícios de alterações das condições ambientais do lugar. Diante de um mistério, o jornal interage apresentando todas as pistas e trazendo todos os enunciadores: estado, pacientes, vigilância e o Polo. Ao nomear a doença como doença misteriosa e dispor o termo no título, assume o enunciador da medicina: sem diagnóstico é mistério.

A própria convocação dessas respostas parte de um contexto. A cidade possui uma atividade industrial proeminente e isso seria uma relação dialógica em que já existe um sentido entre poluição-polo-doença para aquele que enuncia: “moramos num polo”. Para além da relação dialógica, este enunciado revela uma relação de localização e ambientação entre

moradores e o Polo, que na verdade fica afastado do centro da cidade e é cercado por um anel florestal. Ninguém reside no Polo, lá se situam empresas, mas vê-se que a cidade e o Polo são o mesmo ambiente para o enunciador.

Como fontes, o jornal interpela os médicos que irão responder pelas questões do corpo, para entender essa situação nova é convocada a Vigilância Sanitária para sumarizar o contexto ambiental. A escolha da fonte da saúde apenas composta por órgãos de saúde revela um olhar e compreensão desintegrada entre saúde e ambiente. Foi ignorada a Coordenadoria de Meio Ambiente, que poderia ser convocada, posicionada como esclarecedora ou cobrada de uma postura fiscalizadora.

Sedução

Sentidos de dúvida, de mistério, de risco, presente no chapéu *Surto*. A voz que representa o Polo vale-se do discurso técnico científico, recorrendo a termos como “embasamento técnico”. Em enunciados como *Moramos num Polo Industrial*, o enunciador põe em cena outros enunciadores. Tais como E1: Morar num Polo Industrial tem implicações para a saúde, e E2: Não se mora num Polo Industrial. Neste caso, assumindo o enunciador assume E1. O enunciado é o produto da cultura, de sistemas de crenças e hábitos, como vimos.

No texto, logo em seguida, tem-se outros enunciados como “*É preciso investigar e não ligar o caso a uma proximidade com indústria antes de um embasamento técnico*” – Enunciador é posto no final da matéria, com sentido de última palavra, que é no fim das contas o que espera cada um dos enunciadores num embate discursivo, dar o sentido último. Assim mantém-se o mistério e o Polo sai de cena, nenhuma outra reportagem sobre a doença misteriosa trouxe novamente o Polo.

Mostração

Para criar o universo temático, cumprindo a função da mostração, convoca o personagem regulador por meio dos órgãos de fiscalização do estado. Quando conduz o leitor ao consultório o faz marcando o dermatologista e para chegar ao cidadão comum marca o banhista.

Nesta matéria o INEMA indica o ordenamento e a conscientização. A prefeitura sanciona: multa, *demole* e *interdita* obras que estão causando a poluição. Ao situar o momento (afirmando *neste fim de semana*), permite dizer que houve uma alteração do Estado da praia. A infografia traz os pontos para o *Lazer Seguro*. A imagem escolhida marca a poluição de que o jornal quer falar: o esgoto.

A imagem ao lado da matéria, na página A6, tem a função de mostrar que ambos os textos fazem parte do mesmo universo, estabelecendo uma relação dialógica entre os banhistas e as doenças. Para mostrar o que se designa *doença de pele* marca algumas *micose dermatite e furunculose*.

É verão e Salvador é uma cidade de vasto território litorâneo, a prática do banho de mar. A reportagem é dividida em duas páginas (A4 e A5) e para articular as duas usa-se o mesmo chapéu: *Verão*. Veiculada num domingo, a matéria com formato de revista, a disposição do texto é confusa, pela inserção de um anúncio no centro entre as duas páginas.

Interação

O *banhista deve evitar* o banho de mar. A sanção para quem entra no mar é a doença, a doença de pele. O *dermatologista recomenda escolha criteriosa do local para o banho*. Verbos como *observar* na forma imperativa, *indicar*, conferem poder a quem fala, ao jornal, a quem é posto a falar. A relação pragmática de didatismo mais uma vez se estabelece entre os coenunciadores.

O infográfico se situa entre duas fotos e pouco serve no sentido que se propõe, de orientar o leitor. Nos títulos, a palavra poluída é evitada nos títulos, se torna a tradução de *problemas* e de *impróprias*. Abaixo o que o dicionário The Free Dictionary diz (2017):

Impróprio *adj.* Que não é próprio. Inconveniente. Que não é adequado.
Inexacto. Que escandaliza. Indecoroso. Oposto ao costume geral.
Mal visto. Que não é oportuno. (Lat. *improprius*)

Ou seja, humaniza a praia e também confere ao banhista a tomada de decisão dentro de certa expectativa de que ele age dentro do que é adequado. Há uma relação dialógica muito presente aqui, no sentido de diálogo, entre o título *Banhista deve evitar...* (p. A5) e *Águas impróprias podem acarretar doenças de pele* (A6). Tornando possível estabelecer uma ordem necessária para a leitura. As duas versam no tema do “Verão” e estabelecem sentido banho/água, praia/ doença.

Sedução

A respeito da distribuição de afetos negativos e positivos, isso é feito colocando as doenças de pele em contraposição com o Lazer Seguro. Assim a ordem, a prudência e a resistência a uma pocinha d’água (lead da página A6) evocam sentidos de civilidade e infância. Já a doença é universo semântico dos afetos negativos juntamente com o comportamento imprudente.

YURI SILVA

Especialistas da área de saneamento básico e engenharia ambiental apontam como maior responsável pela poluição de rios a ocupação irregular do solo urbano sem planejamento, uma das principais características da expansão de cidades como Salvador.

Os problemas de infraestrutura da capital baiana (como a falta de rede de esgoto em 18,5% das residências e as dificuldades de coleta de lixo nas ruas estreitas) são causados principalmente por essa falta de ordenamento urbano.

Essas limitações técnicas, segundo especialistas, são o que provoca a falta de instalação de esgoto e, consequentemente, o despejo de dejetos nos rios que cortam comunidades como a travessa Santa Mônica (veja matéria na página A4).

O engenheiro químico Júlio Mota, mestre em desenvolvimento sustentável e superintendente de esgotamento sanitário da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa) na Grande Salvador, explica, por exemplo, que dejetos precisam de gravidade para sair das casas e chegar à rede de esgoto, o que não existe em locais baixos, como avenidas de vale e canteiros.

"Esgoto não é como água, que se move na tubulação por pressão. É preciso que as casas estejam acima do nível da rede, para que haja inclinação, o que não acontece nessas avenidas de vale", explica o engenheiro.

Para Mota, só é possível limpar os fluxos de água ligando todos os domicílios da cidade na rede de esgotamento sanitário básico.

"Mas para isso é preciso tirar milhares de pessoas de onde elas moram porque a ocupação irregular não cessou, ela continua acontecendo todos os dias, aumentan-

AMBIENTE Falta de rede de esgoto em parte das residências e dificuldade de coletar lixo em ruas estreitas aumentam o desafio de sanear o espaço urbano

Ocupação desordenada agrava a poluição da cidade



Em comunidade do Saboeiro, rio que corre entre as casas é poluído por dejetos domésticos despejados na água

ESCOAMENTO DIFÍCIL

Dejetos precisam de gravidade para sair das casas e chegar à rede de esgoto, o que inexistente em locais baixos, como avenidas de vale e canteiros, diz engenheiro

Em Salvador, 18,5% das casas estão sem rede de esgoto por ocuparem áreas irregulares

do esse problema e dificultando ainda mais ações de resolução", pondera.

Praias

Além dos canteiros e avenidas, os fundos de vale e encostas também são afetados pela falta de saneamento. Nestes locais a escavação para construção de redes causa

deslizamentos. Durante os períodos de chuva, os rios poluídos por esgotos e lixo transbordam e também sujam as praias. Júlio Mota afirma que quando o tempo está seco a Embasa até consegue conduzir as águas sujas dos rios para estações de tratamento e despejá-las nas praias sem prejuízo am-

biental grave, da mesma forma como é feito com dejetos de esgoto.

No entanto, com a chegada das chuvas intensas, a rede de tratamento não suporta a quantidade de água acumulada, os rios obstruídos transbordam e o mar também acaba sendo poluído por excrementos e detritos vindos dos rios sujos.

Estudo

No livro *O Caminho das Águas em Salvador – Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes*, os pesquisadores Elisabete Santos, José Antonio Pinho, Luiz Roberto Moraes e Tânia Fischer avaliam a qualidade das águas na cidade e traçam aspectos que influenciam na poluição dos cursos d'água da cidade.

"Esses aspectos estão associados às cotidianas práticas de impermeabilização do solo urbano e de destruição do que restou da vegetação", define um dos trechos da publicação, de 2010. "A ocupação do solo sem a devida regulação continua a agravar os problemas de exclusão e de risco ambiental", continua o texto.

O impacto da poluição na saúde pública também é abordado pelos pesquisadores, que identificaram "elevadas quantidades" de organismos transmissores de doenças, "provavelmente presentes no esgoto".

A história dos rios de Salvador, significado dos nomes, extensão, profundidade, número de moradores do entorno e outros dados também estão no livro. Além disso, as principais bacias de água da cidade, como o Rio dos Seixos, Rio das Pedras, Faraguari, Itapagipe, Camarajipe e outras, são detalhadas em capítulos. A publicação está disponível na internet, no endereço eletrônico bitly.com/ocaminhodasaguas.

COLABOROU PRISCILA MACHADO

TEM COISA MELHOR QUE VIAJAR COM A FAMÍLIA? TEM. VIAJAR COM SEGURANÇA.

Separamos algumas dicas para você chegar seguro ao seu destino.

- Dirija com atenção e sem pressa.
- Guarde distância do carro à frente.
- Jamais ultrapasse pela direita.
- Respeite a velocidade permitida da via.



SERVIÇO DE SEGURO DE ACIDENTE 0800 6000 116 (BR-116) 0800 6000 324 (BR-324)

ANTT VIABAHIA

Mostração

Par construir o universo temático que se resume em *o desafio de sanear o espaço urbano*, conforme se pode ver na linha de apoio, a imagem deixa o humano desfocado, traz os canos quebrados ao longo das paredes sem reboco em foco. A lente do fotógrafo mantém em foco também as construções não finalizadas, dejetos humanos seguindo o curso do rio poluído que circula entre as casas, reitera a enunciação do desafio de sanear, nomeado também por ocupação irregular. O irregular é marcado textualmente como *fundos de vale, encostas, canteiros e avenidas*.

O destaque na matéria traz a quantidade de casas sem saneamento e cuja razão é a ocupação de áreas irregulares.

Interação

O saber técnico da engenharia atribui à ocupação irregular a responsabilidade para poluição da cidade. No próximo item, temos que a escolha de fontes de saberes técnicos científicos é uma recorrência discursiva do jornal, que assume as posições discursivas desses sujeitos sociais constantemente. Não há, por exemplo, a fala de um morador, sobre o viver na encosta, as razões que o levaram a morar naquela localidade. Parece que o leitor de A Tarde não espera isso do jornal, ou jornal acredita que seu leitor não espera ouvir os moradores desses locais. O saber técnico prevalece sobre história de vida, a experiência.

Sedução

O jornal culpabiliza a ocupação irregular, mas não ouve quem ocupa, distribui sobre a ocupação afetos negativos. Ao silenciar os moradores, dando direito de fala às autoridades, objetifica-se os fatos, as pessoas, as situações.

Notas e contextos

A ocupação desordenada é causa da poluição dos rios de Salvador. Isso é o que sustenta o texto. Os especialistas são aqueles que dizem a razão do problema e aqui apontam como solução a retirada dos moradores. É o próprio Estado que sugere a solução, por meio da voz do especialista. As chuvas também configuram um elemento para o cenário de precariedade e poluição. Falta à enunciação enunciar as razões de ocupar de forma desordenada por parte dos moradores, não há um sociólogo ou antropólogo para explicar o

fenômeno social.

As fontes utilizadas são graduadas em engenharias que lidam com estrutura sanitária. As fontes tornam o problema técnico e simplificam a complexidade dos problemas ambientais, ignoram a necessidade de viver em encostas e vales por partes das classes subalternas, reforçam as Teorias de Malthus do século XIX

A praias não permanecem incólumes a todos os processos de degradação impostos pela ocupação irregular e pela assumida/ou imputada incapacidade do Estado de dirigir, conduzir os resíduos da sociedade para local de tratamento, durante períodos chuvosos. O roteiro do texto também inclui, como roteiro de construção de sentido, o conteúdo de um livro e resgata desses textos partes em que a ocupação irregular é posta como problema ambiental. O autor empírico não constrói sobre o tema a ideia de que a ocupação irregular é resultado de problemas sociais que culminam na pobreza, advinda da expropriação do trabalhador, das desigualdades sociais. A saúde de quem ali vive, mesmo com uma foto em que dejetos do lixo domésticos constam na legenda, também não é um universo semântico explorado pelo autor.

5. 3 AS FONTES: A ORQUESTRAÇÃO DE VOZES.

Uma das formas de tratar o *dialogismo* é pensar o interdiscurso, que confere ao discurso sua característica heterogênea, e a *polifonia*, que “fornece elementos para romper a ilusão de unicidade do sujeito” (ARAÚJO, 2000, p. 128). O Jornal A Tarde quando vai compor matérias/reportagens sobre poluição dá voz às instituições, aos especialistas e à sociedade civil comum, que são os personagens. Neste breve espaço, iremos fazer uma análise das fontes de forma quantitativa e qualitativa.

As fontes que o jornal coloca em cena são os interlocutores, que no jornal apresentam-se como *sujeito de enunciação*, descrita como a imagem social daquele que pode falar num jornal sobre um assunto ou defendendo uma entidade. Ou “a imagem daquele que se apresenta como interlocutor, responsável pelo discurso” (ARAÚJO, 2000, p. 127). A composição da imagem do sujeito de enunciação é uma operação de reconhecimento do capital simbólico, que se reveste do direito de falar. Isso pode se dar pela descrição da formação acadêmica, ou da ausência dela; dos títulos, prêmios, afiliação partidária, ou pelo poder de falar por uma comunidade discursiva organizada (ONG, Sindicato, Associação, Sociedade institucional,

comunidade LGBT e etc)³⁹. O interlocutor, ao falar, coloca em cena *enunciadores*, a operação dialógica do jornal, em geral, é compor e legitimar sua própria imagem por meio desses..

Portanto, a escolha das fontes é também uma escolha de construção da própria imagem do jornal, ou uma questão de disponibilidade, tempo e condições de produção prática – o jornalista precisa responder a demandas produtivas em breve espaço de tempo e sua dinâmica de produção está sempre em contato com outras dinâmicas, as quais possuem uma relação de tempo diferente. Ignorar a prática jornalística é apagar uma das marcas dos processos de produção dos discursos no jornal.

O campo⁴⁰ da ciência e da política encontram privilégio na produção discursiva no jornal A Tarde. E é observando os interlocutores que podemos entender os feitos desse privilégio. Inesita Soares Araújo (2004) sintetiza a ideia de Mercado Simbólico num artigo de sua dissertação de mestrado, elaborada na Escola de Comunicação ECO/UFRJ sob a orientação do professor Milton José Pinto. Tal dissertação originou o livro *A Reconversão do Olhar* (2000). Esse processo de comunicação ocorre num Mercado Simbólico em que há diferentes possibilidades de participação na produção desses sentidos sociais numa rede de sentidos, que a autora definiu na imagem abaixo.

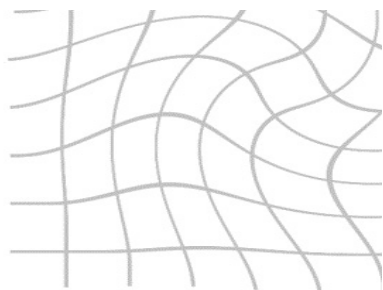


Figura 2 Redes de sentidos sociais (Ibid., id)

Cada indivíduo que participa desse mercado ocupa um lugar distinto numa espiral de posição discursiva, segundo o poder econômico, a posição social, o poder de participação na esfera política e a autoridade conferida socialmente. E isso é diferente para cada uma das

³⁹ Conceito descrito na próxima página.

⁴⁰ A noção de campo adotado aqui é descrita como um espaço social de domínio de saber, relativamente autônomo, no qual se consolidam a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital, numa definição de campo de Pierre Bourdieu (1989).

comunidades que está disputando uma posição discursiva. Essa espiral serve para ilustrar essas desigualdades no direito de falar:

A espiral também tenta solucionar a questão de como representar a desigualdade dos interlocutores quanto às condições de produção, circulação e consumo: justamente por meio da posição discursiva, mais ou menos distante do Centro ou da Periferia (ARAÚJO, 2004. p. 172).

A autora defende que quanto mais próximo do centro, maior o poder de *fazer crer e ver* seus discursos. (ARAÚJO e CARDOSO, 2006. p. 23). Abaixo a figura da espiral:

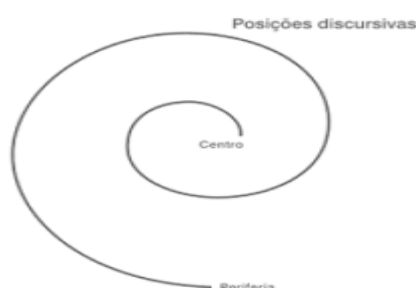


Figura 3 Espiral das posições discursivas (Ibid., id.)

Nesta espiral, situam-se os possíveis lugares de fala que podem ocupar as comunidades discursivas, ou interlocutores, definidas como “grupos de pessoas, organizados, ou não de forma institucional, que produzem e fazem circular discursos, que neles se reconhecem e são por eles reconhecidos” (ARAÚJO, 2004. p. 167). Para Inesita (2004), as comunidades discursivas são contextos dos interlocutores. Estes contextos que envolvem os interlocutores estão implicados na propriedade dos meios de comunicação ou produção, no lugar de interlocução, na condição econômica (contexto existencial), no lugar que o interlocutor ocupa na topografia social e institucional (contexto situacional) etc. E com isso constroem seu Poder Simbólico, conforme nos diz Pierre Bourdieu (1989). Na figura a seguir há uma representação da relação contextos e interlocutores:

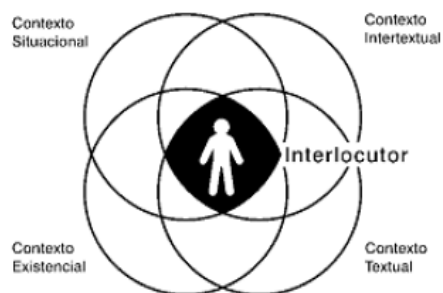


Figura 4 O interlocutor e seus contextos

O contexto intertextual diz respeito ao paradigma do *dialogismo*, que é o entendimento do sujeito com um sujeito múltiplo em suas leituras e discursos, por isso, nele diferentes vozes habitam e no ato de fala negocia consigo e com seus demais contextos o que quer fazer crer e ver. Mas esse ato de fala depende do modo como o sujeito é convocado a falar numa cena, ora ele propõe o debate, ora rebate, defende, explica, esse é o *contexto textual ou contexto da ação discursiva* (ARAÚJO, 2000, p.33). Esse contexto pode ser bem ilustrado pelos apostos que se seguem às falas entre aspas.

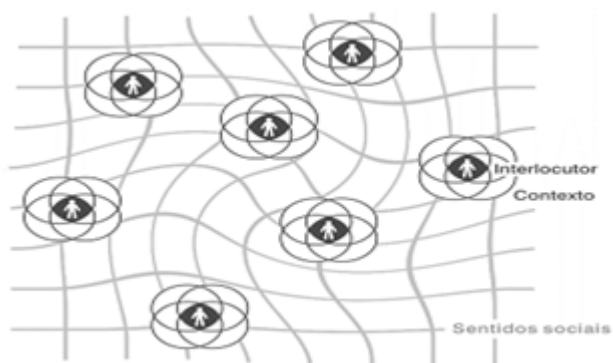


Figura 5 Mercado simbólico (Ibid., id.)

5.3.1 RESULTADOS

Ao olhar o jornal criamos categorias de instituições nas quais estão vinculadas as fontes, mas também há aqueles profissionais liberais e os personagens que são vocalizados. Esta observação e criação foram feitas com inspiração na dissertação de mestrado de Clarisse

Cavalcanti (2014) junto ao PPGICS, orientada pela professora Dra. Kátia Lerner. Viu-se, assim, que as instituições públicas da administração (Prefeitura e Estado) aparecem (19 vezes nas matérias principais e 12 nas secundárias) recorrentemente no espaço principal e os personagens (sete vezes na principal e oito vezes nas secundárias), descritos por sua profissão, ou idade, ou local em que moram, ocupam, em suma, os espaços dedicados aos textos secundários. Os primeiros estão apoiados por verbos como explicar, rebater, indicar. Os segundos com os verbos contar e comentar, colocados em geral nos apostos.

As instituições públicas são vocalizadas por meio de notas ou por entrevista direta com a fonte. As instituições públicas presentes em geral nos textos são o INEMA (cinco vezes nas matérias principais e três nas secundárias), as secretarias municipais (cinco vezes na principal) e a secretaria estadual, a EMBASA (quatro vezes na principal e duas nas secundárias). Os prefeitos em geral não aparecem nas matérias/ textos para tratar do tema, o que é delegado aos secretários e coordenadores. As fontes do governo do Estado são o secretário estadual, Eugênio Spengler, e o coordenador do INEMA, Eduardo Topázio, ao longo dos quatro anos observados.

A medicina e a engenharia são as principais formações das fontes. Os secretários, coordenadores e gestores públicos são identificados como engenheiros (cinco vezes, entre os textos). As duas fontes da UFBA são professores e pesquisadores da Escola Politécnica, a escola de engenharia. O coordenador do INEMA é um engenheiro e as fontes para a saúde são médicos especializados: epidemiologista (2), dermatologia (2), pneumologia (1), epidemiologista (2) e um pesquisador de saúde pública. Há um psicólogo, numa matéria secundária e um geógrafo em uma principal, vezes que aparecem uma vez em cada umas das matérias.

As pesquisas realizadas por entidades públicas aparecem também na parte principal e, no geral, exercem a função de validar a enunciação, a razão da existência da matéria/reportagem, pela sua função de atualização. Os especialistas que presidem sociedades e associações ocupam o espaço principal, enquanto os especialistas (epidemiologista, dermatologista, farmacêutica) que falam sem representar uma entidade são colocados nas secundárias.

As organizações do terceiro setor, em suma, ocupam a parte principal dos textos porque divulgam estudos: como o IEMA, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), e a Fundação SOS Mata Atlântica. O mesmo acontece com o jornal A Tarde, que se coloca textualmente como agente da cena, que visita, constata e verifica, todos verbos alinhados à ideia do jornal como relator de fatos. No gráfico abaixo, as fontes são

distribuídas em seu aparecimento. Na série 1, em azul são as matérias secundárias e em vermelho as matérias principais.

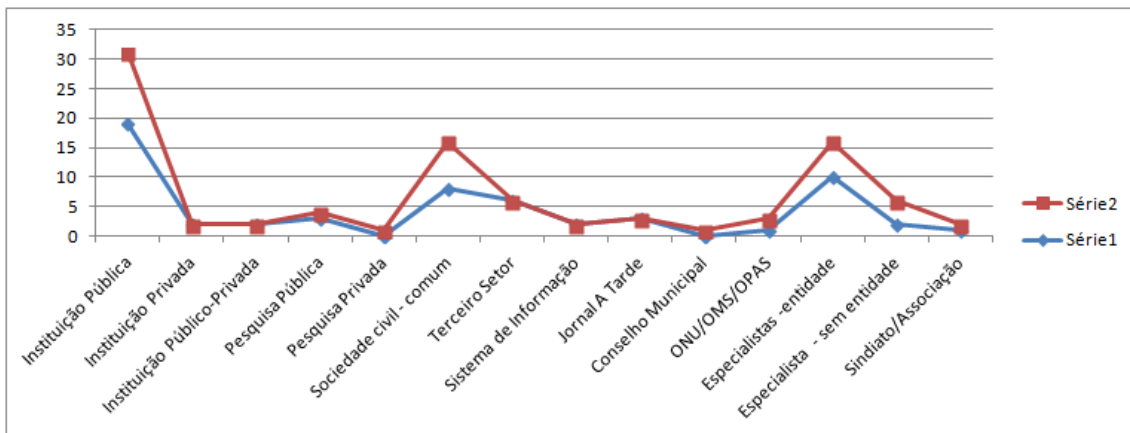


Figura 6 As fontes escolhidas e suas credenciais

Viu-se, assim, que o jornal privilegiou as fontes das instituições públicas, vocalizados por seus gestores, secretários, em suma vozes masculinas, as mulheres são em geral médicas ou personagens (a banhista, a desempregada, a mãe) que relatam suas experiências para o jornal. Nessa relação (conforme se comprova no item a seguir) estabelecem-se junto ao Jornal, na relação entre os *enunciadores* postos em cena pelo jornal uma *relação pragmática* de proximidade, de didática e compartilhamento de valores (PINTO, 2002, 36).

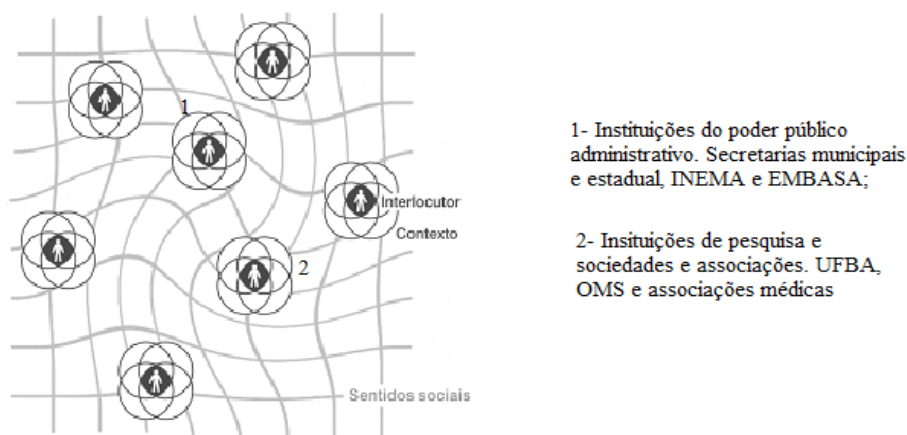


Figura 7 Esboço do Mercado Simbólico aplicado ao jornal A Tarde

Essa figura acima propõe ilustrar os lugares de fala que os interlocutores assumem nas matérias/reportagens coletadas para essa análise, a partir do que foi descrito como Mercado Simbólico por Inesita Araújo (2004). Podemos ver que Política e Ciência ocupam lugares centrais e a sociedade civil comum, personificada por descrições como ambientalistas, banhistas, pescadores, sindicalista, moradores e marisqueiros, estão na periferia do processo de circulação de sentidos sociais, reproduzindo e constituindo a partir do poder de deixar/fazer falar e deixar/fazer dizer as desigualdades sociais do mundo presente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se debruçou sobre o jornal A Tarde, em seus exemplares publicados entre 1 de janeiro de 2012 e 31 de dezembro de 2015, anos marcados por distintos acontecimentos: a Rio+20 e o aparecimento do Zika Vírus. O que nos trouxe até aqui foi o interesse por perceber no jornal como tal espaço e agente social constrói sentidos quando trata do Polo Industrial de Camaçari, mas o Polo se dispersou, e a pergunta ficou mais ampla. Mudamos o corpus. Foi-se então investigar quais os *modos de dizer* quando trata da poluição ambiental e quais as correlações com o Polo Industrial de Camaçari.

A primeira constatação que se pode depreender dessa análise é que no jornal A Tarde há um silenciamento ou descolamento entre o que o *corpus* chama de Salvador e Região Metropolitana e o território político-administrativo, tão profundo que mesmo para o analista há um momento de esquecimento da existência do Polo Industrial de Camaçari e do município de Camaçari. O Polo não existe como *enunciador* na cena da poluição. Ou não faz parte do universo temático da poluição que o jornal constrói. Foi preciso olhar para as fontes, desmontar os textos, observar os enunciados, os enunciadores que de se vale o jornal para entender que não é o apagamento do Polo que o jornal opera, mas o descolamento entre a cena da poluição e iniciativa privada. Isso se dá pela baixa participação quantitativa e qualitativa de fontes credenciadas pela iniciativa privada (ver quadro na página 122), não a pondo como *interlocutor*, nem criando uma enunciação da qual faça parte ou ignorando esses enunciadores.

As fontes credenciadas pelas instituições públicas são *interlocutores* que ocupam lugar central na produção de sentido. Isso se constata pela reverberação de seus discursos, os quais muitas vezes se tornam o título das matérias/reportagens, pelo espaço maior concedido, pelos apostos que indicam saber e poder e os verbos como *apontar*, *indicar*, *explicar*. A relação entre o jornal e as fontes públicas faz parte da forma como o jornal se credencia para seu leitor. As fontes de instituições públicas parecem um recurso que confere maior neutralidade.

O descolamento de Salvador da região Metropolitana é um tema que renderia uma análise posterior, mas que aqui é uma constatação importante e que nos parece como resultado dos processos discursivos de apagamento das marcas históricas das formações e relações territoriais. Mas também é essa uma operação discursiva que se dá na temática da poluição. A poluição só é um processo enquanto resultado do indivíduo, mas em geral é algo que está dado, naturalizado. O jornal cria sentidos de resultados sintomáticos dessa poluição: as

doenças de pele, a proliferação do mosquito e a sujeira na praia, em suma. Desaparecem as doenças crônicas, aparecem os agravos, ou seja, desprovidos de história, de processo, de contexto.

O aparecimento do agravo em detrimento da doença é resultado do modo como o jornal parece compreender saúde. Neste caso, a que concebemos e descrevemos como saúde negativa, que na prática médica repercute na terapêutica com foco na cura e não na história, no processo saúde-doença, nas situações que levaram a doença a aparecer. O jornal A Tarde não entende a doença como relacionada às condições de vida, mas como um aspecto biológico. Obviamente que existem momentos em que discursos divergentes irão surgir, como em 2013, após os movimentos de junho, convocando o jornal a pensar o transporte público como uma condição de vida e determinante na saúde.

Mas a saúde se perde no desmonte dos textos. São os discursos higienistas, ou do risco, o discurso da sustentabilidade, que irão despontar nas enunciações. E, além de algo dado, a poluição é resultado da falta de consciência ambiental, do consumo de carros, é produto da ação individual. Às vezes, algo próprio do soteropolitano, que diminui a qualidade dos recursos naturais e leva aos riscos da doença. O jornal se atribui a função de educar, educar para melhorar a desordem, para reconhecer um rio, para não jogar lixo onde não se deve. A poluição é dada como algo que está, que causa efeitos, mas não é captada como fenômeno histórico. Apagar as marcas do contexto, da história é tornar algo ideológico, diria Verón (1993, p.23): “Ideológico é a anulação de toda posibilidad de desdoblamiento, de encuentro com extra-discursivo, como sendo el único possible sobre objeto, como si fuese absoluto”.

Giddens (1990) vai dizer que a prudência é uma das características da modernidade, é parte da identidade dos sujeitos. Embora o *corpus* seja restrito para analisar o contrato de leitura do jornal, ao escolher esse tema para enunciar A Tarde mostra que seu leitor espera do jornal que ele ajude a ser esse sujeito prudente, da ordem. Este sujeito que confia nos *sistemas peritos* que “dita” quais lugares ele deve tomar banho, como e por quanto tempo deve escovar os dentes, se haverá ou não escassez, como estão as barragens e etc. O jornal usa palavras de ordem, mas é o banhista quem deve operar a ação e evitar trechos específicos de praias.

Defendemos que, basicamente, os textos (reportagens/ matérias) participam da constituição de uma matriz discursiva: o grupo que concentra o discurso do desenvolvimento sustentável, constituído da relação pragmática pedagógica. A ideia de que as ações sobre o ambiente podem mudar devido a uma consciência ambiental é materializado e escrito na primeira pessoa do plural (nós) e o discurso incorpora uma coletividade em torno do tema,

tem como proposta alerta a sociedade e traz o indivíduo comum para a luta pelas questões ambientais.

O discurso do desenvolvimento sustentável foi sendo legitimado, oficializado e difundido amplamente com base na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, celebrada no Rio de Janeiro, em 1992. Mas a consciência ambiental surgiu nos anos 60 com a primavera silenciosa de Rachel Carson, e se expandiu nos anos 70, depois da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, celebrada em Estocolmo, em 1972. Naquele momento é que foram assinalados os limites da racionalidade econômica e os desafios da degradação ambiental ao projeto civilizatório da modernidade (LEFF, 2011, p. 16)

Hoje, o processo histórico foi suprimido pelo discurso do desenvolvimento sustentável, na medida em que o ambiente se tornou mercadoria, uma coisa. Portanto, o discurso do desenvolvimento sustentável é uma reapropriação do ambiente de modo ideológico com a capitalização da natureza (Ibid. id, p. 18). Inserido nesse contexto, o discurso da consciência ambiental trazido no material em análise é o discurso do desenvolvimento sustentável dos idos dos anos 80 vindo para a superfície textual e propagado pelo jornal. O papel social das empresas, que já estava descrito em 1977, é anulado e o indivíduo comum é interpelado na sua falta de prudência, um dos valores da modernidade radicalizada (GIDDENS, 1990). Viu-se muitas vezes no jornal como se o indivíduo fosse em busca da doença, mesmo diante do risco, em busca de algo do qual pode estar distante, o processo saúde-doença é, neste caso, comportamental.

A poluição está dada, as medidas são comportamentais, e confia-se no saber técnico dos engenheiros, dos especialistas, ou o olhar biologizante do médico sobre o corpo. Defendemos, contudo, que a poluição é um problema socioambiental, um produto material dos processos históricos desde os pré-modernos, antes da primeira Revolução Industrial, na Inglaterra, mas que ganhou força com a complexidade da sociedade, as novas demandas sociais. A poluição deve ser enfrentada enquanto um problema social e de saúde, que reproduz injustiças sociais e ambientais. Aos jornais, cabe repensar esses processos e como reproduz as injustiças que ajuda a construir, ao se revestir do papel social de educador para o ambiente, rompendo com o senso comum que a própria instituição jornalismo ajudou a criar ao perpetuar sentidos hegemônicos.

7 REFERÊNCIAS

Sites visitados:

ANP. **Dados estatísticos**. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/wwwanp/dados-estatisticos>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

CTPEC/INPE. **Qualidade do ar**. Disponível em: <<http://meioambiente.ctpec.inpe.br/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DATASUS. **Internações por município CID10**. Disponível em: <<http://datasus.saude.gov.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

ECYCLE. **Ozônio: vilão ou mocinho?**. Disponível em: <<http://www.ecycle.com.br/component/content/article/63-meio-ambiente/2026-ozonio-o3-poluente-camada-efeito-estufa-resumo-purificador-trivalente-ar-atomico-destruicao-contaminacao.html>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

FAPESP. **Biblioteca Virtual da Fapesp**. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/125569/overt-primary-hypothyroidism-in-an-industrial-area-in-sao-pa/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

HOJE MACAU. **Em plena época de poluição atmosférica**. Disponível em: <hojemacau.com.mo/2017/02/13/ambiente-macau-em-plena-epoca-de-poluicao-atmosferica/>. Acesso em: 05 jan. 2017.

LABJOR UNICAMP. **COVs: os pouco estudados vilões das emissões veiculares**. Disponível em: <http://www.labor.unicamp.br/midiaciencia/article.php3?id_article=431>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NATURE. **Nature ecology & evolution**. Disponível em: <<http://www.nature.com/articles/s41559-016-0051>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

NEW YORK TIMES. **India's air the world unhealthiest, study, says**. Disponível em: <https://india.blogs.nytimes.com/2012/02/01/indias-air-the-worlds-unhealthiest-study-says/?_r=0>. Acesso em: 16 mar. 2016.

ONU. **Poluição aumenta de 50 mais na África, América Latina e Ásia**. Disponível em: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/08/poluicao-dos-rios-aumenta-mais-de-50-na-afrika-america-latina-e-asia/#.wkkvo_lji2g>. Acesso em: 18 out. 2016.

PÚBLICO. **Nas águas do Tejo**. Disponível em: <hojemacau.com.mo/2017/02/13/ambiente-macau-em-plena-epoca-de-poluicao-atmosferica/>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SEEG BRASIL. **Base de dados por emissões - estado**. Disponível em: <<http://plataforma.seeg.eco.br/map>>. Acesso em: 16 out. 2016.

UOL NOTÍCIAS. **Brasil tem 2 empresas na lista das 50 maiores poluidoras do mundo**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2013/09/12/brasil-tem-2-empresas-na-lista-das-50-maiores-poluidoras-do-mundo.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

WHO. **Air pollution global assessment**. Disponível em: <<http://who.int/phe/publications/air-pollution-global-assessment/en/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

Livros e artigos

ALMEIDA-FILHO, N. **O que é Saúde?** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011;

ARAÚJO, I. S. de. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 165-178, 2004;

_____. **A reconversão do olhar**. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2000;

ARAÚJO, I. S. DE; CARDOSO, J. M. **Comunicação e Saúde**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007;

BAKHTIN, M.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004;

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-306;

_____. **The problem of speech genres**. In: Emerson, C.; Holquist, M. (Eds.), *Speech Genres and other late essays*. Austin, Texas: University of Texas Press, 1994. p. 60-102.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012;

CAVALCANTI, C. C. Os Sentidos do Sistema único de Saúde na mídia impressa do Ceará – Um estudo do jornal O Diário do Nordeste. Dissertação de Mestrado. Instituto de Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/FIOCRUZ). Rio de Janeiro, 2014;

CARDOSO, J. M. **Textos que desafiam**. p. 27-74.. In:___ Comunicação, saúde e discurso preventivo: reflexão a partir da leitura das campanhas nacionais de Aids veiculadas pela TV (1987-1999). Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001;

CASTIEL, L. D., GUILAM, M. C., e FERREIRA, M. S. **Correndo o risco - Uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010;

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. 2, ed. 3ª impressão. São Paulo: Contexto, 2015;

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Gênero de Discurso**. In: O Dicionário da Análise de Discurso;

CZERESNIA, D., MACIEL, E. M. G de S., e OVIEDO, R. A. M. **Os Sentidos da Saúde e Da Doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013;

COSTA, K. **Silenciamento epidemiológico na Petroquímica: Informação e Comunicação em Saúde no Polo de Camaçari - Bahia**. In: XXXVIII, 2015. Anais e apresentação oral. Rio de Janeiro: Intercom, 2015;

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UNB), 2001;

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006;

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013;

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GREGOLIN, M. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso - diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GOMES, W. **Jornalismo fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. 1. vol. **Florianópolis**: Posjor/UFSC-Insular, 2009.

ICS-UFBA, 2016. **ISC- O que é Saúde Coletiva?** Disponível em novembro de 2016: http://www.isc.ufba.br/?page_id=225

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 8ª. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 494 páginas.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. POSSENTI, S. e SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs), diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **Saúde e Ambiente: uma relação necessária**. IN: CAMPOS, G. W. de S. *et al* (Orgs). **Tratado de Saúde Coletiva**. Editora Hucitec – Fiocruz: São Paulo – Rio de Janeiro, 2009 (2ª edição).

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PAIM, J. **O que é o SUS?**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

PEREIRA, B. B. e LIMONGI, J. E. **Epidemiologia de despechos na saúde humana relacionados à poluição atmosférica no Brasil: uma revisão sistemática**. Cad. saúde colet.[online]. 2015, vol.23, n.2, pp.91-100. ISSN 1414-462X. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201400050103>.

PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso**. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002;

REIS, M. L. A. dos. **A Cor da Notícia**: Discurso sobre o negro na imprensa baiana – 1888-1937. Dissertação (Mestrado em História Social / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Salvador : Universidade Federal da Bahia, 2000;

SEVA FILHO, A. O. **Como estão as "manchas ácidas" no Brasil?**. *Estud. av.*, São Paulo , v. 5, n. 11, p. 81-107, Apr. 1991 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100007>;

SOUSA, J. P. (2008). **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. In: SOUSA, J. P. (Org.). *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso-Brasileiras*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, p.12-93;

_____ **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 30 de julho de 2016;

VERÓN, E.. **La Semiosis Social. Fragmentos de uma teoria de la discursividad**. Editorial Gedisa: Barcelona, 1993

VERÓN, E. **Fragmentos de Um Tecido**. Ediora Unisinos: São Leopoldo, 2005.

8 ANEXOS

1. MAPAS DO CPTEC

COMO ACESSAR: Site do CTPEC/ INPE ([www. http://meioambiente.cptec.inpe.br](http://meioambiente.cptec.inpe.br)) > QUALIDADE DO AR (canto direito superior do menu de ambientes)
<http://meioambiente.cptec.inpe.br/index.php?lang=pt>

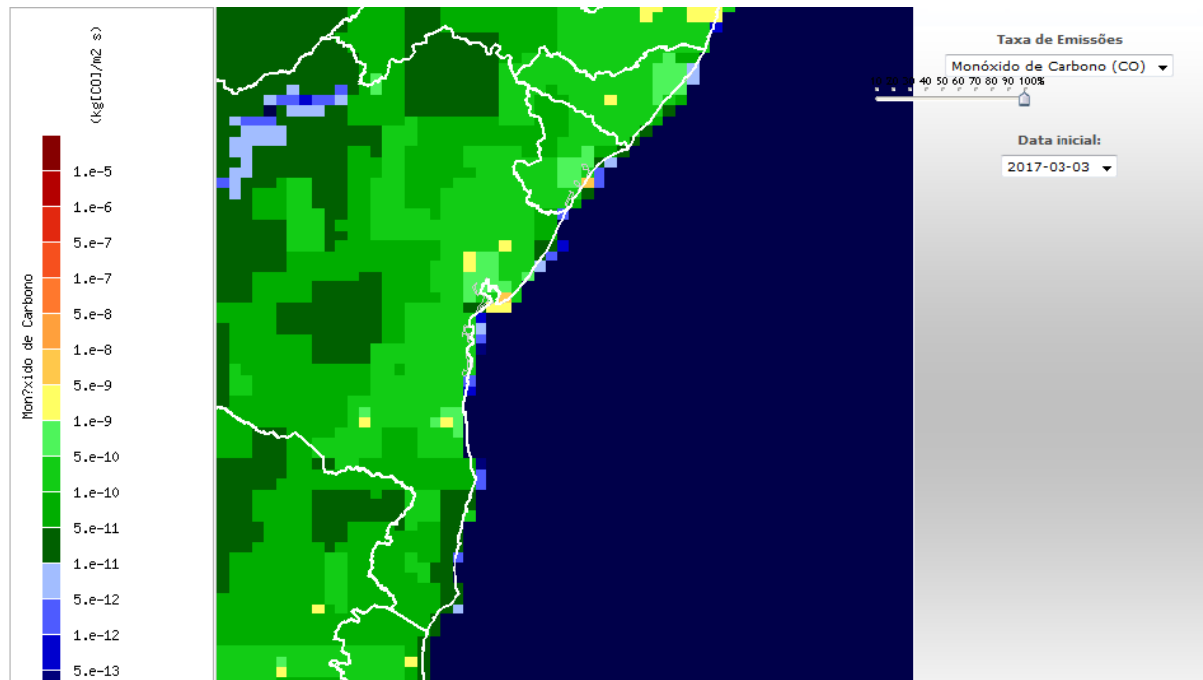
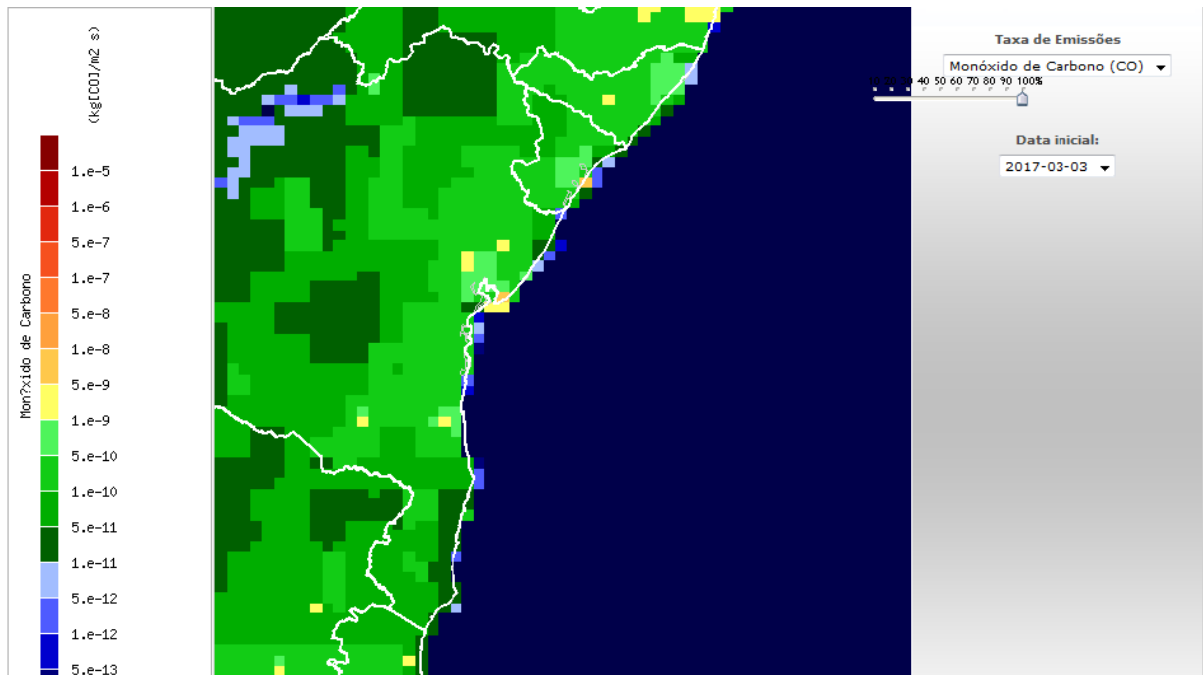
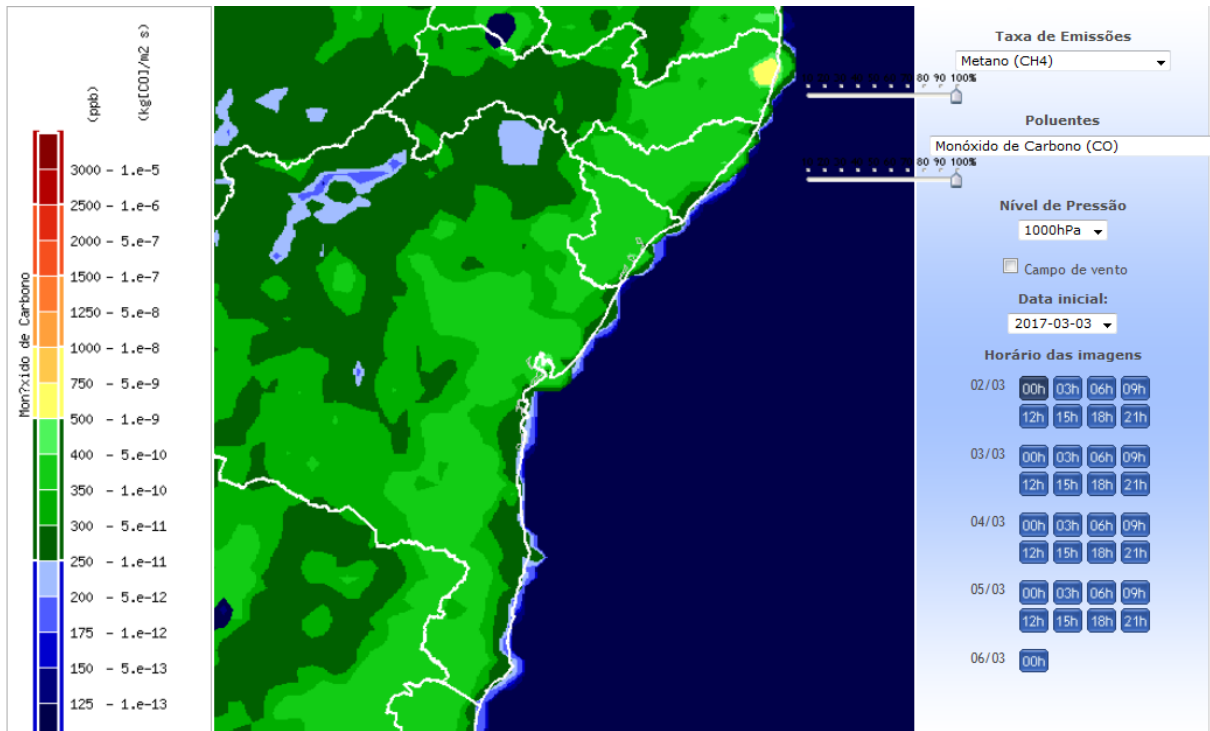


Figura 8 Qualidade do ar geral - Monóxido de Carbono. O ponto laranja é o local da ZIP



| Data da Publicação | Editoria | Retranca | Página |
|---------------------------|-----------------|------------------|---------------|
| 2012.01.23 | Bahia | Itabuna | A9 |
| 2012.01.26 | Bahia | Feira de Santana | A9 |
| 2012.01.31 | Salvador | Meio Ambiente | A4 |
| 2012.03.04 | Salvador | Saneamento | A6 |
| 2012.03.19 | Escola Viva | Educação | A6 |
| | A Caminho da | | |
| 2012.03.20 | Universidade | Educação | A5 |
| 2012.03.23 | Salvador | Meio Ambiente | A4 |
| 2012.04.08 | Ciência& Vida | Saúde | B4 |
| 2012.05.19 | A Tardinha | | |
| 2012.06.03 | Política | Ambiente | A12 |
| 2012.06.08 | Salvador | Saúde | A4 |
| 2012.06.17 | Salvador | Habitação | A4 |
| 2012.07.01 | Salvador | Ambiente | A4 |
| 2012.07.23 | Salvador | Risco | A4 |
| 2012.08.22 | Motor | | 8 |
| 2012.08.25 | Salvador | RMS | A6 |
| 2012.09.07 | Salvador | Praias | A4 |
| 2012.09.21 | Salvador | Meio Ambiente | A10 |
| 2012.10.08 | Viajar | Ecoturismo | 5 |
| 2012.10.14 | Ciência& Vida | Meio Ambiente | B4 |
| | A Caminho da | | |
| 2012.10.23 | Universidade | Oportunidade | A6 |
| 2012.10.28 | Ciência& Vida | Meio Ambiente | B8 |
| 2012.11.02 | Salvador | Promessa | A5 |
| 2012.11.03 | Salvador | Prevenção | A4 |
| 2012.11.25 | Ciência& Vida | Meio Ambiente | B4 |

| Data | Editoria | Retranca | Página |
|-------------|-----------------|--------------------|---------------|
| 2013.01.06 | Salvador | Saúde | A7 |
| 2013.03.06 | Salvador | Saúde | A4 |
| 2013.03.07 | Salvador | Poluição | A4 |
| 2013.03.19 | Salvador | Clima | A8 |
| 2013.03.29 | Especial | Conscientização | 3 |
| 2013.04.24 | Salvador | Infraestrutura | A6 |
| 2013.04.28 | Salvador | Cidade Baixa | A4 |
| 2013.05.01 | Salvador | Polêmica | A4 |
| 2013.05.15 | Salvador | Cidade Baixa | A8 |
| 2013.07.07 | Bahia | Recôncavo | A9 |
| 2013.07.22 | Salvador | Orla | A4 |
| 2013.07.27 | Imobiliário | Tecnologia | 4 |
| 2013.09.02 | Salvador | Pesquisa | A4 |
| 2013.09.22 | Bahia | Praia | A6 |
| 2013.10.14 | Salvador | Transito | A4 |
| 2013.10.22 | Salvador | Praias | A7 |
| 2013.10.20 | Ciência&Vida | Qualidade do Ar | B10 |
| 2013.11.04 | Agronegócios | Sustentabilidade | B6 |
| 2013.11.12 | Salvador | Orla | A4 |
| 2013.11.12 | Salvador | Meio Ambiente | A5 |
| 2013.11.18 | Bahia | Meio Ambiente | A7 |
| 2013.11.23 | Salvador | Saúde | A6 |
| 2013.12.20 | Salvador | Acidente Ambiental | A9 |
| 2013.12.19 | Salvador | Aratu | A4 |

| Data | Editoria | Retranca | Página |
|-------------|-------------------|-----------------|---------------|
| 2014.01.14 | Autos | | 9 |
| 2014.01.25 | A Tardinha | Ciência | |
| 2014.01.25 | Salvador | Abastecimento | A4 |
| 2014.01.27 | Salvador | Requalificação | A5 |
| 2014.02.02 | A Tardinha | | |
| 2014.02.07 | Salvador | Aratuba | A6 |
| 2014.03.22 | Salvador | Dia da Água | A4 |
| 2014.04.06 | Salvador | Meio Ambiente | A4 |
| 2014.04.13 | Ciência&Vida | Prevenção | B10 |
| 2014.04.25 | Salvador | Seminário | A8 |
| 2014.07.27 | Salvador | Ambiente | A9 |
| 2014.07.29 | Bahia | Ambiente | A4 |
| 2014.09.07 | Economia&Negócios | Diagnóstico | B6 |
| 2014.09.14 | Salvador | Higiene | B4 |
| 2014.09.25 | Salvador | Capital | A4 |
| 2014.10.25 | Bahia | Agressão | A9 |
| 2014.10.25 | A Tardinha | | 6 |
| 2014.10.26 | Salvador | Transporte | B2 |
| 2014.11.12 | Autos | | 8 |
| 2014.11.30 | Salvador | Esgoto | A4 |
| 2014.12.14 | Salvador | Verão | A6 |
| 2014.12.14 | Salvador | Verão | A7 |
| 2014.12.19 | Salvador | Litoral Norte | A11 |
| 2014.12.30 | Salvad | Transporte | A4 |

| Data | Editoria | Retranca | Página |
|-------------|-----------------|------------------|---------------|
| 01.01 | Bahia | Meio Ambiente | A8 |
| 01.13 | Salvador | Meio Ambiente | A8 |
| 01.21 | Salvador | Orla | A4 |
| 01.25 | Salvador | Rios | A5 |
| 02.10 | Bahia | Feira de Santana | b1 |
| 02.26 | Esporte | Rio 2016 | 3 |
| 02.29 | A Tardinha | | 4 e 5 |
| 03.05 | Esporte | Olimpiadas | 3 |
| 03.07 | Imobiliario | Qualificação | 3 |
| 03.13 | Esporte | Treino Especial | 4 |
| 03.24 | Salvador | Surto | A5 |
| 04.21 | Bahia | Perícia | A7 |
| 05.25 | Agronegócio | Estiagem | B6 |
| 06.07 | Ciência & Vida | Insalubridade | B10 |
| 07.29 | Autos | | 4 |
| 08.08 | Salvador | Protesto | A4 |
| 08.24 | Salvador | Transporte | A4 |
| 10.24 | Salvador | Ambiente | A4 |